



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

NATHÁLIA GRAVONSKI CODINHOTO

A MODALIDADE TELEOLÓGICA NO GUINEENSE

FLORIANÓPOLIS – SC

2024

NATHÁLIA GRAVONSKI CODINHOTO

A MODALIDADE TELEOLÓGICA NO GUINEENSE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientador(a): Profa. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Rech

FLORIANÓPOLIS - SC

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Gravonski Codinhoto, Nathália
A MODALIDADE TELEOLÓGICA NO GUINEENSE / Nathália
Gravonski Codinhoto ; orientadora, Núbia Saraiva Ferreira
Rech, 2024.
195 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. modalidade teleológica. 3. guineense.
4. força modal. I. Saraiva Ferreira Rech, Núbia. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Linguística. III. Título.

NATHÁLIA GRAVONSKI CODINHOTO

A MODALIDADE TELEOLÓGICA NO GUINEENSE

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 18 de março de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Rech
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Orientadora

Profa. Dra. Shirley Freitas
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Membro externo

Prof. Dr. Luiz Fernando Ferreira
Universidade de São Paulo (USP)
Membro externo

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Rech
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Meus mais profundos agradecimentos a Deus, por toda luz e bênção que despejou sobre mim ao longo de todo esse processo, pela força que me deu para enfrentar os desafios encontrados e para continuar seguindo em frente. Agradeço também a toda minha família, em especial à minha mãe, Soraya Ferreira Gravonski, por ter me apoiado e por sempre me dar todo o suporte necessário, pela paciência, cuidado e amor. Agradeço ao meu pai, Vander Fernando Tuckumantel Codinhoto, por nunca deixar faltar absolutamente nada e por todo suporte. Agradeço também ao meu irmão, Thiago Gravonski Codinhoto, por torcer por mim e me tirar risadas nos momentos difíceis.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Rech, por todas as orientações, pelos ricos ensinamentos, pelas horas dedicadas às nossas reuniões de orientação e à leitura da redação, até mesmo nos finais de semana e nas férias! Obrigada pelo carinho, pela paciência comigo e por sempre acreditar no meu potencial. Agradeço a Deus todos os dias por ter colocado uma pessoa tão maravilhosa na minha vida.

Aos professores Dr. Maurício Resende, Dra. Shirley Freitas e Dr. Luís Fernando, agradeço por aceitarem o convite de fazer parte da banca examinadora deste trabalho e também por todas as sugestões que pontuaram para tornar esse trabalho ainda mais rico.

Meu genuíno agradecimento aos meus colegas, que me auxiliaram durante todo o processo. Agradeço ao Lucas Inlaté, pelo tempo dedicado à consultoria, às traduções e às gravações de áudio. Agradeço à Hanna Boassi, por dedicar tempo às ilustrações das *storyboards*; ao Lucas Cabi e ao Mamadu Baciro Balde, pelo tempo dedicado às traduções, e também à Rejane de Grandi, pelo tempo dedicado em me auxiliar sempre que precisei.

Do fundo do meu coração, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), por me proporcionarem espaço para realizar esse estudo, pelos ótimos professores e outros profissionais que me auxiliaram ao longo do processo.

Agradeço profundamente, enfim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro durante a realização deste trabalho.

Resumo: Este estudo descreve e analisa, do ponto de vista sintático e semântico, a marcação de modalidade teleológica no guineense, com foco na força modal. O guineense é uma língua de base lexical portuguesa, falada pela maior parte da população de Guiné-Bissau, que concorre com as línguas étnicas presentes no país e com o português, a língua oficial e de ensino (EMBALÓ, 2008; COUTO; EMBALÓ, 2010). Trata-se de uma língua crioula que surgiu em um contexto de escravidão na época da colonização portuguesa na África. A composição de uma língua crioula se origina na combinação de uma língua base, o superestrato, fonte de seu léxico, e de uma língua de substrato (HOLM, 2000). No caso do guineense, o português é a língua base, que compõe 80% de seu léxico, e as línguas africanas são as línguas de substrato (cf. EMBALÓ, 2008; SCANTAMBURLO, 2013). A modalidade teleológica estabelece uma relação entre o que é necessário e/ou possível fazer (o meio) para atingir uma determinada meta. Neste estudo, investigaram-se os auxiliares modais no guineense que expressam modalidade teleológica, buscando, em específico, distinguir os modais que expressam força modal de necessidade teleológica forte (cf. von Wright, 1963; Copley, 2010), necessidade teleológica fraca (cf. Sloman, 1970; von Fintel e Iatridou, 2005) e força modal de possibilidade teleológica (cf. Nissenbaum, 2005). A metodologia adotada para esta pesquisa se dividiu em duas etapas: (i) a elaboração, coleta e análise de dados linguísticos e socioculturais para auxiliar na construção de contextos que não fugissem da realidade da comunidade dos grupos étnicos; e (ii) a elaboração de um questionário de elicitación de modais teleológicos para o estudo da modalidade teleológica no guineense. O primeiro questionário revelou as principais línguas faladas por um guineense, os contextos em que essas línguas são adquiridas/aprendidas e a frequência de uso dessas línguas, além da relação de preferência na aquisição/aprendizado do guineense, das línguas étnicas e do português como L1, L2 e/ou L3. O segundo questionário revelou alguns elementos culturais de grupos étnicos da Guiné-Bissau: cerimônia de circuncisão, cerimônias de casamento e cerimônias fúnebres; tais rituais e cerimônias são meios necessários para que os guineenses atinjam algumas metas. Por fim, o terceiro questionário, baseado no questionário modal de Vander Klok (2023), nas *storyboards* do grupo *TFS* (ver <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/>) e no livro *Nossas raízes/No rais* (RECH et al, 2023), revelou o seguinte: (i) no guineense, o tipo de modalidade é dada no contexto; (ii) ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’ são verbos auxiliares que expressam modalidade teleológica no guineense; (iii) no guineense, a necessidade teleológica forte e a necessidade teleológica fraca são expressas preferencialmente por ‘ten ku’, seguido de ‘dibi di’; e a possibilidade teleológica é expressa preferencialmente por ‘dibi di’, seguido por ‘ten ku’. Ainda, o auxiliar

‘dibi di’ aparece marcando tanto necessidade como possibilidade, comportando-se como ‘dever’ do português, um modal dual, cuja força é determinada por informações do contexto. Por fim, o modal ‘pudi’ foi empregado em uma frequência significativamente menor em todos os contextos, o que revela não ser o preferido na expressão de nenhuma força, nem mesmo de possibilidade teleológica.

Palavras-chave: modalidade teleológica; força modal; guineense.

Summary: This study describes and analyses, from a syntactic and semantic point of view, the marking of teleological modality in Guinean, focusing on modal strength. Guinean is a language with a Portuguese lexical base, spoken by the majority of the population of Guinea-Bissau, which competes with the ethnic languages present in the country and with Portuguese, the official and teaching language (EMBALÓ, 2008; COUTO; EMBALÓ, 2010). It is a creole language that emerged in a context of slavery at the time of Portuguese colonization in Africa. The composition of a creole language originates from the combination of a base language, the superstrate, source of its lexicon, and a substrate language (HOLM, 2000). In the case of Guinean, Portuguese is the base language, which makes up 80% of its lexicon, and African languages are the substrate languages (cf. EMBALÓ, 2008; SCANTAMBURLO, 2013). The teleological modality establishes a relationship between what is necessary and/or possible to do (the means) to achieve a certain goal. In this study, we investigated the modal auxiliaries in Guinean that express teleological modality, specifically seeking to distinguish modals that express modal force from strong teleological necessity (cf. von Wright, 1963; Copley, 2010), weak teleological necessity (cf. Sloman, 1970; von Fintel and Iatridou, 2005) and modal force of teleological possibility (cf. Nissenbaum, 2005). The methodology adopted for this research was divided into two stages: (i) the elaboration, collection and analysis of linguistic and sociocultural data to assist in the construction of contexts that do not deviate from the reality of the community of ethnic groups; and (ii) the development of a teleological modal elicitation questionnaire for the study of teleological modality in Guinean. The first questionnaire revealed the main languages spoken by a Guinean, the contexts in which these languages are acquired/learned and the frequency of use of these languages, in addition to the preference relationship in the acquisition/learning of Guinean, ethnic languages and Portuguese as L1, L2 and/or L3. The second questionnaire revealed some cultural elements of ethnic groups in Guinea-Bissau: circumcision ceremony, wedding ceremonies and funeral ceremonies; such rituals and ceremonies are necessary means for Guineans to achieve some goals. Finally, the third questionnaire, based on Vander Klok's (2023) modal questionnaire, in the *storyboards* of the group *TFS* (see <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/>) and also in the book *Nossas raízes/No rais* (RECH et al, 2023), revealed the following: (i) in Guinean, the type of modality is given in the context; (ii) 'ten ku', 'dibi di' and 'pudi' are auxiliary verbs that express teleological modality in Guinean; (iii) in Guinean, the strong teleological necessity and the weak teleological necessity are expressed preferably by 'ten ku', followed by 'dibi di'; and the teleological possibility is expressed preferably by 'dibi di', followed by 'ten ku'. Furthermore,

the auxiliary ‘dibi di’ appears to mark both necessity and possibility, behaving like ‘dever’ in Portuguese, a dual modal, whose strength is determined by information from the context. Finally, the modal ‘pudi’ was used at a significantly lower frequency in all contexts, which reveals that it is not preferred in the expression of any force, not even teleological possibility.

Key words: teleological modality; modal strength; Guinean.

Resumen: Este estudio describe y analiza, desde un punto de vista sintáctico y semántico, la marcación de modalidad teleológica en guineano, centrándose en la fuerza modal. El guineano es una lengua de base léxica portuguesa, hablada por la mayoría de la población de Guinea-Bissau, que compite con las lenguas étnicas presentes en el país y con el portugués, lengua oficial y de enseñanza (EMBALÓ, 2008; COUTO; EMBALÓ, 2010). Es una lengua criolla que surgió en un contexto de esclavitud en la época de la colonización portuguesa en África. La composición de una lengua criolla se origina a partir de la combinación de una lengua base, el superestrato, fuente de su léxico, y una lengua sustrato (HOLM, 2000). En el caso del guineano, el portugués es la lengua base, que constituye el 80% de su léxico, y las lenguas africanas son las lenguas sustrato (cf. EMBALÓ, 2008; SCANTAMBURLO, 2013). La modalidad teleológica establece una relación entre lo que es necesario y/o posible hacer (los medios) para alcanzar un determinado objetivo. En este estudio, investigamos los auxiliares modales en guineano que expresan modalidad teleológica, buscando específicamente distinguir los modales que expresan fuerza modal de la necesidad teleológica fuerte (cf. von Wright, 1963; Copley, 2010), la necesidad teleológica débil (cf. Sloman, 1970; von Fintel y Iatridou, 2005) y fuerza modal de posibilidad teleológica (cf. Nissenbaum, 2005). La metodología adoptada para esta investigación se dividió en dos etapas: (i) la elaboración, recolección y análisis de datos lingüísticos y socioculturales para coadyuvar en la construcción de contextos que no se desvíen de la realidad de la comunidad de grupos étnicos; y (ii) el desarrollo de un cuestionario de obtención de modalidad teleológica para el estudio de la modalidad teleológica en guineano. El primer cuestionario reveló las principales lenguas habladas por un guineano, los contextos en los que estas lenguas se adquieren/aprenden y la frecuencia de uso de estas lenguas, además de la relación de preferencia en la adquisición/aprendizaje del guineano, étnico Idiomas y portugués como L1, L2 y/o L3. El segundo cuestionario reveló algunos elementos culturales de los grupos étnicos de Guinea-Bissau: ceremonias de circuncisión, ceremonias nupciales y ceremonias funerarias; estos rituales y ceremonias son medios necesarios para que los guineanos alcancen algunos objetivos. Finalmente, el tercer cuestionario, basado en el cuestionario modal de Vander Klok (2023), en el *storyboards* del grupo TFS (ver <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/>) y en el libro *Nossas raízes/No rais* (RECH et al, 2023), reveló lo siguiente: (i) en guineano, el tipo de modalidad se da en el contexto; (ii) 'ten ku', 'dibi di' y 'pudi' son verbos auxiliares que expresan modalidad teleológica en guineano; (iii) en guineano, la necesidad teleológica fuerte y la necesidad teleológica débil se expresan preferentemente con 'ten ku', seguido de 'dibi di'; y la posibilidad teleológica se expresa preferentemente con 'dibi di', seguido de 'ten ku'.

Además, el auxiliar 'dibi di' parece marcar tanto necesidad como posibilidad, comportándose como 'dever' en portugués, un modal dual, cuya fuerza está determinada por la información del contexto. Finalmente, el modal 'pudi' se usó con una frecuencia significativamente menor en todos los contextos, lo que revela que no es preferido en la expresión de ninguna fuerza, ni siquiera posibilidad teleológica.

Palabras clave: modalidad teleológica; fuerza modal; guineano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. GUINÉ-BISSAU: GEOGRAFIA, COLONIZAÇÃO, ETNIAS E LÍNGUAS	16
1.1 LÍNGUAS ÉTNICAS E A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE GUINÉ-BISSAU	23
1.2 LÍNGUAS CRIOULAS.....	35
1.3 CRIOULO DE BASE PORTUGUESA: O GUINEENSE	44
1.4 RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA: PREPARANDO O TERRENO PARA ENTENDER A MODALIDADE NO GUINEENSE.....	48
1.4.1 Mosaico cultural guineense: valores sociais e familiares, tradições, forma de subsistência de grupos étnicos	49
1.5 RESUMO DO CAPÍTULO	55
2. MODALIDADE	57
2.1 MODALIDADE: UM BREVE CONTEXTO	57
2.2 MODALIDADE TELEOLÓGICA: UMA VISÃO GERAL.....	65
2.3 RESUMO DO CAPÍTULO	74
3. METODOLOGIA	77
3.1 MAPEAMENTO LINGUÍSTICO E SOCIOCULTURAL	78
3.1.1 Questionário linguístico: metodologia e resultados	79
<i>3.3.1.1 Resumo dos dados do questionário linguístico</i>	100
3.1.2 Questionário sociocultural: metodologia e resultados	101
3.2 RESUMO DA SEÇÃO	111
3.3 METODOLOGIA DO QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO DE MODAIS TELEOLÓGICOS	111
3.3.1 Proposta metodológica de Vander Klok (2014-2023): uma breve contextualização	112
3.3.2 Questionário de elicitação de modais teleológicos	116
3.3.3 Avaliação dos dados do piloto do Questionário de elicitação de modais teleológicos	124
3.3.4 Versão final do Questionário de elicitação de modais teleológicos	131
3.4 RESUMO DO CAPÍTULO	133
4. ANÁLISE DE DADOS	135
4.1 HIPÓTESES	136
4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	137
4.3 RESUMO DO CAPÍTULO	166
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
6. REFERÊNCIAS	170
7. ANEXOS	177
7.1 ANEXO A – QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO.....	177
7.2 ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL	180

7.3 ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO DE MODAIS TELEOLÓGICOS (VERSÃO EM GUINEENSE).....	181
7.4 ANEXO D – QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO DE MODAIS TELEOLÓGICOS (VERSÃO EM PORTUGUÊS).....	188

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco o estudo da modalidade teleológica no guineense¹, uma língua crioula de base portuguesa, que surgiu no contato entre colonizadores portugueses e os africanos, e que é falada em Guiné-Bissau, um país localizado no continente africano. Este território possui uma característica multilíngue. As línguas faladas nesse país são o guineense, língua interétnica (Couto; Embaló, 2010, p. 58) e de unidade nacional (Embaló, 2008, p. 102), usada no cotidiano dos guineenses (Embaló, 2008, p. 102); o português, língua oficial e de ensino (Embaló, 2008, p. 101); e cerca de 20 línguas étnicas (Couto; Embaló, 2010, p. 28), línguas pertencentes à família Nigero Congolesa: a subfamília Oeste Atlântica e a subfamília Mande (Scantamburlo, 2013, p. 21).

O objetivo deste trabalho é investigar o auxiliar modal teleológico no guineense, dando foco em especial para a relação entre meio e meta e força modal. A escolha do tema desta pesquisa foi motivada pelo fato de as línguas crioulas, como o guineense, serem pouco estudadas na literatura em relação aos aspectos de modalidade. Segundo Winford (2018, p. 203), os estudos sobre modalidade em línguas crioulas consistem em breves esboços e visões gerais². Os estudos do guineense em específico se detêm em análises fonológicas, morfológicas e sintáticas, como os trabalhos de Kihm (1994), Costa (2014), Chapouto (2014), Can-Vianna; Mello (2014), Danfá (2021), Cá (2021), Intumbo (2007), Inlaté (2021). O estudo sobre a modalidade no guineense foi realizado recentemente por Inlaté (2023), entretanto o foco do trabalho se deteve na análise dos auxiliares modais epistêmicos e deônticos. Vale ressaltar, portanto, que não existem publicações sobre os auxiliares modais teleológicos nessa língua, muito menos estudos que se debruçam na investigação da força modal que esses auxiliares apresentam.

Um outro motivo que fomentou a escolha do tema desta pesquisa foi o fato de a literatura sobre modalidade teleológica descrever brevemente a relação entre meio e meta e força modal. Como será verificado ao longo deste trabalho, a modalidade teleológica diz respeito aos objetivos do falante. A partir disso, essa modalidade estabelece uma relação entre o que é necessário e/ou possível fazer (o meio) para atingir uma determinada meta. A força modal, nesse âmbito, está relacionada justamente à existência de meios necessários e/ou possíveis para

¹ Dentre os termos usados para se dirigir ao crioulo de base portuguesa de Guiné-Bissau, foi adotado para esta pesquisa o termo 'guineense'.

² "Very few studies of creole modality appeared in the first phase of research, and most of them consisted of brief sketches or overviews" (Winford, 2018, p. 203).

atingir uma determinada meta, como, por exemplo: “Você tem que/deve estudar 4h por dia para passar no vestibular.” e “Você pode voar com a Azul para viajar para São Paulo.”, respectivamente.

A literatura analisa essa relação sugerindo que a relação entre meio e meta e força modal se constitui da seguinte forma: a força modal de necessidade teleológica está relacionada ao único meio para atingir uma meta (von Wright, 1963; Copley, 2010); a força modal de necessidade teleológica fraca está relacionada ao melhor meio para atingir uma meta (Sloman, 1970; von Fintel e Iatridou, 2005); e a força modal de possibilidade teleológica está relacionada a mais de um meio possível para atingir uma meta (Nissenbaum, 2005). Com base nessas análises, buscamos investigar essas relações a partir dos auxiliares modais guineenses: *pudi* ‘poder’, *dibi di* ‘dever’ e *ten ku* ‘ter que’ em contextos teleológicos.

Para esta análise, foi elaborado um questionário de elicitación de modais teleológicos, com base no questionário modal de Vander Klok (2023) junto à técnica de *storyboards*, com base nas *storyboards* elaboradas pelo grupo TFS (ver <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/>), e com base também no livro *Nossas raízes/No rais* (Rech et al., 2023). Tal questionário contou com a participação de guineenses nativos que residem em Guiné-Bissau e aceitaram responder ao questionário anonimamente. Além disso, com o intuito de facilitar a coleta de dados, os contextos presentes no questionário foram todos gravados por um consultor guineense e apresentados em forma de áudio para todos os participantes, visto que o guineense é uma língua que ainda não possui uma escrita regularizada (Embaló, 2008, p. 103). Considerando ainda que o guineense é uma língua de base portuguesa, e que cerca de 80% do léxico dessa língua vem do português³ foram passados para o guineense com o mesmo emprego. A partir do questionário de elicitación de modais teleológicos, portanto, buscamos confirmar as hipóteses que norteiam esse trabalho: (i) os modais que expressam modalidade teleológica no guineense são ‘ten ku’ (ter que), ‘dibi di’ (dever) e ‘pudi’ (poder),

³ Segundo Drzazgowska (2011, p. 110), alguns dos modais no português europeu (PE) são:

“1. *dever* + *infinitivo*, que exprime obrigação moral, material, lógica e também exprime a probabilidade. 2. *ter de* + *infinitivo* ou *ter que* + *infinitivo* (segundo Almeida 1980: 151, são variantes estilísticas), que exprimem a necessidade, a obrigação material e a obrigação lógica, e, poucas vezes, a obrigação moral. [...] 4. *poder* + *infinitivo*, que exprime possibilidade lógica, física ou moral.” Considerando, portanto, que os modais do PE foram passados para o português brasileiro (PB) com o mesmo emprego, analisamos os modais no guineense a partir diretamente do PB.

assim como seus correspondentes no PB (ter que, dever e poder); e (ii) no guineense, a força modal é dada no léxico, à semelhança do PB.

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a localização geográfica da Guiné-Bissau junto ao contexto histórico que marcou o país, os vários grupos étnicos que compõem sua diversidade cultural e as várias línguas que marcam o aspecto multilinguístico deste território. Apresentamos também, neste capítulo, conceitos importantes da crioulistica. Ainda neste primeiro capítulo, apresentamos os aspectos linguísticos, educacionais e socioculturais do país, com a finalidade de conhecer o povo guineense e elaborar, para a metodologia da nossa pesquisa, contextos que não fujam à realidade da comunidade dos grupos étnicos do país. Vale ressaltar que os aspectos socioculturais e multilinguístico apresentados tiveram o objetivo de entender melhor a relação estreita dos falantes guineenses com o português, com as línguas étnicas e com o guineense, justamente para entender um pouco a respeito desse comportamento linguístico, considerando que parece ser o caso de os guineenses apresentarem dificuldades em relação à leitura de textos formais em guineense. No segundo capítulo, é apresentada uma visão geral sobre a modalidade e, em específico, as propriedades da modalidade teleológica. Vale observar ainda que essas propriedades são apresentadas de forma descritiva, para conhecer melhor a modalidade teleológica. No terceiro capítulo, apresentamos três questionários elaborados especificamente para esta pesquisa. São eles: (i) o questionário linguístico e (ii) o questionário sociocultural, que serviram de base para a elaboração do (iii) questionário de elicitación de modais teleológicos — este último elaborado para esta pesquisa. No quarto capítulo, apresentamos uma análise dos dados coletados a partir do terceiro questionário. Por fim, no quinto e último capítulo, apresentamos nossas considerações finais.

1. GUINÉ-BISSAU: GEOGRAFIA, COLONIZAÇÃO, ETNIAS E LÍNGUAS

Neste capítulo, inicialmente apresentamos a localização de Guiné-Bissau e os países com que faz fronteira, situando o leitor geograficamente. Em seguida, apresentamos a composição do país por vários grupos étnicos, que explica a diversidade cultural e linguística do país; uma vez que cada grupo possui sua própria língua. Apresentamos também o contexto histórico de Guiné-Bissau, desde sua posição como colônia de Portugal, que marcou o país com a escravidão, até sua independência. Os dados sobre os grupos étnicos e sobre o contexto histórico apresentados são de extrema importância para entender o surgimento da língua crioula de base portuguesa: o guineense, objeto de estudo desta pesquisa. Por um lado, o país contava com uma enorme diversidade linguística e com ausência de uma língua em comum que caracterizasse a identidade do país. De outro lado, com a invasão de Portugal, os escravizados eram obrigados a se comunicarem na língua do opressor e, nesse contexto, o guineense surgiu a partir dessa necessidade de comunicação dos guineenses com os colonizadores e também entre si, uma vez que muitos eram de grupos étnicos diferentes com línguas diferentes. As línguas étnicas e o português europeu, portanto, influenciaram nos aspectos gramaticais do guineense, que teve seu surgimento nos contextos de escravidão. Por esse motivo, esses elementos são discutidos ao longo do primeiro capítulo.

A Guiné-Bissau é um país localizado no continente africano, especificamente na África Ocidental. Suas terras fazem fronteira com a “República do Senegal, ao Norte, e a República da Guiné-Conakry, nas fronteiras Leste e Sul. A costa Oeste do país é banhada pelo imenso Oceano Atlântico.” (Araújo, 2012, p. 3-4). Embora seja um país com dimensão territorial, com cerca de 36.125km², a Guiné-Bissau é linguisticamente e culturalmente heterogênea. As várias etnias existentes no país, as invasões e a colonização europeia na região, principalmente a portuguesa, são elementos que implicaram, e ainda implicam, a diversidade do país. A seguir, mostramos o mapa da Guiné-Bissau junto aos países com que faz fronteira.

Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: <https://carlserra2003.tripod.com/mapaGB.htm>

Conforme Bull (1989), Kihm (1994) e Intumbo (2007), os portugueses chegaram à Guiné-Bissau em 1446. De acordo com Embaló (2008), o país foi colônia de Portugal desde o século XV. Araújo (2012, p.11) afirma que o território guineense foi “uma das primeiras regiões de África a serem exploradas pelos portugueses”. Contudo, “a colonização só teve início, efetivamente, em 1558, com a fundação da vila de Cacheu, primeira capital administrativa.” (Araújo, 2012, p.11). Os primeiros centros administrativos do país, segundo Couto e Embaló (2010), foram as praças e os presídios:

As primeiras organizações administrativas na Guiné eram as praças (povoações fortificadas e armadas) e os presídios (praças de pequenas dimensões e escassos meios defensivos). Nessa época, havia duas praças: Cachéu e Bissau. Quanto a Farim, Ziguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno, eram presídios (Couto; Embaló, 2010, p.21).

Bull (1989) esclarece os significados dos termos “praças” e “presídios” ao explicar que “a Praça é a povoação fortificada e armada com permanência, devidamente organizada para compensar a falta de obstáculos naturais dos seus limites. O Presídio é a praça de pequenas dimensões e mais escassos meios defensivos de tipo militar.” (Bull, 1989, p.62). Segundo Costa

(2014), foram as praças e os presídios “os principais centros de população, as bases da colonização” (Costa, 2014, p.45) quando os portugueses deram início ao comércio de escravizados. Foi neste infeliz marco histórico que se deu início, conseqüentemente, a “uma miscigenação biológica, linguística e cultural dos povos.” (Costa, 2014, p.45); uma vez que as culturas e as línguas dos colonizadores portugueses, dos colonos guineenses e dos cativos trazidos de fora se misturavam em um único território através do contato estreito nas relações comerciais e pessoais.

A proclamação da independência foi reconhecida internacionalmente em 24 de setembro de 1973 através de muita luta e resistência por parte dos guineenses. Contudo, o reconhecimento de independência por parte de Portugal foi acontecer somente quase um ano mais tarde, em 10 de setembro de 1974.

Nos anos 50, o intelectual e revolucionário guineense Amílcar Cabral funda o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Em 1963, face à intransigência de Portugal quanto à independência, o PAIGC inicia a Luta Armada de Libertação Nacional, visando pôr termo à colonização portuguesa. A técnica de guerrilha do PAIGC consolidou o seu domínio do território nos anos 70, e, numa estratégia diplomática hábil, conduzida por Amílcar Cabral, o Conselho de Segurança das Nações Unidas considera Portugal potência ocupante da Guiné-Bissau. Em 20 de janeiro de 1973, Amílcar Cabral foi assassinado em Conacry e a Independência proclamada unilateralmente em 24 de setembro do mesmo ano, embora reconhecida formalmente apenas em 10 de setembro de 1974 por Portugal. A Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa na África a ter reconhecida a sua independência, constituindo-se na República da Guiné-Bissau (Araújo, 2012, p.13).

Segundo Scantamburlo (2013), a Guiné-Bissau é um país constituído por 8 (oito) regiões administrativas e a Região Autónoma de Bissau (S.A.B.). O quadro abaixo apresenta o nome das regiões e suas respectivas capitais:

Quadro 1 - Regiões de Guiné-Bissau e capitais

Região	Capital
Região Autónoma de Bissau (S.A.B.)	Bissau
Região de Oio	Farim
Região de Gabú	Gabú
Região de Bafatá	Bafatá
Região de Cacheu	Cacheu
Região de Biombo	Quinhamel
Região de Tombali	Catió
Região de Quínara	Fulacunda
Região de Bolama-Bijagós	Bolama

Fonte: Scantamburlo (2013, p. 9 adaptado)

Ainda afirma Scantamburlo (2013) que na Guiné-Bissau existem 30 (trinta) subgrupos étnicos e os divide em três grandes grupos: “Paleo-Sudaneses” do Litoral e do Interior, “Paleo-Sudaneses do Grupo Mandinga” e “Neo-Sudaneses do Grupo Fula” e “Grupo Crioulo”. Os povos do primeiro grande grupo, os “Paleo-Sudaneses” do Litoral e do Interior, são descritos pelo autor como aqueles que “têm tradições prevalentemente sedentárias, são colectores e agricultores, estão divididos em classes etárias e não socioeconómicas”. Ademais, os povos deste grupo “não têm desenvolvido até agora uma estrutura estatal piramidal embora, salvo os Balantas, tenham vindo a adoptar alguma forma de regulado” (Scantamburlo, 2013, p. 17).

O segundo grande grupo, os “Paleo-Sudaneses do Grupo Mandinga e Neo-Sudaneses do Grupo Fula”, é descrito pelo autor como aqueles que “foram islamizados nos últimos séculos e têm tradições nómadas ainda acentuadas.” O autor ainda afirma que, em relação às atividades económicas, esses povos “são prevalentemente pastores e artesãos, sociologicamente estão divididos em classes económicas e politicamente estão organizados em estruturas quase estatais, com um poder político central” (Scantamburlo, 2013, p. 17).

O terceiro e último grande grupo, o “Grupo Crioulo”, é descrito pelo autor como

Este Grupo compreende todos aqueles que conseguiram conservar ou integrar elementos culturais extra-africanos. São descendentes de pessoas vindas do exterior, como os Cabo-verdianos e os Libaneses. [...] não abandonaram completamente a sua própria língua, as suas próprias tradições religiosas e aceitaram alguns elementos da cultura europeia. [...] É um grupo minoritário, mas, junto com alguns imigrantes Cabo-verdianos, chegados à Guiné Portuguesa no início do século XX, tiveram uma grande

influência na luta pela libertação nacional e um certo poder económico e político na formação do Estado da Guiné-Bissau. (Scantamburlo, 2013, p. 18).

Namone (2020) reforça que a Guiné-Bissau é constituída por diversos grupos étnicos, cada um deles se caracteriza por apresentar traços linguísticos e socioculturais próprios. Esses grupos são “compostos a partir de diferentes troncos genealógicos que os identificam. Dentre esses grupos, há também divisão em subgrupos” (Namone, 2020, p. 122), como no quadro apresentado por Bicari (1990) transcrito abaixo, que mostra mais claramente a divisão feita por Scantamburlo (2013), porém com dois grandes grupos adicionais:

Quadro 2 - Grupos étnicos da Guiné-Bissau

DIVISÃO ÉTNICA: antiguidade e local	GRUPOS E SUBGRUPOS
PALEO-SUDANESES DO LITORAL (Os mais antigos habitantes da Guiné-Bissau)	- Balantas “de dentro”: Nhacra - Balantas “de fora” - Balantas bravos (Cuntohe) - Balantas Mansoancas (Grandes e Pequenos) - Balantas Manê
	- Mancanhas (Brames) - Papeis (Bissau) - Manjacos
	- Beafadas - Bijagós - Nalus
	- Felupes (Djolas) - Baiotes (Djolas) - Banhuns (Djolas) - Cobianas (Djolas) - Cassangas (Djolas)
	- Landumas - Cocolis - Bagas
PALEO-SUDANESES DO INTERIOR	- Padjadincas - Tandas - Oincas
PALEO-SUDANESES (Grupo MANDINGA)	- Mandingas - Saracolés - Sossos - Jacancas - Bambarãs - Jaloncas - Soninkés

NEO-SUDANESES (Grupo FULA)	<ul style="list-style-type: none"> - Torancas (Fulas Toros) - Fuladjaloncas - Fulas Forros (Fulacundas) - Fula Pretos
GRUPOS VINDOS OU NASCIDOS COM A COLONIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Cabo-Verdianos - Mestiços e Mulatos - “Kristons” - Libaneses - Sirianos - Mauros - Portugueses

Fonte: (Bicari, 1990, p.6)

O quadro acima mostra que Bicari (1990), diferente de Scantamburlo (2013), divide o grande grupo “Paleo-Sudaneses do Litoral e do Interior” em dois: “Paleo-Sudaneses do Litoral” e “Paleo-sudaneses do Interior”, fazendo o mesmo com o grande grupo “Paleo-Sudaneses do Grupo Mandinga e Neo-Sudaneses do grupo Fula” (Scantamburlo, 2013, p. 17).

Bicari (1990) também mapeia os subgrupos dentro do território de Guiné-Bissau, mostrando os territórios que apresentam cada grupo étnico do país, como no mapa a seguir:

Figura 2: Mapa etnográfico da Guiné-Bissau



Fonte: (Bicari, 1990, p.5).

Em relação à descrição dos grupos étnicos de Guiné-Bissau, Lepri (1986) divide-os em três categorias:

- a) O grupo dos indígenas (aborígenes);
- b) Os grupos de influência árabe; e
- c) O grupo dos assimilados.

Segundo Lepri (1986), o primeiro grupo pode ser descrito como “o mais heterogêneo, representado por grupos étnicos com valores, organização e modo de produção próprios”. O autor ainda agrupa o grupo dos indígenas (aborígenes) em dois subgrupos: “i) os de organização social de tipo horizontal, ‘comunitária’”, como os Balanta e os seus subgrupos; os Banhus, os Felupes e os Baiotes (Diolas), os Biafadas; “ii) os de organização de tipo ‘tributária’”, como o grupo dos Brames, Manjacos e Pepéis. (Lepri, 1986, 63).

O segundo grupo é descrito pelo autor como

Grupos de influência árabe, constituído pelos Fulas e Mandingas, cujas organizações mais impressionaram os colonialistas. Os Fulas utilizam uma escrita com caracteres árabes. São grupos de religião muçulmana e as suas sociedades funcionam com base nos princípios do Alcorão. Esses grupos representam sociedades organizadas e

hierarquizadas com base em princípios familiares, político-religiosos e profissionais. Possuem um artesanato bastante desenvolvido. Falam preferencialmente as suas línguas étnicas entre si nas suas tabancas⁴ (Lepri, 1986, 63-64).

O terceiro e último grupo é descrito pelo autor como “funcionários superiores, médios, assalariados, pequenos funcionários, empregados de comércio e pequenos proprietários agrícolas”. O autor ainda afirma que possuem influência dos europeus, sobretudo portugueses, e representam uma minoria, localizada fundamentalmente em Bissau.” Em relação às práticas religiosas, esse grupo pratica a religião cristã, “utiliza a escrita e a língua portuguesa.” Além disso, “foi no seio desse pequeno grupo que nasceu o movimento para a libertação nacional, organizado e conduzido por Amílcar Cabral” (Lepri, 1986, 64).

1.1 LÍNGUAS ÉTNICAS E A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE GUINÉ-BISSAU

Na Guiné-Bissau, existem mais de duas dezenas de grupos étnicos (Embaló 2008, p. 101) e são faladas cerca de 20 línguas tribais ou étnicas (Couto; Embaló, 2010, p. 28). Scantamburlo (2013) reforça que essas línguas étnicas pertencem “a duas subfamílias (Oeste-Atlântica e Mande) das sete da Família Níger-Congo.” (p.21). O autor apresenta duas tabelas, transcritas a seguir, indicando as línguas de ambas as subfamílias:

⁴ Aldeia (Scantamburlo, 2002, p. 582)

Quadro 3 - Línguas da subfamília Oeste-Atlântica

GRUPO NORTE	LÍNGUA
- do Senegal	- Fula, Jalofo (Wolof), Serere (Nhominca).
- Bak	- Balanta de Nhacra, de Fora, Bravos, Naga, Mané; - Djola-Felupe, Djola-Baiote; - Manjaco/Mancanha/Pepele.
- Tanda-Jaad-Nun	- Tanda, Conhagui; - Beafada, Padjadinca (Badjaranca); - Banhum, Cobia (Caboiana), Cassanga.
- Nalú	- Nalú
GRUPO BIJAGÓ	- Bijagó (Língua falada no Arquipélago homónimo, com diferenças dialectais marcadas, conforme cinco grupos de ilhas: Canhabaque Bubaque, Orango-Uno, Formosa, Caravela-Caraxe, Soga-Ilha das Galinhas).
GRUPO SUL	- Baga, Landumã, Timenés (ou línguas “Mel”, uma raiz comum que significa “língua”); - Mansoanca (ou Mansonca ou Sua), grandes e pequenos: vivem perto de Mansoa e no tempo colonial eram erroneamente denominados também “Cunantes”.

Fonte: (Scantamburlo, 2013, p. 22)

Quadro 4 - Línguas da subfamília Mande

GRUPO	LÍNGUAS OU POVO FALANTE
- Mande Tan (Norte)	Bambarãs, Mandinga, Saracolés, Jacancas
- Mande Fu (Sul)	Sosso (Jaloncas).

Fonte: (SCANTAMBURLO, 2013, p. 23)

Wilson (1989) mapeia as línguas das subfamílias Oeste Atlântica e Mande em Guiné-Bissau e territórios próximos ao país, como no mapa a seguir:

Figura 3: Mapas das línguas Oeste Atlânticas e Mande

Fonte: Wilson (1989, p. 82)

Couto e Embaló (2010, p. 28-29) apresentam as principais línguas étnicas faladas no território com porcentagem aproximada do número de falantes nas décadas de 70, 90 e 2000. A seguir, transcrevemos os dados apresentados pelos autores:

Tabela 1 - Porcentagem de línguas étnicas faladas em Guiné-Bissau nas décadas de 70, 90 e 2000 (dados extraídos do *Ethnologue*⁵)

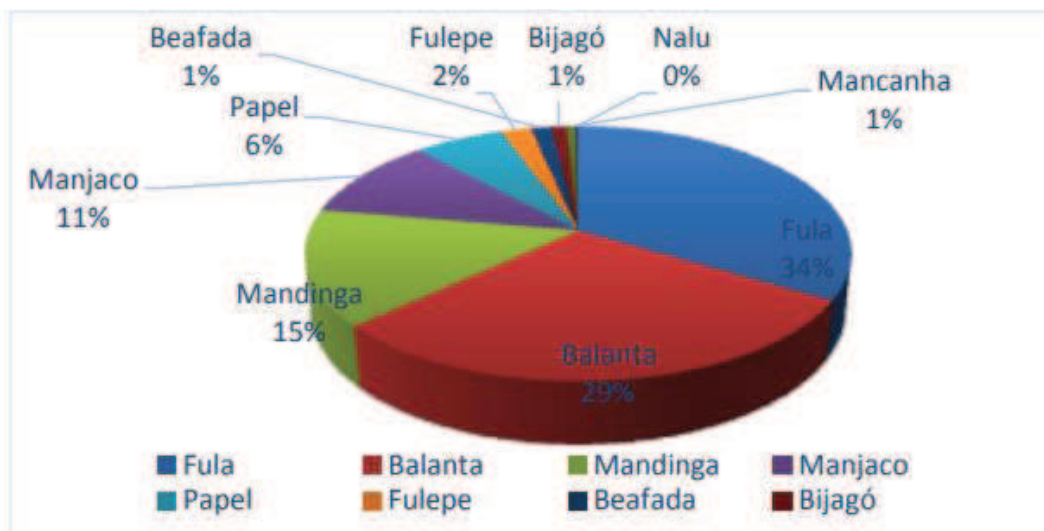
Línguas étnicas	década de 70	década de 90	década de 2000
fula	16%	25%	20,4%
balanta	14%	24%	30,5%
mandinga	7%	14%	12,9%
manjaco	5%	9%	14,1%
pepel ⁶	3%	9%	10,4%
brame	—	4%	—
felupe	1%	—	1,8%
beafada	0,7%	3%	3,4%
bijagó	0,5%	—	2,3%
mancanha	0,3%	—	3,4%
nalu	0,1%	—	0,6%
outros	—	12%	—

Fonte: elaborada pelo autor com base em Couto e Embaló (2010, p.28-29)

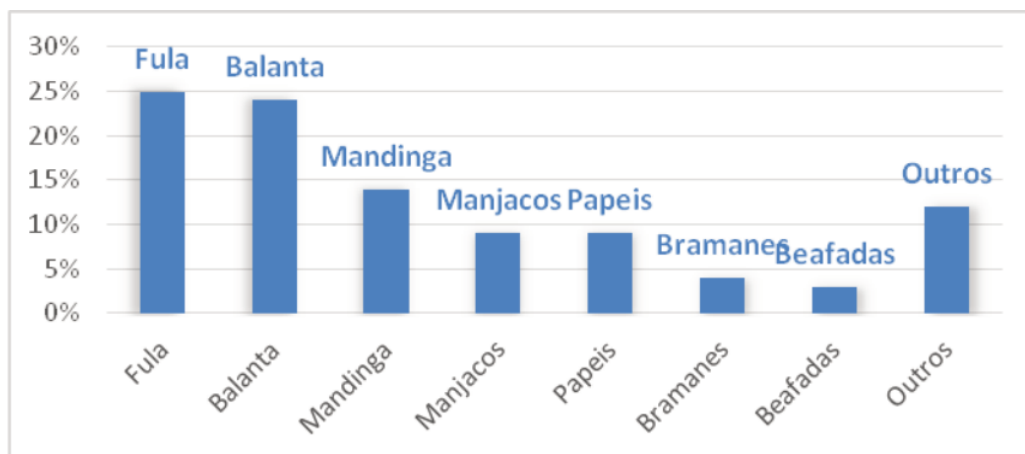
Djau (2015, p. 116) elabora um gráfico, apresentando a porcentagem das línguas étnicas de Guiné-Bissau nas décadas de 70 e 90, o qual transcrevemos a seguir:

⁵ Gordon, Raymond G., Jr. (ed.), 2005. *Ethnologue: Languages of the World*, Fifteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com/>.

⁶ Existe uma variação na grafia da língua: papel/pepel (Scantamburlo, 2002, p. 457).

Figura 4: Porcentagem das línguas étnicas do país na década de 70

Fonte: Djau (2015, p. 116)

Figura 5: Porcentagem das línguas étnicas do país na década de 90

Fonte: Djau (2015, p. 116)

De acordo com Embaló (2008, p. 102) e com o que pode ser observado nas tabelas e nos gráficos acima, “as línguas com um maior número de locutores são o balanta, o fula, o mandinga e o pepel, na medida em que estes povos são os mais importantes do ponto de vista numérico.” A autora afirma também que as línguas africanas do país não são codificadas e ainda permanecem orais.

Segundo Couto e Embaló (2010, p. 30), além das línguas étnicas, em Guiné-Bissau são faladas mais duas outras línguas: o guineense, a língua de unificação nacional, e o português, a língua oficial, que “é a língua da escola, dos meios de comunicação, da documentação oficial, do governo em atos oficiais e assim por diante.” Segundo Couto e Embaló (2010), o guineense, ou *Kriol* como também é conhecido, é a língua mais falada do país, sendo “falado por uns 75% a 80% da população.” (p. 30), e é a língua do cotidiano dos guineenses por todo o país (Embaló, 2008, p. 102), desde as áreas rurais até as áreas urbanas. Carolyn Benson (1994, p. 164) apresenta uma tabela, a qual transcrevemos a seguir, com a porcentagem de falantes guineenses que falam o guineense em relação às áreas rurais, semi urbanas e urbanas:

Tabela 2 - Porcentagem de guineenses que falam guineense em relação às áreas rurais, semi urbanas e urbanas

Informação	L1	L2	L3	TOTAL
Áreas rurais: Cufar, Bará, Ilha de Uno	11%	69%	1%	81%
Áreas semiurbanas: Buba, Bubaque	27%	72%	1%	100%
Áreas urbanas: Bissau	75%	21%	0%	96%

Fonte: Carolyn Benson (1994, p. 164)

Observando a tabela acima, é possível notar que os dados para as áreas rurais e semiurbanas têm a mesma tendência: a maioria da população adquire o guineense como L2 (69% e 72%, respectivamente), enquanto um pequeno grupo (11% e 27%, respectivamente) adquire o guineense como L1. Nesses grupos, o guineense, praticamente, não é adquirido como L3 (apenas por 1% da população em ambos os grupos). Os dados das áreas rurais e das áreas semiurbanas se opõem aos dados das áreas urbanas, ou seja, as proporções praticamente se invertem, pois a maioria da área urbana adquire o guineense como L1 (75%), uma pequena parcela adquire o guineense como L2 (21%), e nenhum falante tem o guineense como terceira língua.

Contudo, em um quadro geral, independente de ser a primeira, segunda ou até terceira língua, quase todos falam o guineense: 81% nas áreas rurais, 100% nas áreas semiurbanas e

96% nas áreas urbanas. Os dados mostrados na Tabela 6 parecem resultar do fato de que os europeus se concentraram nas cidades e só mais tarde estenderam-se até as zonas rurais.

Os portugueses ocupavam efetivamente apenas alguns centros urbanos como Bissau, Cachéu, Farim, Bolama, Bafatá, Gabú etc. O sertão estava inteiramente intacto; nele só se encontravam as etnias africanas em estado ‘puro’. Nem o português nem o crioulo haviam chegado até lá. Como observou Jean-Louis Rougé, a formação do crioulo está intimamente ligada ao processo de urbanização (Rougé 1986: 36). O mesmo se deu com sua expansão para as zonas rurais, isto é, ele foi levado às tabancas (aldeias, agrupamentos de casas tipicamente africanas) do interior do país a partir das cidades, sobretudo da capital Bissau (Couto; Embaló, 2010, p.37).

Isso explicaria um aumento da necessidade de uma língua comum, como o guineense, para comunicação tanto entre africanos que apresentavam diferentes línguas étnicas quanto entre portugueses e nativos.

Apesar de ser ‘o crioulo, que hoje nos une em todo o país, desde Sucudjá a Cacine e de Caravela a Buruntuma’ (Lopes, 1988: 235), apesar de haver outras línguas veiculares menores, apesar de tudo isso é o português que é a língua oficial e do ensino, desde o primeiro dia de escolarização da criança (Couto; Embaló, 2010, p.39).

Embora o português seja a língua oficial do país, “não é a língua de comunicação nacional, na medida em que apenas cerca de 13% dos guineenses a falam, incluindo os que a têm como língua segunda, terceira ou até mesmo quarta para a maior parte dos guineenses.” (Embaló, 2008, p.101).

Segundo Embaló (2008, p. 102), embora o guineense seja a língua do cotidiano e o português seja a língua oficial, ensinada nas escolas e utilizada em outros contextos formais, nenhuma das duas “são línguas maternas da maioria dos guineenses.”. Com exceção dos guineenses nascidos em áreas urbanas, que têm o guineense como L1, “com efeito, as línguas africanas [...] são a primeira língua das diferentes comunidades, através das quais se transmitem os conhecimentos ancestrais, as tradições e a identidade comunitária.”.

Couto e Embaló (2010, p.42) explicam os motivos pelos quais não se ensina nas escolas através das línguas étnicas ou do guineense, pontuando as principais dificuldades encontradas na realidade. Segundo os autores, o problema em se adotar uma determinada língua étnica para o ensino estaria na dificuldade de se formar uma turma homogênea, uma vez que existem diversas línguas étnicas na Guiné-Bissau. Ainda que houvesse tal possibilidade, surgiriam outros desafios, como o de se encontrar professores qualificados para ministrar uma aula ou, ainda, a existência de materiais didáticos nas diferentes línguas étnicas.

Em um cenário em que uma aula seja ministrada em guineense, ou seja, assumindo-o como língua utilizada para o ensino, haveria sim menores dificuldades em relação à adoção de determinada língua étnica, visto que o guineense é uma língua dominada pela maioria dos falantes; e os professores poderiam, ainda, se apoiar em uma literatura incipiente⁷. Contudo, conforme Couto e Embaló (2010, p. 42), “falta ainda o principal, que são livros didáticos, material escrito em crioulo, gramáticas, dicionários, enfim, quase tudo”. Vale observar, entretanto, que já existem dicionários da língua e uma gramática introdutória, materiais produzidos por Scantamburlo (1981, 1999, 2002).

Segundo Couto e Embaló (2010), os materiais didáticos presentes nas escolas da Guiné-Bissau estão todos em português, a língua oficial — a língua do trabalho e do ensino⁸. Os autores ainda acrescentam que “toda a história do país, todo seu acervo cultural que se tem registrado está nessa língua.” (p.49), mas que “no seio do povo, o que se nota é largamente o uso do crioulo e das línguas étnicas, estas principalmente nas regiões rurais.” (p.50).

Para concluir esta subseção, é importante salientar que o guineense é mais que uma língua de comunicação, é uma forma de identidade nacional, é um marco histórico cultural, como será melhor discutido na sequência do capítulo. Essa questão é reforçada por Djau (2015), quando afirma que:

Apesar dessa imposição (uso do português como língua oficial e ainda com maior prestígio em detrimento dos demais), o Crioulo e as línguas étnicas continuam sendo as línguas que expressam melhor a realidade concreta, sociolinguística, histórica, étnica e cultural da nação e dos guineenses (Djau, 2015, p.114).

1.1.1 Multilinguismo na Guiné-Bissau

Conforme já mencionado, a Guiné-Bissau é um país composto por diversos grupos étnicos que possuem suas próprias culturas e também sua própria língua, evidência da diversidade linguística inerente ao país. O guineense é a língua em comum a toda nação e empregada para a comunicação entre os grupos étnicos (Embaló, 2008; Couto; Embaló, 2010). Como resultado, tem-se a grande diversidade linguística, uma vez que os guineenses falam, além da língua do seu grupo étnico, pelo menos, duas outras línguas: o guineense, falado pela

⁷ “(Em crioulo guineense) já existe uma incipiente literatura, sob a forma de fábulas, recolhidas da oralidade. Além disso, temos os textos bíblicos produzidos pelos missionários, tanto católicos quanto protestantes, e as fábulas publicadas pela Editoria Nimba em texto corrido e em quadrinhos. Finalmente, existe uma proposta de grafia para o crioulo relativamente aceita [...] Mas, isso ainda é muito pouco.” (Couto; Embaló, 2010, p.42).

⁸ Vale observar, contudo, que já existe material didático, o livro *Nossas raízes/No rais* (Rech et al., 2023), um livro bilíngue, escrito em guineense e em português brasileiro, que aborda sobre a modalidade.

maior parte da população, e o português, língua oficial, ensinada nas escolas do país, falado por uma minoria.

A maioria dos guineenses possui como L1 a língua do seu grupo étnico; e como L2⁹, o guineense (cf. Embaló, 2008). Para aqueles que vivem em áreas urbanas, como a capital Bissau, o guineense é a L1 para a grande maioria (cf. Benson, 1994). A língua portuguesa costuma ser, para a maior parte da população, a terceira ou quarta língua (Embaló, 2008). Logo, o português não é a L1 de quase nenhum guineense; mesmo assim, é através dessa língua que se ensina em todas as escolas do país, sejam elas públicas ou privadas (Bachmann, 2014, p. 18).

Antes de adentrar essa discussão, é importante que alguns conceitos sejam apresentados: o de língua materna (LM), o de primeira língua (PL), o de língua primeira (LP), o de segunda língua (SL) e, por fim, o de língua estrangeira (LE).

De acordo com Santos (2012), na literatura entende-se como *língua materna* a primeira língua que o indivíduo adquire/aprende, “a língua falada em casa, no ambiente familiar” (p. 49). A autora também explica que a concepção de *língua primeira* coincide com a de *língua materna*, podendo ser entendida como “a língua, ou variedade linguística, falada na sociedade que envolve a família do indivíduo.” (p.50). Já a *primeira língua* (PL) é aquela ensinada na escola:

O fato de (a Primeira Língua) ser relacionada à língua ensinada na escola poderia conduzir a uma diferenciação em relação à língua materna, adquirida no ambiente familiar. No entanto, observa-se que a Primeira Língua é considerada como equivalente da língua materna, na concepção de língua adquirida socialmente (Santos, 2012, p. 50-51).

Spinassé (2006) defende que, para caracterizar uma *língua materna*, é necessário combinar vários fatores e levar em consideração cada um deles. Segundo a autora, esses fatores seriam

a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade... (Spinassé, 2006, p. 5).

⁹ Para esta pesquisa foram adotados os termos ‘L1’ para fazer referência à língua materna e ‘L2’ para segunda língua.

De acordo com Santos (2012), *segunda língua* (SL) e *língua estrangeira* (LE) não são necessariamente equivalentes, mesmo que sejam línguas aprendidas depois de o indivíduo adquirir sua L1.

A expressão Língua Estrangeira é utilizada para referir a(s) língua(s) falada(s) em outros países e que, quase sempre, é aprendida em uma situação formal de ensino e de aprendizagem. Ao analisar a relação entre SL (Segunda Língua) e LE (Língua Estrangeira), é possível inferir que uma língua estrangeira aprendida formalmente após a aquisição da língua materna é também a segunda língua deste falante, no entanto, nem sempre a segunda língua de um indivíduo será considerada como língua estrangeira (Santos, 2012, p. 51).

No caso da Guiné-Bissau, por exemplo, o guineense pode ser considerado como segunda língua para a maioria das pessoas, pois sua aprendizagem ocorre depois da aquisição da L1. Isso porque o guineense não é língua de origem de nenhum outro país, não podendo, portanto, ser considerada uma língua estrangeira.

Rubio (2021) afirma que ainda há pouquíssimos estudos sociolinguísticos voltados para países africanos que possuem a língua portuguesa como língua oficial, chamados PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). O autor ainda afirma que existem poucas pesquisas sociolinguísticas “que atestam que a realidade das comunidades daqueles países pode não ser de monolinguismo e de predomínio do português, mas sim de bilinguismo ou de multilinguismo e de predomínio de outras línguas.” (p. 35). Assim, o autor reforça a realidade multilingue existente na Guiné-Bissau. Diante disso, é importante a compreensão do conceito de multilinguismo, o qual será abordado na sequência.

Saville-Troike (2006, p.4) subclassifica o multilinguismo em simultâneo, quando mais de uma língua é adquirida ainda na infância, e sequencial, quando a L1 já está adquirida e, em sequência, uma outra língua é adquirida/aprendida¹⁰. Ambos os tipos estão presentes na Guiné-Bissau. Temos, nesse país portanto, um contexto multilíngue, que mostra que a teoria de LM não dá conta de tais contextos, uma vez que há guineenses que podem adquirir mais de uma língua ao mesmo tempo como LM. Assim, não é possível determinar qual a língua materna de um guineense, ou se ambas as línguas adquiridas são maternais¹¹.

¹⁰ “Acquisition of more than one language during early childhood is called simultaneous multilingualism, to be distinguished from sequential multilingualism, or learning additional languages after L1 has already been established.” (Saville-troike, 2006, p.4).

¹¹ Vale ainda ressaltar que, considerando que muitas vezes é difícil precisar qual é a primeira língua de falantes no caso da Guiné-Bissau, e por conta da problemática do conceito de falante nativo/língua materna/primeira língua em contextos como esse (de multilinguismo), adotamos o termo ‘falantes que aprenderam o guineense na infância entre zero a sete anos de idade’ em vez de ‘falantes nativos do guineense’.

De acordo com Bachmann (2014), a maioria dos guineenses fala mais de uma língua. Na realidade, portanto, os estudantes guineenses podem ser “bilíngues, com qualquer combinação de línguas, ou até mesmo plurilíngues” (p. 32). Isso enfatiza o quadro de multilinguismo dos estudantes guineenses nas escolas. Em relação às diferenças entre as escolas da cidade e as do interior, Bachmann (2014) observa que o quadro linguístico nas escolas das cidades é multilíngue, enquanto que, no interior, é menos heterogêneo. Segundo a autora, essa heterogeneidade se mantém pelo fato de que, nas escolas da capital, tanto alunos quanto servidores podem pertencer a grupos étnicos diferentes que os identificam, com suas próprias culturas, crenças, rituais, língua, entre outros aspectos característicos da sua etnia. No interior do país, nas aldeias, é comum ainda haver uma concentração de pessoas do mesmo grupo étnico. A autora exemplifica esse cenário da seguinte maneira: “a moça Felupe, morando numa aldeia desta etnia, provavelmente estudará com colegas Felupes e terá também professor e diretor Felupe.” (Bachmann, 2014, p.32). A autora salienta, entretanto, que na Guiné-Bissau as aldeias, embora apresentem um quadro linguístico mais homogêneo, sempre estarão sujeitas à presença de outras etnias em seu meio, “por conta do comércio, fuga, busca por cura espiritual, médica e casamentos” (Bachmann, 2014, p.32). Isso também reflete no multilinguismo dos guineenses. Ou seja, a maioria das escolas da Guiné-Bissau, sejam elas na cidade sejam no interior do país, apresenta aspecto multilinguístico e, por consequência, tem a necessidade de lidar com esse desafio.

Esse cenário nos direciona de volta à discussão sobre a educação e os desafios colocados pelo fato de a língua portuguesa ser a língua oficial e de ensino, mesmo não sendo a L1 ou, muitas vezes, nem mesmo sendo a L2 de um guineense.

Bachmann (2014) aponta para os desafios no ensino através de uma língua que não é a L1 do alfabetizando. De acordo com a autora, um professor deve buscar “relacionar a cultura e a língua ao processo de alfabetização e letramento”, ou seja, “os aspectos culturais, identitários, as práticas letradas das crianças e a sua língua materna” devem nortear a criança no processo de alfabetização. Quando a língua portuguesa é priorizada em detrimento das línguas maternas, o estabelecimento das relações entre a realidade cultural e linguística do educando fica prejudicada (p. 25).

Almada (2000, p. 94, apud Freire, 2007, p. 16-17) aponta a problemática na realidade do ensino através do português em Cabo-Verde:

quando uma criança começa a aprender a sua língua materna, ela tem atrás de si uma vivência linguística que lhe permite desenvolver naturalmente as suas propriedades expressivas. Ela entra para a escola com uma prática da língua através da qual

verbalizou um sistema de construção gramatical que, mais tarde, aprenderá a explicitar. É a partir dessa primeira vivência linguística da criança que surgirão as funções cognitivas da linguagem, as que se identificam com o pensamento e a consciência reflectida. Assim, pois, podemos imaginar o traumatismo que representa a aprendizagem em português para uma criança cabo-verdiana de seis ou sete anos de idade que só conhece o Crioulo. (...) De um momento para outro, encontra-se amputada do único suporte linguístico que lhe é familiar e vê-se impor um novo instrumento linguístico que ela não interiorizou, cuja gramática não teve tempo de adquirir e cujas funções cognitivas não consegue apreender repentinamente.

Essa descrição pode ser estendida para o contexto da Guiné-Bissau. De acordo com Bachmann (2014, p.29), os documentos que norteiam as práticas educacionais da Guiné-Bissau, como documentos oficiais do governo, documentos de organizações internacionais, relatórios, projetos de formação de professores e currículos deixam de lado a variedade linguística e cultural existente na Guiné-Bissau. Em Rubio (2021, p.35), consta, ainda, a afirmação de que existem poucas ações e iniciativas de implantar o ensino bilíngue ou multilíngue no país.

De acordo com Bachmann (2014), a tentativa de manter a educação elegante e formal acaba cegando os professores e gestores para as dificuldades que os alunos encontram em aprender e significar, dificuldades estas que se iniciam no aspecto linguístico.

O multilinguismo é uma realidade no contexto escolar que influi nos processos de significação do educando e precisa ser encarado como fator favorável nos processos de ensino e aprendizagem. Quando não considerado, traz dificuldades, quando considerado, pode ser a mola propulsora dos processos de significação do educando. Ao considerar as línguas maternas utilizando-as na sala de aula, os educandos passam a ter referência, significado, motivação e visibilidade diante dos docentes e gestores. Os sujeitos nessa perspectiva interagem de fato com a realidade escolar, gerando processos de ensino e aprendizagem (Bachmann, 2014, p.34).

Com o fato de a Guiné-Bissau possuir uma diversidade de línguas étnicas, que costumam se apresentar como as línguas maternas da maioria dos guineenses, a proposição de um ensino através das línguas étnicas consiste em um grande desafio, pelo fato de a sala de aula consistir em um espaço heterogêneo. De acordo com Semedo (2011, p. 13), há tentativas de se inserir o guineense nas escolas

O ensino em crioulo — língua franca — foi ensaiado em alguns centros. Teve sucesso nos dois primeiros anos, para vir a chumbar no terceiro por falta de uma adequada metodologia de transição do crioulo para a língua portuguesa. Hoje, essa experiência está sendo desenvolvida nas Ilhas Bijagós, mas com ajustamentos em termos de metodologia e da técnica de ensino. Os resultados têm sido animadores (Semedo, 2011, p.3).

Bachmann (2014) aponta que há projetos de alfabetização em línguas maternas guineenses, como o *Programa di Edukason na Manga di Linguas (EMLI)* ou o *Programa de Educação Multilingue (EMLI)*. Vale observar que também existe o projeto de *Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa no Projecto Ensino Bilingue Português-Crioulo Guineense (Paebb)*, realizado por Luigi Scantamburlo em Bubaque (2019). Contudo, diante desses projetos, alguns guineenses tendem a questionar o porquê de ir à escola para aprender sua L1, uma língua que ele já conhece e já sabe falar. Segundo a autora, esse pensamento reflete a compreensão de que as escolas servem apenas para a aprendizagem de língua portuguesa.

Para que a Língua Materna participe do contexto escolar da Guiné-Bissau, é necessário ocorrer mudanças na Política Linguística do país e, conseqüentemente, um novo planejamento linguístico com vistas a alterar o currículo escolar. Diante das heterogeneidades das escolas e turmas, será necessária uma ampla formação docente neste âmbito. Alfabetização e letramento na Língua Materna de cada professor e o encaminhamento para turmas com características linguísticas e culturais próximas a ele. A questão da grafia das línguas já terá sido resolvida no decorrer do planejamento linguístico, faltará inculcar na sociedade o valor da sua própria língua na cultura escrita (Bachmann, 2014, p.38).

A autora ainda defende que a língua portuguesa deve sim ser ensinada e aprendida, pois os guineenses possuem a necessidade de aprender a língua oficial de seu país. Porém, o maior problema está no fato de essa língua ser tratada como a L1 dos estudantes. Bachmann (2014) reforça que “deve haver um ensino ‘da’ língua portuguesa inicialmente e não ‘na’ língua portuguesa.” (p.36). Isto é, é necessário que os estudantes guineenses se familiarizem e dominem a língua portuguesa em um primeiro momento para que seja possível estudarem na língua portuguesa.

Esta subseção teve por finalidade apresentar a diversidade linguística presente na Guiné-Bissau e os desafios encontrados na educação escolar. Vimos, ao longo desta subseção, que o guineense é a língua comum a maior parte da população e que existe uma problemática no aprendizado escolar pelo fato de uma língua que não é nem a primeira ou a segunda da maioria dos guineenses ser a língua de ensino.

1.2 LÍNGUAS CRIOULAS

O contexto histórico apresentado nas seções anteriores é de extrema importância para entender como funciona uma língua crioula, uma vez que é a partir de um contato geográfico, ou seja, um contato mais direto entre falantes em relação de poder, que essa língua surge. O

contexto, portanto, de colonização, de escravidão e comércio/tráfico de escravizados explica como acontecia esse contato extremo entre os europeus e os africanos.

Segundo Holm (2000), por muito tempo o crioulo foi considerado uma forma errada de falar as línguas europeias. Essa ideia se estendeu até mesmo entre a maioria dos estudiosos que enxergavam as línguas crioulas como línguas defeituosas. O autor afirma que só “recentemente os linguistas perceberam que pidgins e crioulos não são versões erradas de outras línguas, mas sim *novas* línguas¹².” (Holm, 2000, p.1).

Holm (2000) defende que, quando as línguas crioulas são vistas como sistemas, levando-se em consideração sua estrutura fonológica, sintática e sua formação de palavras, fica evidente que essas línguas se distinguem da língua/idioma base¹³. Segundo o autor:

Seus sistemas são tão diferentes, de fato, que dificilmente podem ser considerados até mesmo dialetos de sua língua base. São novas línguas, moldadas por muitas das mesmas forças linguísticas que moldaram o inglês e outras línguas (Holm, 2000, p.1)¹⁴

De acordo com Holm (2000), Hugo Schuchardt foi o primeiro crioulista. Os estudos do filólogo sobre as línguas crioulas foram desencadeados por seu interesse em desafiar a teoria de Schleicher, que enxergava a linguagem “como um organismo natural que seguia leis naturais.” (Holm, 2000, p.3).¹⁵

Em um contexto em que havia a necessidade de comunicação entre falantes africanos de diferentes línguas nativas, ou seja, falantes que necessitavam de uma língua em comum, surge o *pidgin*. Diante disso, em uma perspectiva mais tradicional, Holm (2000) define *pidgin* como uma língua simplificada, que surge da combinação de duas línguas: a língua do detentor de poder, fonte do léxico do crioulo, base dessa língua (superstrato), e a língua do colonizado, daquele com menos poder, fonte da estrutura gramatical da língua (substrato). Nas palavras de Holm (2000, p. 5):

¹² “It is only comparatively recently that linguists have realized that pidgins and creoles are not wrong versions of other languages but rather *new* languages.” (Holm, 2000, p.1).

¹³ “[...] língua de onde extraíram seu léxico (sua fonte lexical ou idioma base)” (Holm, 2000, p.1, tradução nossa)

¹⁴ “Their systems are so different, in fact, that they can hardly be considered even dialects of their base language. They are new languages, shaped by many of the same linguistic forces that shaped English and other ‘proper’ languages.” (Holm, 2000, p.1).

¹⁵ “[...] language as a natural organism that followed natural laws” (Holm, 2000, p.3).

Um pidgin é uma língua reduzida que resulta do contato prolongado entre grupos de pessoas sem nenhuma língua em comum; evolui quando eles precisam de algum meio de comunicação verbal, talvez para comércio, mas nenhum grupo aprende a língua nativa de qualquer outro grupo por razões sociais que podem incluir falta de confiança ou contato próximo. Normalmente aqueles com menos poder (falantes de línguas de substrato) são mais complacentes e usam palavras da língua daqueles com mais poder (o superstrato), embora o significado, a forma e o uso dessas palavras possam ser influenciados pelas línguas de substrato.¹⁶

Vale observar que Holm apresenta uma visão mais tradicional de línguas crioulas, mas atualmente estudiosos defendem que não existe essa separação estrita entre léxico e gramática. Segundo Bakker et. all (2017, p. 14), “nos crioulos, a proporção de léxico não lexificador é provavelmente inferior a 5% no vocabulário geral. Geralmente, mais de 95% das raízes lexicais e gramaticais de um crioulo podem ser atribuídas a uma língua, chamada de lexificador¹⁷.” O autor ainda afirma, contudo, que

A influência das línguas de substrato pode se manifestar em diferentes áreas das línguas crioulas. A influência do substrato pode ser observada em estruturas morfossintáticas, por exemplo, padrões de ordem de palavras ou reduplicação em morfologia (Aboh & Smith 2015), ou em fonologia, notadamente na presença de certos fonemas estranhos ao lexificador, certos tipos de harmonia vocálica ou padrões fonotáticos. A influência do substrato também é encontrada no léxico, por exemplo, as palavras para herança cultural e fenômenos naturais são frequentemente transmitidas de línguas africanas em crioulos atlânticos¹⁸ (Bakker et al., 2017, p. 9).

Isto é, o autor afirma que a língua de superstrato compõe boa parte do léxico e da gramática de uma língua crioula, assim como a língua de substrato pode ter influências na

¹⁶ “A pidgin is a reduced language that results from extended contact between groups of people with no language in common; it evolves when they need some means of verbal communication, perhaps for trade, but no group learns the native language of any other group for social reasons that may include lack of trust or close contact. Usually those with less power (speakers of substrate languages) are more accommodating and use words from the language of those with more power (the superstrate), although the meaning, form and use of these words may be influenced by the substrate languages.” (Holm, 2000, p.5).

¹⁷ “In creoles, the proportion of non-lexifier lexicon is probably less than 5% in the overall vocabulary. Generally, upwards of 95% of the lexical and grammatical roots of a creole can be traced to one language, called the lexifier.” (Bakker et al., 2017, p.14).

¹⁸ “The influence of substrate languages can manifest itself in different areas of the creole languages. Substrate influence can be observed in morphosyntactic structures, e.g., word order patterns or reduplication in morphology (Aboh & Smith 2015), or in phonology, notably in the presence of certain phonemes alien to the lexifier, certain types of vowel harmony or phonotactic patterns. Substrate influence is also found in the lexicon, e.g., the words for cultural inheritance and natural phenomena are often transmitted from African languages in Atlantic creoles” (Bakker et al., 2017, p. 9).

gramática e também no léxico de uma língua crioula. O autor reforça, portanto, que essa separação entre léxico e gramática não é estrita.

De Souza (2019) reforça a ideia de que o *pidgin* é uma ‘formação linguística’ simplificada, apresentando uma gramática reduzida em relação à gramática das duas línguas que compõe essa formação, ou seja, a gramática do *pidgin* será mais simplificada do que a da língua de superstrato (língua lexificadora) e a da língua de substrato (língua dominada).

Essa gramática é caracterizada por pequeno número de fonemas, preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos dissilábicos, ausência quase total de morfologia derivacional e flexional, funções sintáticas que são indicadas, preferencialmente, pela ordem SVO e por léxico bastante reduzido (De Souza, 2019, p.44).

Holm (2000, p.5) ressalta que o *pidgin* é “restrito a um domínio muito limitado, como o comércio, e não é a língua nativa de ninguém¹⁹”. O fato de se limitar a um domínio e não possuir falantes nativos são alguns dos aspectos que diferenciam o *pidgin* de um crioulo, este definido pelo autor da seguinte maneira:

é falado nativamente por toda uma comunidade de fala, [...] cujos ancestrais (muitas vezes) foram deslocados geograficamente, de modo que seus laços com sua língua original e identidade sociocultural foram parcialmente rompidos. Tais condições sociais eram muitas vezes o resultado da escravidão.²⁰ (Holm, 2000, p.6).

De Souza (2019, p. 44) afirma que, para Lang (1999), quando falantes da língua dominada (substrato) encaixam as informações linguísticas retiradas da língua dominante (superstrato) nas regras de sua própria língua, esses falantes estão dando início à criouliização. Lang (1999, p.51) afirma, entretanto, que esses falantes de substrato moldam as

substâncias fônicas e semânticas do *foreigner talk* que eles ouvem às formas e estruturas da sua própria língua. Eles vertem a substância da língua desconhecida para novos moldes, ou seja, adaptam-na às formas das suas próprias línguas (Lang, 1999, p.51).

¹⁹ “[...] pidgin is restricted to a very limited domain such as trade, and it is no one’s native language.” (Holm, 2000, p.5).

²⁰ “A creole [...] is spoken natively by an entire speech community, often one whose ancestors were displaced geographically so that their ties with their original language and sociocultural identity were partly broken. Such social conditions were often the result of slavery.” (Holm, 2000, p.6).

Em relação à formação da gramática de uma língua crioula, Couto (1999, p. 13), baseado nos conceitos de Derek Bickerton (1984) sobre língua crioula, apresenta esquematicamente o ciclo *vital*²¹, um modelo “clássico” que explica o processo de formação e de transformação da gramática crioula. Vejamos o esquema transcrito na figura a seguir:

Figura 6: Ciclo vital



Fonte: Couto (1999, p. 3 adaptado de Hall, 1962, 1966)

O esquema acima sugere que, a partir do contato estreito entre o povo dominante e sua língua e o povo dominado e suas línguas, surge um *pidgin* instável, conhecido como jargão. Esse *pidgin* se torna estável pelo processo de *pidginização* e, quando o mesmo é adquirido por uma criança como sua primeira língua, ele se torna crioulo, através do processo de *crioulização*. Conforme Couto (1999, p. 14):

o crioulo surge quando o *pidgin* estável é adquirido como língua materna por crianças da comunidade emergente. Portanto, por definição, crioulo é um *pidgin* nativizado [...]. Esse processo recebe o nome de *crioulização*. Por fim, após formado (e até mesmo durante o processo de sua formação), o crioulo começa a se reaproximar de LL (L1).

Como mencionado anteriormente, assim como Guiné-Bissau, outros países africanos são compostos por vários grupos étnicos, cada um com sua própria língua. Segundo Holm (2000, p.6), os escravizados não possuíam uma língua em comum para se comunicarem entre si, somente a língua do colonizador; contudo, o aprendizado dessa língua estrangeira era restrito. Assim, o ambiente de trabalho escravizado nas plantações de cana de açúcar era mais propício para o surgimento de um *pidgin*. As crianças nascidas nesse meio tinham pouca exposição à língua nativa dos pais e muito mais exposição a esse *pidgin*, que era influenciado

²¹ “Esse modelo é geralmente atribuído a Hall (1962) [...], embora esta concepção recue até pelo menos Bloomfield (1933)” (Couto, 1999, p. 14).

de maneiras diferentes por falantes de línguas nativas diferentes. Mesmo em um ambiente que as expusesse a um *input* linguístico caótico, as crianças conseguiam organizá-lo em sua língua nativa: o crioulo. Segundo Holm (2000, p. 6):

Este processo de criouliização ou nativização (em que um pidgin adquire falantes nativos) ainda não é completamente compreendido, mas acredita-se que seja o oposto da pidginização: um processo de expansão em vez de redução (embora um pidgin possa ser expandido sem ser nativizado). Por exemplo, os crioulos têm regras fonológicas (e.g. assimilação) não encontradas nos primeiros pidgins. Os falantes de crioulo precisam de um vocabulário que cubra todos os aspectos de sua vida, não apenas um domínio como comércio; onde faltavam palavras [...].²²

O papel das crianças no processo de criouliização é enfatizado por Bickerton (1984, p.173), ao sugerir que “um crioulo surge quando crianças adquirem um pidgin como sua língua nativa”.

Como apresentado, alguns estudiosos defendem que o *pidgin* seria um estágio anterior ao crioulo nesse processo de criouliização. Diante disso, Rougé (1986 apud Scantamburlo, 2013, p. 49) define a criouliização como um sistema, um processo que estaria completo no momento em que as crianças fossem educadas na língua crioula.

E por isso, o sistema iria pouco a pouco tornar-se mais complexo e (re)estruturar-se, alargar-se a outros domínios de aplicação, tudo isso tomando ainda uma maior amplitude quando as primeiras crianças foram educadas nessa língua. É esse processo de complexificação, de estruturação, de alargamento, que chamamos criouliização, pois o seu resultado é o surgimento dum crioulo, dum nova língua (Rougé, 1986, p. 38 apud Scantamburlo, 2013, p. 49).

Vale ressaltar ainda que não existe uma concordância entre os linguistas sobre o fato de que uma língua crioula tenha vindo, necessariamente, de um *pidgin*, como o próprio Mufwene (2015), indo ao encontro com essa ideia, afirma:

Há, portanto, muitas razões para questionar a visão tradicional e histórica que deriva crioulos de pidgins, ainda defendida por Siegel (2008), Bakker (2009), e uma série de outros crioulistas. Embora o Pacífico ilustre a trajetória evolutiva de pidgin para pidgin expandido, esta não é a trajetória evolutiva dos crioulos ao redor do Atlântico e no Oceano Índico, ou mesmo no Havaí. Deve-se sempre lembrar que, salvo algumas caracterizações questionáveis de alguns vernáculos do Sudeste Asiático como crioulos, há uma clara divisão ecológica complementar entre crioulos e pidgins: os crioulos que informaram nossa teorização normalmente emergiram em colônias de

²²“This process of creolization or nativization (in which a pidgin acquires native speakers) is still not completely understood, but it is thought to be the opposite of pidginization: a process of expansion rather than reduction (although a pidgin can be expanded without being nativized). For example, creoles have phonological rules (e.g. assimilation) not found in early pidgins. Creole speakers need a vocabulary to cover all aspects of their life, not just one domain like trade; where words were missing [...]” (Holm, 2000, p.6).

assentamento de plantações, enquanto os pidgins surgiram em colônias comerciais ou em navios baleeiros²³ (Mufwene, 2015, p. 135).

Holm (2000) defende a importância que foram e ainda são os estudos das línguas crioulas para a Linguística, justamente pela forma como essas línguas surgem e se desenvolvem. Os estudos dos crioulos, segundo o autor

levaram ao desenvolvimento de escala implicacional em linguística. O trabalho de Labov sobre o inglês vernacular afroamericano [...] lançou as bases para a sociolinguística moderna, que por sua vez lançou uma nova luz sobre a mudança linguística como sendo socialmente motivada. A pidginização e a crioulição tornaram-se importantes para os linguistas históricos como exemplos extremos de mudança linguística induzida por contato que desafiam a validade de algumas suposições tradicionais sobre a relação genética das línguas, particularmente o modelo de árvore genealógica e conceitos como a glotocronologia.²⁴ (Holm, 2000, p.5).

Diante do panorama apresentado sobre a crioulição, em conjunto a importantes conceitos de alguns linguistas estudiosos desta área, é válido enfatizar que *pidgins* e crioulos não se limitam ao território africano e nem somente ao contexto de escravidão. Eles aparecem em outros lugares do mundo, entre contratados que também trabalhavam, de forma exploradora, nas plantações de cana-de-açúcar e de arroz²⁵.

²³ “There are thus plenty of reasons to question the traditional, a-historical view that derives creoles from pidgins, still espoused by Siegel (2008), Bakker (2009), and a number of other creolists. Although the Pacific illustrates the pidgin-to-expanded pidgin evolutionary trajectory, this is not the evolutionary trajectory of creoles around the Atlantic and in the Indian Ocean, or even in Hawaii. One must always remember that, barring some questionable characterizations of some South-to-East Asian vernaculars as creoles, there is a neat ecological complementary division between creoles and pidgins: the creoles that have informed our theorizing typically emerged in plantation settlement colonies, whereas pidgins emerged in trade colonies or on whaling ships.” (Mufwene, 2015, p. 135).

²⁴ “Studies of creole continua (2.11) led to the development of implicational scaling in linguistics. Labov’s work on African American Vernacular English [...] laid the foundation for modern sociolinguistics, which has in turn cast new light on language change as being socially motivated. Pidginization and creolization have become important to historical linguists as extreme examples of contact induced language change which challenge the validity of some traditional assumptions about the genetic relatedness of languages, particularly the family tree model, and concepts like glottochronology (2.9).” (Holm, 2000, p.5).

²⁵ “Creoles emerged in settlement colonies whose primary industry consisted typically of sugar cane or rice cultivation, for which non-European slaves or contract laborers were employed who constituted the overwhelming majority of the plantation populations. Examples include Haitian, Mauritian, and Seychellois (lexified by French); Jamaican, Guyanese, and Hawaiian Creole, as well as Gullah in the United States (all lexified by English); and Saramaccan and Sranan in Surinam (lexified by English, with the former heavily influenced by Portuguese and the latter by Dutch). Creoles have also been singled out in Australia, although there are no history Creole populations there.” [Os crioulos surgiram em colônias de assentamento cuja indústria principal consistia tipicamente no cultivo de cana-de-açúcar ou arroz, para o qual eram empregados escravizados não europeus ou trabalhadores contratados que constituíam a esmagadora maioria das populações das plantações. Exemplos incluem haitiano, mauriciano e seichelense (lexificados pelo francês); crioulo jamaicano, guianês e havaiano, bem como gullah nos Estados Unidos (todos lexificados pelo inglês); e Saramaccan e Sranan no Suriname (lexificado pelo inglês, com o primeiro fortemente influenciado pelo

Diante disso, vale frisar que existem crioulos de bases diferentes: inglesa, holandesa, espanhola, francesa, entre diversas outras línguas, incluindo a portuguesa, a partir da qual se formou o guineense, foco deste estudo.

Costa (2014, p. 40-42), com base em (Pereira, 2007; Couto, 1996; Holm, 1989 e Ethologue.org (disponível em: <<http://www.ethnologue.com>>), divide os crioulos de base portuguesa em famílias linguísticas, como mostra o esquema transcrito da autora a seguir:

Crioulos de base portuguesa

Crioulos da Alta Guiné

1. Cabo Verde (Kriolu de Cabo Verde ou kabuverdianu)

Variedade de Barlavento

- São Vicente
- São Nicolau
- Sal
- Boa Vista
- Santo Antão

Variedade de Sotavento

- Santiago
- Fogo
- Maio
- Brava

2. Guiné-Bissau (Guineense ou Kriol)

3. Casamansa

Crioulos do Golfo da Guiné

1. São Tomé

Sãotomense (São-tomense ou Forro)

Angolar (Ngola)

2. Príncipe (Principense, Língua da ilha ou Lung'ie)

3. Ano Bom (Fa d'Ambu, Fa d'Ambô, Anobonês ou Annobonense)

português e o último pelo holandês). Os crioulos também foram destacados na Austrália, embora não haja populações crioulas históricas lá] (Mufwene, 2015, p. 134. Tradução nossa).

Crioulos Indo-portugueses

1. Índia
 - Diu
 - Damão
 - Bombaim
 - Korlai (Kristi ou Korlaiense)
 - Quilom
 - Cananor
 - Tellicherry
 - Cochim e Vaipim
 - Costa de Coromandel
 - Bengala
2. Sri-Lanka (antigo Ceilão - Ceilonês)
 - Trincomalee e Batticaloa
 - Mannar
 - Puttallam

Crioulos Malaio-portugueses

1. Malásia
 - Malaca (papiá kristang)
 - Kuala Lumpur
 - Singapura
2. Ilhas da Indonésia
 - Java
 - Flores
 - Ternate
 - Ambom
 - Macassar
 - Timor

Crioulos Sino-portugueses

1. Macau (macauense, macaísta ou patuá)
2. Hong-Kong

É possível notar, nas divisões dos grupos acima, que o guineense ou *kriol*, objeto de estudo desta dissertação, pertence ao grupo de crioulos da Alta Guiné, junto com *kriolu* de Cabo Verde ou kabuverdianu e suas variedades (barlavento e sotavento) e com crioulo de Casamansa. Vale observar ainda que “chamam-se de base portuguesa os crioulos cujo léxico é, na sua maioria, de origem portuguesa.” (Pereira, 2007, p. 1). No caso do guineense, a língua portuguesa contribui para 80% do seu léxico (cf. Embaló, 2008, p. 106). A partir da próxima subseção, passamos à apresentação de aspectos relacionados à formação do guineense.

1.3 CRIOULO DE BASE PORTUGUESA: O GUINEENSE

Segundo Couto e Embaló (2010, p. 47), os portugueses tinham a Guiné-Bissau como “apenas uma fonte de fornecimento de escravos e de algumas mercadorias para os exploradores portugueses até praticamente o século XIX, sua ocupação e colonização sempre foi muito precária.”. Sem uma considerável/efetiva permanência dos colonizadores no país, a língua portuguesa não “se implantou efetivamente nessa região africana, chegando mesmo a se mesclar com as línguas nativas e a dar lugar ao crioulo”, sendo as línguas étnicas e o crioulo as mais faladas na região. A maioria dos guineenses, portanto, não têm o português como L1, tendo a língua europeia, muitas vezes, até como terceira língua.

Como as línguas étnicas acabavam dividindo o país, e o português era a língua inimiga, o crioulo foi adotado como língua de unidade nacional, por ser a língua comum a todos (Couto; Embaló, 2010, p.48). Os autores ainda reforçam a situação linguística no país, quando afirmam que “o português é a língua oficial, de trabalho, e o crioulo a língua nacional. As línguas nativas africanas são línguas de etnias, de nacionalidades.” (p.48).

Diante da diversidade étnica, cultural e linguística existente na Guiné-Bissau, que se manteve mesmo depois da independência, e da necessidade de formação de uma identidade nacional, o guineense passou a ser o fator comum dentre as diversidades, e foi adotado como língua de unificação nacional (Lopes, 1987, p. 230-231). De acordo com Couto e Embaló (2010, p. 232), a única forma de Guiné-Bissau se tornar uma comunidade de fala homogênea é através da adoção do guineense como língua de comunicação.

Parece não haver uma definição sobre o local exato onde o guineense teria se formado. Embaló (2008, p. 102) afirma que

Para uns (Naro, 1978) teria sido em Portugal com a ida de escravos negros para lá ainda no século XV. De lá teria “emigrado” para a África. Outros estudiosos defendem

que o berço da língua crioula foi Cabo Verde, como Peck (1988) e Kihm (1994) e, por fim, uma terceira corrente considera que foi na Guiné que ele se formou (Rougé, 1986).

Para o surgimento do guineense, são levantadas quatro teorias por diferentes autores. A primeira é proposta por Lopes da Silva (1957, p. 31), que defende que um crioulo cabo-verdiano surgiu e foi levado pelos colonos para a Guiné-Bissau: “Suponho que o crioulo falado na Guiné é, não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo caboverdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago [...]”. Segundo Intumbo (2007, p. 6-7), o problema desta proposta é que não há registro de uma vinda maciça de cabo-verdianos para Guiné-Bissau.

A segunda teoria parte de Pinto Bull (1989, apud Intumbo, 2007, p. 7), que afirma que já existia um contato entre os portugueses que cuidavam e administravam o comércio de escravizados, e os colonos. Desse contato nas praças Cacheu e Geba, surgiu o crioulo de base portuguesa, que foi levado para Cabo Verde. Esses portugueses eram conhecidos como ‘lançados’.

Segundo Gomes (2019), os lançados eram portugueses indesejáveis na metrópole, a maioria eram exilados que cumpriam por seus crimes. Nas terras africanas, muitos morriam de doenças nativas e os “que sobreviviam se tornavam os intermediários preferenciais de todos os negócios com traficantes de escravos” (p. 138). O autor ainda afirma que

Foram eles [os lançados] que fundaram, por volta de 1590, a cidade de Cacheu (na atual Guiné-Bissau), um dos principais portos de embarque de escravos do Golfo da Guiné para o Brasil entre os séculos XVI e XVII (Gomes, 2019, p. 138).

A terceira teoria é defendida por Naro (1978, p. 341), que afirma que o *pidgin* português teve origem na Europa em 1440 com o treinamento de tradutores e mais tarde teria sido utilizado em toda a África Ocidental²⁶.

²⁶“Portuguese pidgin, later extensively used throughout West Africa, had its origin in Europe, not in Africa, beginning in the 1440's with the officialy instituted training of translators. Its basic structural peculiarities resulted primarily from conscious modifications of theis speech by the Portuguese. In making these modifications, the Portuguese may well have been influenced by the earlier Eastern Sabir; but in any event, behavioral principles of the sort given directly above seem best able to account for their ultimate origins. In a very short time, African who spoke the resltant reconnaissance language base began to appear in the popular literature, and its peculiarities became an acquired code for the populace in general. We may speculate that in this guise, it was exported to the Guiné region by the Portuguese lançados, probably around the first quarter of the 16th century.” [O pidgin português, mais tarde amplamente utilizado em toda a África Ocidental, teve a sua origem na Europa e não na África, começando na década de 1440 com o treinamento de tradutores oficialmente instituído. Suas peculiaridades estruturais básicas resultaram principalmente de modificações conscientes do seu discurso por parte dos portugueses. Ao fazer estas modificações, os portugueses podem muito bem ter sido influenciados pelo antigo Sabir Oriental; mas em qualquer caso, princípios comportamentais do tipo dado diretamente acima parecem ser os mais capazes de explicar suas origens últimas. Em muito pouco tempo,

Rougé (1986, p. 35-37 apud Intumbo, 2007, p. 8) apresenta uma quarta proposta para explicar o surgimento do guineense, que refuta a teoria de Naro, afirmando que ambos os crioulos [o de Cabo Verde e o da Guiné-Bissau] têm em comum um proto-crioulo, que se originou, provavelmente, a partir de uma língua franca portuguesa falada na Costa da África e na Ásia (cf. Rougé, 1986 apud Santos, 2020, p. 25).

Scantamburlo (2013, p.45) reforça que o guineense teria surgido nos “*interpostos comerciais*”, que segundo o autor seriam os locais “onde operavam os ‘Lançados’” e nas “*praças*” (cidades).

De acordo com Rema (1982), os comerciantes que trabalhavam nos “interpostos comerciais” e também, os “lançados” tiveram muita importância na formação do guineense. Os lançados eram definidos como aqueles que

se lançaram pelo sertão adentro... Estes comerciantes brancos, parte apreciável dos quais era de origem judaica, familiarizaram-se com os pretos e as pretas, aprenderam as línguas do país, enriquecendo-as, por seu lado, com vocábulos da própria língua materna, a língua portuguesa (Rema, 1982, p.73).

Segundo Scantamburlo (2013, p. 48), em um primeiro momento, com o objetivo de expandir o comércio e a evangelização portuguesa, originou-se um novo falar, o *pidgin*. Em um segundo momento, com a necessidade de falar uma língua comum que expressasse e abrangesse as demandas da vida cotidiana, o *pidgin* ganha estatuto de L1, tornando-se o crioulo, ou seja, o *pidgin* transforma-se em “um meio de comunicação que no seu desenvolvimento tornou-se já língua materna de toda ou de uma parte da comunidade.”²⁷

Em relação ao desenvolvimento do guineense, Scantamburlo (2013) divide-o em dois momentos: “o período ‘antes da Independência’ e o período ‘depois da Independência’” (p.50), ou seja, a partir do momento em que perde o estereótipo de português mal falado, passando a ser utilizado como a língua veicular do povo guineense (Scantamburlo, 2013, p. 50).

O autor ainda aponta três condições sociopolíticas e econômicas para o prestígio e crescimento do guineense na Guiné-Bissau, quais sejam: (i) o reconhecimento do guineense como língua de unidade nacional depois da Independência; (ii) a utilização do guineense por políticos e locutores de Rádios Emissoras para atingir e serem compreendidos por uma maior

africanos que falavam a base linguística de reconhecimento resultante começaram a aparecer no meio da literatura popular, e suas peculiaridades tornaram-se um código adquirido pela população em geral. Podemos especular que sob esta forma, foi exportado para a região da Guiné pelos portugueses lançados, provavelmente por volta do primeiro trimestre do século XVI.] (Naro, 1978, p. 341).

²⁷ Vale observar que essa visão de o crioulo ser a aquisição de um *pidgin* como LM pode ser problemática, uma vez que o guineense não é adquirido como LM por todos os guineenses.

parte da população e (iii) uma liberação econômica que gerou a urbanização e a imigração de países vizinhos. Em relação a este último item, Scantamburlo (2013, p. 35) observa que “a cidade de Bissau passou de 112.140 habitantes, em 1979, para 387.909 em 2009 (vd. 1.1.1.2.), que têm utilizado uma língua comum como instrumento de comunicação num contexto multilingue.”.

Couto (1994, p. 19, apud Scantamburlo, 2013, p. 47) afirma que os *filhos da terra*, como eram chamadas as crianças dos comerciantes portugueses, os *lançados*, e de suas esposas, as *tangomãs*, “foram os primeiros falantes do Crioulo, pois com eles o *pidgin* português acima referido se nativizou.”. Assim, o autor reforça a ideia de que o crioulo teria surgido de um *pidgin*, essa forma linguística necessária e usada temporariamente em um contexto específico de comércio e que se tornou uma língua crioula no momento em que se tornava a língua nativa das crianças nascidas nesse meio.

Embora exista divergência quanto ao seu surgimento, é certo que o guineense nasceu no período de colonização, e mais tarde se transformou em “língua de libertação” para unificar e fortalecer a população do país, que lutava por uma identidade nacional. Nas palavras de Bicari (1981, p. 5):

Os cerca de trinta povos da Guiné começaram a sentir-se um só povo que, por exigência de luta unitária, escolheu uma língua, o Criol, a língua que nasceu com a colonização, mas que se transformou em ‘língua de libertação’.

Mesmo antes da chegada dos portugueses, a existência numérica de diferentes grupos étnicos implicava a enorme diversidade cultural e linguística do país; com isso, havia uma dificuldade de unificação e muitos conflitos internos. Com a colonização, o guineense surgiu, se tornando um ponto em comum nessa diversidade e, por não se tratar da língua do colonizador (o português) nem ser de origem de um grupo étnico específico, o guineense foi adotado como língua de unificação nacional, uma vez que, além de ter sido a língua de comunicação dos guineenses no período colonial, passou a representar a luta pela libertação de um povo, tornando-se, também, um símbolo de resistência. Para Embaló (2008, p. 105-106):

[...] povos com uma identidade cultural própria conseguiram engendrar uma identidade comum que se sobrepõe às de cada um dos grupos populacionais. E é esta identidade comum que faz a coesão da sociedade guineense, sobretudo nos momentos de crise, evitando que esta tome proporções maiores (Embaló, 2008, p.105-106).

De acordo com Djau (2015), mesmo que viesse a caracterizar uma identidade em comum, o guineense servia para se aprender português, língua imposta como oficial e que ganha importância na comunicação com o mundo exterior.

Conforme Couto e Embaló (2010), houve mudanças desde que o guineense se formou em meados do século XV até hoje. Não há registros textuais de sua fase de formação, e as raras menções sobre o guineense são a partir de um ponto de vista preconceituoso dos portugueses que “consideravam-no uma deformação do português, ‘português errado’, ‘mal falado’” (p.32). Assim, os autores apresentam algumas variedades do crioulo, como por exemplo, aquele que tem muitos empréstimos lexicais do português (por isso, o fácil entendimento); aquele que apresenta morfemas do português; e aquele que apresenta traços fonéticos e semânticos de línguas étnicas africanas.

Em suma, Manessy, G., 1995, p. 18 (apud Scantamburlo, 2013, p. 74) defende que o guineense é uma língua

composta por um léxico derivado em cerca de 80% da língua portuguesa e uma estrutura gramatical africana: os locutores aproveitaram-se do léxico da língua base, o Português, utilizando a estrutura gramatical das próprias línguas africanas (Manessy, G., 1995, p. 18 apud Scantamburlo, 2013, p. 74)

Nesta subseção, apresentamos resumidamente a história do guineense, as teorias de sua origem até o momento em que se torna uma língua de identidade cultural; isso no intuito de se ter uma visão histórica e contextualizada da língua que será estudada nesta pesquisa. Na sequência, será feito o mapeamento de aspectos culturais guineenses, que auxiliará na compreensão da forma como um guineense pensa e percebe o mundo para compreender as marcas de modalidade no guineense.

1.4 RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA: PREPARANDO O TERRENO PARA ENTENDER A MODALIDADE NO GUINEENSE

Nesta subseção, é apresentada, com base em (Nanque, 2022; Tavares, 2018; Garrafão; Subuhana, 2018; Mango, 2017; Tchuda, 2019; Mendes, 2014, 2017; Leister, 2012), informações socioculturais relevantes para a compreensão da cultura de Guiné-Bissau, para um mapeamento dos valores e das tradições dos grupos étnicos que compõem a cultura guineense. Esta subseção tem o propósito, portanto, de apreender cerimônias ou rituais que possam revelar noções de obrigação, permissão, objetivos, ou outras ideias relacionadas à expressão de

modalidade na língua. O principal intuito desta subseção é o de conhecer os elementos culturais ligados a meios para a consecução de metas visadas por homens e mulheres guineenses em diferentes fases de sua vida, desde a infância até a velhice, o que supomos nos auxiliará na compreensão do uso de marcas de modalidade nessa língua, especialmente a teleológica.

1.4.1 Mosaico cultural guineense: valores sociais e familiares, tradições, forma de subsistência de grupos étnicos

A Guiné-Bissau é composta por diversos grupos étnicos. Cada um apresenta um riquíssimo leque cultural, com seus valores, rituais, cerimônias, crenças e formas de subsistência próprios. Conhecer a cultura guineense, portanto, é conhecer elementos presentes nos grupos étnicos do país.

Ao comparar a cultura dos grupos balanta e pepel, Nanque (2022) aponta aspectos culturais comuns entre eles, como rituais de passagem da adolescência para a vida adulta, casamento, circuncisão, toca choro²⁸ e cortejos fúnebres; e também aspectos que os diferenciam, como o fato de os balantas apresentarem organização social horizontal, em que as decisões são tomadas em conjunto; enquanto que os da etnia pepel apresentam organização social vertical, em que as decisões são tomadas por um régulo, chefe da tabanca (Nanque, 2022, p.138). Esse autor observa que o nome balanta significa “aqueles que resistem” (p.139). Esse grupo étnico, que é um dos maiores grupos da Guiné-Bissau, faz parte do grupo étnico nigero-congolês.

Sanha (2014, apud Tavares, 2018, p. 6) afirma que os balantas emigraram do Egito, Sudão e Etiópia para a Guiné-Bissau com o objetivo de escapar da seca e da guerra. O grupo se dividiu em balantas *kuntoé* e balantas *nhacra*, que deram origem a subgrupos: balantas bravos, balantas *cunantes*, balanta de dentro, balanta de fora, balanta *manes*, balantas *nagas* e balantas *patch*. Além disso, são largamente animistas. De acordo com Tavares (2018), que se aprofunda no estudo da cultura do subgrupo balantas *patch*, uma de suas características mais importantes é a cultura da lavoura, especialmente o cultivo de milho e arroz. Além desta, outra fonte de renda desse subgrupo é a criação de gado. A autora ainda acrescenta que os gados são simbolicamente importantes, sendo eles utilizados em “cerimônias fúnebres, e outro evento sagrado e profano como a celebração das festas de casamento, batismos, entre outras” (p. 6).

²⁸“Corresponde à cerimônia tradicional herdada, que tem a finalidade de manter a relação entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos” (Silá, 2019, p. 6).

Segundo Nanque (2022, p.141), o casamento tradicional para os grupos balanta e pepel é um ritual realizado que marca a passagem da fase jovem para a fase adulta de homens e mulheres da sociedade. De acordo com Einarsdóttir (2004, apud, Garraão; Subuhana, 2018, p.5), para as mulheres do grupo pepel, o casamento tradicional é um ritual de extrema importância em suas vidas, uma vez que se a mulher não se casar, não será enterrada de forma devida. O marido é o responsável por realizar a cerimônia de bater o *bombolom*²⁹ (*toca tchur* ‘toca choro’) para a esposa e, sem essa cerimônia, a alma da mulher não pode ser instalada no outro mundo. Ainda segundo a autora, a mulher que não se casa não ganha o respeito da comunidade. Nanque (2022, p.141-142) afirma que os filhos de uma mulher não casada não poderão se casar no futuro, pelo fato da mãe não ser casada tradicionalmente.

Segundo Garraão e Subuhana (2018), o casamento tradicional consiste em seguir uma tradição ancestral e garantir respeito no meio social e familiar. Os autores afirmam que os noivos pagam em dinheiro ao pai e ao tio de/por suas noivas. Nas cerimônias, é comum encontrar aguardente, vinho de palma e mel, bebidas consumidas na festa e bolo de farinha de arroz da terra, que é a comida servida. Além disso, há a presença de alguns animais domésticos (cães, porco, cabra, galinha), que acabam sendo sacrificados durante o ritual (p. 6-7). De acordo com os resultados de uma pesquisa realizada por Garraão e Subuhana (2018) com mulheres guineenses, o casamento tradicional é tão importante que a mulher casada tradicionalmente possui mais respeito da sociedade do que uma mulher rica não casada. Ademais, mulheres não casadas tradicionalmente não podem participar de alguns rituais tradicionais (p.8).

Có (2010, apud Garraão; Subuhana, 2018, p.10) afirma que o ritual fúnebre de uma mulher casada tradicionalmente é realizado com grande protagonismo e reforça que “é o sonho de praticamente todas as mulheres papéis terem um ritual fúnebre digno e especial para demonstrar a sua grandeza e respeito perante a sociedade papel”.

Uma das informantes entrevistadas por Garraão e Subuhana (2018) afirma que o corte de cabelo da mulher faz parte da cerimônia do casamento tradicional. Em tempos mais antigos, era costume raspar todo o cabelo. Nos dias atuais, é tirado só um pouco do cabelo. O fato de ficar careca simbolizava a despedida da fase de menina e o novo cabelo que viria a crescer no lugar seria o de mulher casada (p.11)

De acordo com Mango (2017, p.15-16), o rito de casamento na etnia pepel tem certa duração, entre 7 e 12 dias. Nesse período, a noiva fica em companhia de mulheres mais velhas para receber conselhos e orientações.

²⁹ “Espécie de tambor, feito de um tronco oco de árvore, utilizado nas cerimônias para transmitir mensagens ou guiar o baile.” (Scantamburlo, 2002, p. 88).

Segundo Nanque (2022), se a mulher da etnia balanta não casar, assim como na etnia pepel, será vista como uma criança, sem respeito da sociedade e será barrada de assistir e/ou de participar das reuniões dos mais velhos. O autor ainda afirma que o homem é quem pede a menina em casamento para os pais. Para confirmação do pedido, é conduzido um pedaço de lenha, que caracteriza o compromisso do futuro casamento:

Do mesmo modo, a madrasta e/ou vizinho/vizinha tendo bom relacionamento com a mãe da criança pode fazer também esse gesto de preservar o casamento da criança para seu tio. Feito isso, o futuro marido leva vinho (binho) para ser consumido dentro da casa por quatro dias. No dia subsequente, o futuro marido leva novamente vinho que será consumido fora de casa (na calçada) também por quatro dias (Nanque, 2022, p.144).

Quando a criança atinge a fase de puberdade, o rapaz (noivo pretendente) leva novamente o vinho para tomar com a família enquanto estipulam o orçamento da cerimônia, incluindo o valor que o noivo deve pagar a cada um dos pais, junto com três suínos e quatro litros de vinho (Neusa N'runka, 2020, apud Nanque, 2022, p.144).

De acordo com Tchuda (2019), como a sociedade cobra do noivo que pague pela cerimônia e pelo dote de sua noiva, o homem da etnia balanta trabalha para ter condições de cumprir com essa exigência. Como afirma o autor, “o homem da etnia Balanta nasce com essa ideia de trabalhar para poder realizar o casamento tradicional e ajudar a mulher.” (p. 10). Cumprindo esse papel, ele consegue o respeito da sociedade balanta:

[...] se o homem realizar o casamento tradicional de acordo com os dotes que foram pedidos pela a mulher e a família da mulher o homem ganha respeito na comunidade e passa a ser mais respeitado pelo tudo o que fez na realização do casamento (Tchuda, 2019, p.10).

Ainda de acordo com o autor, o homem muitas vezes procura ganhar dinheiro no interior ou fora do país para ser capaz de cumprir com suas obrigações e financiar o casamento com sua futura noiva.

Segundo Nanque (2022), nas etnias balanta e pepel a circuncisão possui o mesmo peso de importância para os homens que o casamento tradicional para as mulheres. O ritual da circuncisão marca a passagem da fase jovem para a fase adulta de um homem. Assim como a mulher não casada, o homem que não passa pelo processo de circuncisão não ganha o respeito da sociedade, será visto como criança, mesmo sendo idoso, e será impedido de participar de reuniões realizadas pela sociedade. Segundo Nanque (2022), esse processo ocorre da seguinte forma:

Tradicionalmente a realização do processo cerimônia da circuncisão ocorre na mata em um abrigo apropriado para receber o circuncisando que irá passar pela etapa de preparação constituída de conhecimentos, atribuições de virtudes, atribuições de poderes importantes como a arte de agir, gesticulações, além de outros. Isso, durante o período de confinamento correspondente a três meses (Nanque, 2022, p.145-146).

De acordo com Nanque (2022, p. 146), os homens balantas passam por sete fases preparatórias, que se inicia logo quando criança, por volta de seis anos até os 24 ou 30 anos, para finalmente realizarem o ritual de circuncisão. Para os pepeis, esse processo de circuncisão ganha importância, uma vez que, além de marcar o homem como adulto, é necessário para que herde terras e resolva problemas familiares (Nanque, 2022, p.147).

Um outro aspecto muito comentado nos estudos encontrados na literatura que descreve os grupos étnicos da Guiné-Bissau está ligado à visão de morte. Segundo Sanha (2014, apud Tavares, 2018, p.12), os balantas, por exemplo, acreditam que, quando alguém morre, sua alma passa para o mundo invisível. Para os balantas, os antepassados continuam a manter alguma ligação com os vivos, zelando e protegendo suas vidas.

Faz também parte dos costumes dos balantas realizar a cerimônia “toca choro” (*psigh ni gritch*). Segundo Tavares (2018), essa cerimônia acontece na época em que a produção do vinho de caju aumenta. Para o cerimonial, a família compra vinho, aguardente, arroz e comida para os participantes envolvidos.

A necessidade de ‘psigh ni gritch’ para os Balantas patch tem dois motivos: o primeiro é transcendental e o segundo é terreno. No sentido transcendental é para familiar o repouso eterno da sua alma. No sentido terreno, tem a ver com o medo. Um fator determinante, porque todas as causas e as desgraças podem ter origem no não cumprimento desse rito (Sanha. 2014, p.13 apud Tavares, 2018, p. 14).

A respeito dessa cerimônia, Nanque (2022, p.149) afirma que os balantas costumam ter o corpo do falecido lavado pelo mais velho da comunidade, se o homem em questão tiver passado pelo ritual de circuncisão. Em seguida, o corpo é enrolado em um pano tradicional e só então é anunciado para a comunidade sobre sua morte, sendo o anúncio acompanhado pelo *bombolom*, instrumento que se toca para que a alma do falecido possa entrar no mundo dos mortos. Depois do corpo ser colocado em um caixão, é levado para o local em que será sepultado. O autor ainda observa que, caso a família não tenha condições de comprar um caixão, pode ser usada uma esteira de palha de carnaúba.

Ainda descrevendo a cerimônia do “toca choro” (*psigh ni gritch*), o autor afirma:

No final dessa cerimônia serão realizadas as tradicionais danças corpóreas com apresentação dos instrumentos de trabalho demonstrando que é através dos mesmos que todos ganham o dinheiro para suas aquisições necessárias à sua própria manutenção e de seus familiares. É importante frisar que todos os instrumentos apresentados são inerentes à profissão de cada apresentador, por exemplo: O professor apresenta sua caneta; o pedreiro seu prumo/colher de pedreiro; o lavrador seu arado; as mulheres produtoras de hortaliças, o seu regador e enxada (Nanque, 2022, p.151).

Nanque (2022) também explica que, após o sepultamento de uma pessoa idosa, é costumeiro que os convidados se reúnam para uma festa louvando a velhice como causa da morte. Porém, quando se trata do falecimento de um jovem, essa celebração festiva não acontece, e as famílias investigam se a morte foi natural ou não.

Fonseca (1997) detém sua atenção em outro grupo étnico da Guiné-Bissau, o grupo mancanha. De acordo com o autor (p.60-62), a organização social do grupo mancanha exibia a seguinte estrutura: régulo (autoridade máxima), suplente de régulo, *Bandjanhãs* (braço direito do régulo), *Bansughãs* (representante do régulo) e povo.

Ainda segundo Fonseca (1997, apud Carinton, 2021, p.9), o grupo mancanha apresenta um ritual chamado de *Ka-tchaça*.

este rito é relacionado com a nova vida, com o renascimento para uma vida superior, mais dinâmica e poderosa. Nesta perspectiva, o *Ka-tchaça* é um sistema educativo que tem como objetivo a integração progressiva do indivíduo no seu meio, ajudando-o a conhecer a sua história e a sua cultura com vista a fazer dele uma pessoa equilibrada e adulta, membro responsável da sua comunidade. Em outras palavras, leva-o a adquirir uma identidade própria que seja à base da fidelidade e do engajamento perseverante à toda a prova (Carinton, 2021, p.9).

Outro grupo étnico da Guiné-Bissau é o grupo manjaco, sobre o qual Mendes (2017) descreve. Segundo o autor (p.19), os manjacos possuem funções designadas para cada linhagem. Os *Bakuram* sepultam corpos, os *Bapene* são adivinhos, os *Bamanham* são sacerdotes e “servem nos altares dos Gětchhai (espíritos), onde só estes podem ter e dar acesso, inclusive qualquer ato neste local sagrado é consumado pelo Bamanham” e os *Babucim* são famílias nobres.

Segundo o autor, o grupo apresenta uma organização social hierárquica que se estrutura da seguinte forma:

Naiëk Pëboka (chefe da casa); Naiëk kaboka (chefe da linhagem/famílias extensas ou alargadas); Maték (chefes de cada parte); Namantch Utchak (chefe/régulo) de cada tabanka e no topo o Namantch kor Baserel (régulo dos régulos, que reside na tabanka de Baserel) (Mendes, 2017, p. 19).

É importante frisar ainda que “os manjacos acreditam que os *Irãs/Gëtchai* são mensageiros de Deus, e protetores dos seres humanos, já os Balugum são santos que encaminham mensagens dos anjos aos homens e também vigiam todos que estão na Terra.” (Mendes, 2017, p. 21).

Mendes (2017) afirma que os manjacos têm uma cerimônia de iniciação para adivinho/curandeiro, conhecida como *Pësson Bëpene*. Essa cerimônia é um ritual em que um *Balugum* elege alguém para interpretar as falas dos deuses para os humanos. Esta cerimônia só pode ser realizada por pessoas aptas a fazer a interpretação divina, ou seja, os próprios *Bepene*. Segundo Mendes (2014, p.111), “Bepene é uma cerimônia que, após a sua realização, a pessoa torna-se vidente, tornando-se apta a dar consulta e\ou curar doença”. A autora ainda reforça que “para tornar-se Napene (Adivinho/Curandeiro) precisa antes de tudo ser oriundo desta linhagem específica.” (p.25).

Em relação ao ritual de iniciação do régulo (*namantch*), Mendes (2014, p. 32) afirma que o indivíduo precisa respeitar três condições básicas para exercer o cargo: “1 - Idade mínima preestabelecida de 25 anos; 2 - Pertencer a uma linhagem específica (Babucin - nobreza); 3 – Boa condição física, mental e moral, nessa ordem.” E para que a candidatura fosse reconhecida, o autor afirma que

Cada candidato era obrigado a presentear anual ou periodicamente o régulo de Bassarel com quantidades de arroz em casa, gado caprino e suíno, aguardente de cana, cabaças de comida, pólvora e armas ordinárias, peças antigas, panos, etc., só assim lhes era reconhecida a legalidade da candidatura. A irregularidade ou suspensão de pagamento deste como tributo, constituía sempre causa bastante para a eliminação da lista dos candidatos com probabilidades de obter o lugar (Carreira, 1947, p. 113).

De acordo com Leister (2012, p. 148), os grupos manjaco, pepel, fula e felupe costumavam realizar rituais junto às áreas de cultivo, visando obter fertilidade do solo, chuvas suficientes e boas colheitas por parte dos espíritos. Leister (2012, p. 148) afirma também que, entre os bijagós, os chefes de família, mesmo sem terem cumprido rituais de iniciação, podiam celebrar/oficiar cerimônias junto aos *Irãs* familiares.

Nesta subseção, apresentamos alguns elementos da cultura de diferentes grupos étnicos da Guiné-Bissau³⁰. Iniciamos mostrando elementos culturais de dois grandes grupos guineenses: pepel e balanta, pontuando as principais metas de homens e mulheres papéis e balantas, como a passagem da fase jovem para a fase adulta e o direito a um enterro digno, junto

³⁰ Vale observar que essas relações de meios e metas que foram descritas aqui, não foram todas usadas nos contextos desta pesquisa. Porém, elas podem ser usadas na elaboração de outros contextos em pesquisas futuras sobre a modalidade teleológica no guineense.

aos meios possíveis para alcançar essas metas, como o casamento e a circuncisão. Em seguida, apresentamos o ritual *Ka-tchaça* do grupo mancanha, conhecido como um meio para que o indivíduo possa conhecer melhor sua história e sua cultura. Na sequência, o grupo manjaco é apresentado a partir da cerimônia de iniciação para adivinho/curandeiro.

Os elementos culturais apresentados com base na literatura se limitaram aos grupos étnicos supracitados, assim como seus costumes, rituais e cerimônias. Dentre mais de duas dezenas de grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau (Embaló, 2008, p. 101), somente quatro foram contemplados, sendo dois deles rapidamente apresentados. O motivo pelo qual apresentamos somente alguns grupos étnicos específicos, está no fato de que a literatura acaba se limitando em descrever com mais riqueza de informações os mesmos grupos étnicos, principalmente os grupos pepel e balanta. Assim, tivemos dificuldade em encontrar trabalhos/estudos que contemplassem elementos culturais de outros grupos étnicos em que fosse possível extrair relações de meio e meta. Para um mapeamento mais completo da cultura guineense, faz-se necessário, portanto, conhecer a cultura de outros grupos étnicos, e até mesmo detalhar melhor os elementos culturais dos grupos já citados. Diante disso, elaboramos um questionário sociocultural que visa a obter mais informações de diferentes grupos étnicos. No capítulo 3, apresentamos a estrutura desse questionário e os dados gerados a partir de sua aplicação.

1.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, foi apresentado o contexto histórico em que se formou o guineense, a língua mais falada na Guiné-Bissau e que concorre com o português, língua oficial e de ensino, e com as diversas línguas étnicas presentes no país. Foi visto que a grande maioria dos guineenses domina o guineense, pelo fato de ser a língua em comum, sem ser a do colonizador, e de unidade nacional, tecendo uma identidade para o país. Em seguida, foi apresentada a situação linguística da Guiné-Bissau, e uma revisão da literatura sobre questões linguísticas, perpassando a educação e o ensino de língua no país. Buscamos abordar conceitos importantes sobre língua (língua materna, primeira língua, língua primeira, segunda língua e língua estrangeira), e também apresentamos, com base na literatura sobre o guineense (Embaló, 2008; Couto; Embaló, 2010), quais línguas são comumente faladas em casa, na interação com amigos e/ou vizinhos, e na escola. Objetivamos, dessa forma, fornecer mais informações para melhor se compreender o multilinguismo característico da Guiné-Bissau. Além disso, foi feita

uma breve revisão sobre a educação no país e alguns de seus desafios, considerando que o português é a língua oficial e a língua de ensino, mesmo não sendo a língua mais falada dos guineenses.

Na sequência, foram apresentados alguns conceitos importantes da crioulistica, sendo enfatizada a ideia de autores que defendem o *pidgin* como uma formação linguística que antecede o crioulo. Ademais, foi apresentada a composição de uma língua crioula que se origina da combinação de uma língua base (o superstrato, que compõe boa parte de seu léxico) e de uma língua africana (o substrato) a partir de um contato estreito entre os falantes. No caso do guineense, foi mostrado que a língua surgiu em um contexto de escravidão na época da colonização portuguesa na África.

Também neste capítulo foi apresentado especificamente o guineense, um dos crioulos de base portuguesa, desde algumas hipóteses sobre seu surgimento, perpassando pelo desenvolvimento dessa língua até o momento em que se tornou a língua mais falada de Guiné-Bissau.

Por fim, foram apresentados alguns elementos culturais de grupos étnicos da Guiné-Bissau: cerimônia de circuncisão, cerimônias de casamento e cerimônias fúnebres. Tal exposição foi feita com a finalidade de mostrar a importância que esses aspectos culturais têm dentro de cada etnia. Tais rituais e cerimônias são meios necessários para que os guineenses atinjam algumas metas, como serem bem vistos na sociedade, participarem de reuniões sociais, serem enterrados com dignidade, se tornarem adultos, entre tantas outras metas descritas ao longo do capítulo. Para compreender melhor os aspectos linguísticos e culturais do país, é preciso conhecer, de maneira mais aprofundada, o povo guineense, saber quantas línguas falam e as relações que possuem com as línguas que falam, saber como pensam e a forma como enxergam o mundo, conhecer suas metas e os meios necessários para atingi-las. Essas questões serão essenciais para o estudo da modalidade teleológica e, portanto, foram apresentadas ao longo deste capítulo.

2. MODALIDADE

Neste capítulo, apresentamos a modalidade e os aspectos que a compõem, dando um foco especial à modalidade teleológica e à força modal, fatores que serão investigados no guineense, objeto de estudo desta pesquisa. A finalidade deste capítulo é fazer uma contextualização do tópico em pauta para em seguida introduzirmos a hipótese que norteou a elaboração do questionário de elicitación de modais teleológicos. Tomando por base que a modalidade teleológica consiste na relação entre o que tem que/deve/pode ser feito (o meio) para atingir uma determinada meta, a hipótese inicial é que haveria uma relação entre meio e meta e força modal (necessidade, necessidade fraca e possibilidade). Esses conceitos serão apresentados ao longo deste capítulo.

O capítulo 3 está dividido em 2 seções. Na primeira seção, é apresentada uma revisão da literatura sobre a modalidade, com base em von Fintel, 2006; Kratzer Et Al., 1981; Kratzer, 1991; Hacquard, 2009; Cinque, 1999; Vander Klok, 2023, perpassando o conceito de modalidade, tipos de modalidade, força modal e as palavras da língua que expressam modalidade. A segunda seção apresenta, com base em von Fintel; Iatridou, 2005, 2008; Saebo, 2001, 2017; Codinhoto; Rech, 2020; Rech; Codinhoto, 2022; Nissenbaum, 2005, uma visão geral sobre um dos tipos de modalidade: a modalidade teleológica, foco de estudo desta pesquisa, perpassando os aspectos gerais e as propriedades da estrutura dessa modalidade.

2.1 MODALIDADE: UM BREVE CONTEXTO

Nesta seção, apresentamos uma visão geral sobre a modalidade, com base na literatura, apresentando a definição de modalidade e força modal, os tipos de modalidade, quais as forças modais e quais as palavras da língua que expressam modalidade.

Von Fintel (2006) define modalidade da seguinte forma:

Modalidade é uma categoria de significado linguístico que tem a ver com a expressão de possibilidade e necessidade. Uma frase modalizada localiza uma proposição subjacente ou adjacente no espaço de possibilidades [...]. *Sandy pode estar em casa* diz que existe a possibilidade de Sandy estar em casa. *Sandy deve estar em casa* diz que, em todas as possibilidades, Sandy está em casa.³¹ (von Fintel, 2006, p. 1).

³¹Modality is a category of linguistic meaning having to do with the expression of possibility and necessity. A modalized sentence locates an underlying or *prejacent* proposition in the space of possibilities [...]. *Sandy might be home* says that there is a possibility that Sandy is home. *Sandy must be home* says that in all possibilities, Sandy is home (von Fintel, 2006, p. 1).

O autor ainda afirma que, junto à modalidade, encontra-se a temporalidade, “mas é mais comum falar de tempo e aspecto, as expressões verbais prototípicas da temporalidade”.³² Ambas formam um conjunto “que permite à linguagem natural falar sobre assuntos além do aqui e agora reais.”³³(von Fintel, 2006, p. 1).

Em seguida, o autor apresenta uma lista de palavras na língua que expressam modalidade, como auxiliares modais, advérbios, substantivos, adjetivos e condicionais, trazendo como exemplo palavras especificamente do inglês, como nos exemplos³⁴ transcritos do autor em (1-6) a seguir:

(1) Auxiliares modais:

Sandy must/should/might/may/could be home.

‘Sandy deve/deveria/poderia/pode/poderia estar em casa.’

(2) Advérbios:

Perhaps, Sandy is home.

‘Talvez, Sandy esteja em casa.’

(3) Substantivos:

There is a slight possibility that Sandy is home.

‘Há uma pequena possibilidade de que Sandy esteja em casa.’

(4) Adjetivos:

It is far from necessary that Sandy is home.

‘Está longe de ser necessário que Sandy esteja em casa.’

(5) Condicionais:

If the light is on, Sandy is home.

‘Se a luz estiver acesa, Sandy está em casa.’

³² “[...] but it is more common to talk of tense and aspect, the prototypical verbal expressions of temporality.” (von Fintel, 2006, p. 1).

³³ “[...] that enables natural language to talk about affairs beyond the actual here and now.”

³⁴ Vale observar que von Fintel (2006) também traz exemplos de verbos semi-modais, mas estes não serão tratados neste trabalho.

(von Fintel, 2006, p. 1)

No exemplo em (1), o autor apresenta alguns auxiliares modais do inglês. Nesta pesquisa, o foco será nos seguintes auxiliares modais guineenses: *pudi* ‘poder’, *dibi di* ‘dever’ e *ten ku* ‘ter que’.

Segundo von Fintel (2006, p. 1), os verbos modais do inglês são comumente utilizados nos exemplos ilustrativos, embora possuam um leque de propriedades gramaticais, incluindo os significados modais. A partir disso, o autor cita os diferentes tipos de significados modais (os tipos de modalidade) transcritos no quadro a seguir, que aborda alguns exemplos:

Quadro 5 - Tipos de modalidade

Tipo de Modalidade	Significado etimológico	Descrição
alética ³⁵	grego: <i>aletheia</i> , que significa “verdade”	diz respeito ao que é possível ou necessário no sentido mais amplo
epistêmica	grego <i>episteme</i> , que significa “conhecimento”	diz respeito ao que é possível ou necessário dado o que é conhecido e quais são as evidências disponíveis.
deôntica	grego: <i>deon</i> , que significa “dever”	diz respeito ao que é possível, necessário, permissível ou obrigatório, dado um conjunto de leis ou um conjunto de princípios morais ou semelhantes
boulética	grego: <i>boule</i> , que significa “desejo”	diz respeito ao que é possível ou necessário, dados os desejos de uma pessoa.
circunstancial	latim: <i>circum</i> , que significa “ao redor” ³⁶	diz respeito ao que é possível ou necessário, dado um conjunto particular de circunstâncias

³⁵ Segundo von Fintel (2006, p. 2), “It is in fact difficult to find convincing examples of alethic modality in natural language, and its inclusion in this list is primarily for reason of historical completeness. [Na verdade, é difícil encontrar exemplos convincentes de modalidade alética em linguagem natural, e sua inclusão nesta lista é principalmente por razões de completude histórica.]

³⁶ CIRCUNSTÂNCIA. In: Origem da palavra. 2023. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/artigo/pompa-e-circunstancia/>> Acesso em: 05 dez. 2023.

habilitativa	altim: <i>habeo</i> , que significa “capacidade” ³⁷	diz respeito às habilidades físicas do sujeito
teleológica	grego <i>telos</i> , que significa “objetivo”	diz respeito a quais meios são possíveis ou necessários para atingir um objetivo específico

Fonte: elaborado com base em von Fintel (2006, p.2); Hacquard, 2009, p. 3

Von Fintel (2006, p. 2) ainda afirma que muitas expressões modais carregam uma grande flexibilidade de significado, ou seja, “podem ser usadas para expressar muitos ou todos esses tipos de significados modais”³⁸ supracitados; e apresenta exemplos de um semi-modal do inglês, *have to*, transcritos em (6-10) a seguir:

(6) It has to be raining.

‘Deve estar chovendo.’ [depois de observar pessoas entrando com guarda-chuvas molhados; modalidade epistêmica]

(7) Visitors have to leave by six pm. [regulamentações hospitalares; deôntico]

‘Os visitantes devem sair até às seis da tarde.’

(8) You have to go to bed in ten minutes. [pai severo; boulético]

‘Você tem que ir para a cama em dez minutos.’

(9) I have to sneeze. [dado o estado atual do nariz; circunstancial]

‘Tenho que espirrar.’

(10) To get home in time, you have to take a taxi. [teleológico]

‘Para chegar em casa a tempo, você tem que pegar um táxi.’

(von Fintel, 2006, p. 2)

³⁷ *HABEO*. In: *Science Blog*. 2023. Disponível em: <[³⁸ “\[...\] Many modal expressions can be used to express many or all of these kinds of modal meaning.” \(von Fintel, 2006, p. 2\).](https://www.blogs.unicamp.br/eccemedicus/2014/12/17/dek-h-habilidade-habitar-habito/#:~:text=O%20primeiro%20grupo%2C%20ao%20qual,tem%20as%20habentia%20(propriedades).>> Acesso em: 08 mar. 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Segundo von Fintel (2006), a modalidade sobre uma perspectiva semântica é “analisada com o maquinário de *semântica de mundos possíveis*”. O nome mais influente dos estudiosos que seguem essa linha é Angelina Kratzer (1981,1991). Para a autora, “a modalidade tem a ver com necessidade e possibilidade” (Kratzer *et al.*, 1981, p. 39).

A princípio, os modais são *quantificadores sobre mundos possíveis*. Os modais de possibilidade são quantificadores existenciais, e os modais de necessidade são quantificadores universais.

Diferentes tipos de significado modal correspondem a diferentes escolhas de conjuntos de mundos possíveis como domínio de quantificação. Esses conjuntos de mundos possíveis são atribuídos ao mundo no qual a sentença complexa é avaliada (o *mundo da avaliação*) por uma relação de acessibilidade.³⁹ (von Fintel, 2006, p. 3).

Segundo Resende (2013, p. 19), esses quantificadores sobre mundos possíveis são: “é possível e é necessário e relacionam uma proposição a um conjunto de mundos possíveis, a base modal.” O autor ainda esclarece que

interpreta-se uma sentença com um modal de necessidade como *é necessário que em todos os mundos possíveis na base modal a proposição expressa seja verdadeira* e com um modal de possibilidade que *há pelo menos um mundo possível na base modal em que a proposição expressa seja verdadeira* (Resende, 2013, p. 20).

Segundo Hacquard (2009, p. 3), “os modais da linguagem natural parecem variar em (pelo menos) duas dimensões”. Essas dimensões são: força (possibilidade e necessidade) e tipo de modalidade. Vander Klok (2023, p. 96) afirma que “a força modal diz respeito à diferença entre estados de coisas possíveis ou necessárias, correspondendo à força quantificacional existencial (\exists) e universal (\forall) em um modelo padrão de semântica formal.”⁴⁰

Vale ressaltar que, embora o tipo de modalidade (ou sabor modal) e a força modal sejam as duas dimensões semânticas nas quais a modalidade está dividida (Hacquard, 2009), Vander Klok (2023, p. 97) afirma que, em estudos recentes, observa-se uma terceira dimensão semântica, que é a modalidade graduada (*necessidade fraca vs necessidade forte e possibilidade*

³⁹“Different kinds of modal meaning correspond to different choices of sets of possible worlds as the domain of quantification. These sets of possible worlds are assigned to the world in which the complex sentence is evaluated (the *evaluation world*) by an accessibility relation.” (von Fintel, 2006, p. 4).

⁴⁰“Modal force concerns the difference between possible or necessary states-of-affairs, corresponding to existential (\exists) and universal (A) quantificational force in a standard model of formal semantics.” (Vander Klok, 2023, p. 96).

fraca vs possibilidade forte). A investigação da necessidade fraca, junto às duas outras forças modais (necessidade e possibilidade) no guineense é um dos focos de estudo desta pesquisa.

Kratzer et al. (1991, p. 639) afirma que "as palavras modais geralmente são pensadas como sendo ambíguas." A autora inicia a discussão sobre essa ideia apresentando exemplos com o modal do inglês *must*, mostrando que um mesmo modal pode apresentar leituras de tipos modais diferentes. Os exemplos estão transcritos em (11) e (12) a seguir:

(11) Jock must have been the murderer. (in view of the available evidence, Jock must have been the murderer)

‘Jock deve ter sido o assassino. (tendo em conta as provas disponíveis, Jock deve ter sido o assassino)’

(12) Jock must go to jail. (in view of what the law provides, Jock must go to jail)

‘Jock deve ir para a prisão. (tendo em conta o que a lei prevê, Jock deve ir para a cadeia)’

(Kratzer, 1991, p. 639-640)

Kratzer (1991, p. 640) comenta sobre esses exemplos, ressaltando a presença da combinação dessas sentenças com as paráfrases em parênteses, as quais especificam como esses modais devem ser lidos, ou seja, que tipo de modalidade eles estão assumindo. "O modal em (11) significa 'necessário tendo em conta as provas disponíveis'. O *must* (dever) em (12) significa 'necessário à luz da lei'." Ou seja, um mesmo modal *must* assume leitura epistêmica em (11) e deontica em (12). Assim, a autora defende que o meio linguístico para explicitar o contexto e evidenciar o tipo de modalidade pretendida é especificando a informação necessária. Para isso, utilizam-se frases como as apresentadas nos parênteses dos exemplos acima: “tendo em conta o que sabemos”, “tendo em conta os regulamentos”, “tendo em conta o que a lei prevê”, entre outros.

Como evidenciado, e que von Stechow (2006, p. 4) também assinala, Kratzer (1981-1991) trata “a multiplicidade de significados modais” não como um caso de polissemia, mas como “o resultado da dependência do contexto”. Isto é, o contexto é aquele que apresentará informações que permitirão o modal assumir tipos de modalidades específicas (deontica, epistêmica, boulética, circunstancial e teleológica). Por esse motivo, o contexto é um elemento essencial para a interpretação modal.

Vale ressaltar que, enquanto Kratzer estuda a modalidade dentro de uma perspectiva puramente semântica, Cinque revela que a interpretação de itens modais é, em parte, determinada pela sintaxe. Nessa perspectiva teórica, Cinque (1999) afirma que os itens modais são rigidamente ordenados e propõe uma hierarquia de núcleos funcionais, transcrita abaixo, em (13):

(13) Hierarquia de núcleos funcionais:

Mood_{Speech act} > Mood_{Evaluative} > Mood_{Evidential} > Mod_{Epistemic} > TP(Past) > TP(Future) > Mood_{P_{Irrealis}} > Mod_{P_{Alethic}} > Aspect_{Habitual} > Aspect_{Repetitive(I)} > Aspect_{Frequentative(I)} > Mod_{Volition} > Aspect_{Celerative(I)} > TP(Anterior) > Aspect_{Terminative} > Aspect_{Continuative} > Aspect_{Retrospective} > Aspect_{Proximative} > Aspect_{Durative} > Aspect_{Generic/Progressive} > Aspect_{Prospective} > Mod_{Obligation} > Mod_{Permission/Ability} > Aspect_{Completive} > Voice_P

(Cinque, 2006, p. 12)

Através da realização de testes de transitividade, esse autor mostra que, mesmo se tratando de diferentes línguas, os núcleos funcionais apresentam o mesmo ordenamento através das línguas quando coocorrem em uma sentença. A hierarquia de núcleos funcionais proposta pelo autor indica a existência de modais altos, como o epistêmico, localizado acima da categoria TP (tempo), e de modais baixos, como o deôntico, o teleológico, o circunstancial, entre outros, que são denominados como modais de raiz, localizados, na estrutura, abaixo de TP e de muitas das categorias aspectuais. O autor postula tais posições com base nos resultados dos testes de ordenamento das categorias funcionais através das línguas, apresentando dados, inclusive, de línguas crioulas de base inglesa, francesa, por exemplo.

A partir da hierarquia proposta por Cinque (1999), Hacquard (2009, p. 31) assume que há duas posições diferentes para as quais um item modal pode ser orientado. Essas posições são: *VP-level* 'nível-VP' vs. *S-level* 'nível-S'. Hacquard (2009, p. 33) afirma ainda que "os modais são relativos ao evento VP (e, portanto, aos seus participantes - por exemplo, o sujeito - e seu tempo de execução - determinado pelo tempo verbal)", o nível VP; e também "ao evento de fala (e, portanto, ao falante e ao tempo de fala)", o nível S. A autora assume, portanto, que "os epistêmicos são considerados orientados para o falante; e os de raiz, orientados para o sujeito" (Hacquard, 2009, p. 4).

Vale observar ainda que, até o momento, nenhuma pesquisa investigou em qual ponto está a modalidade teleológica. Nossa hipótese é que se trata de uma modalidade baixa, portanto, ela estaria posicionada abaixo de TP assim como os outros modais de raiz.

Tendo apresentado os principais conceitos da modalidade, ressaltamos que o foco desta pesquisa é no estudo da modalidade teleológica no guineense, uma língua crioula de base portuguesa (ver capítulo 1). A escolha de estudar esta língua se justifica pelo fato de ser uma língua pouco descrita e haver poucos estudos sobre a modalidade nesta língua.

No intuito de trazer uma familiaridade com a língua em questão, apresentamos a seguir alguns exemplos retirados de Kihm (1994, p. 26) que ilustram algumas sentenças com os auxiliares modais guineenses:

(14) N ka na **pudi** pera l.

I NEG⁴¹ A can wait-s/he/it

‘I won’t be able to wait for him/her/it.’ (Não poderei esperar por ele/ela)

(15) N **dibi/ten di** bay gosi.

I must/have of go now

‘I have to go now.’ (Eu tenho que ir agora)

(Kihm, 1994, p. 26 grifo nosso)

À semelhança de Kihm (1994), Inlaté (2023, p. 61) lista os verbos modais no guineense, apresentando os mesmos itens acima, porém com variação em um deles. Vejamos os exemplos transcritos do autor em (16 - 18) a seguir:

(16) Bu **pudi** kume kaldu di mankara.

você poder comer caldo de amendoim

‘Você pode comer caldo de amendoim.’

(17) Bu **dibi di** kume kaldu di tcheben

você dever comer caldo de chabéu

⁴¹ NEG= negação

‘Você deve comer caldo de chabéu’

- (18) Bu **ten ku** kume kaldu di sity.
 você ter que comer caldo de óleo de palma
 ‘Você tem que comer caldo de óleo de palma.’

(Inlaté, 2023, p. 61 grifo nosso)

Inlaté (2023, p. 61) aponta que as sentenças transcritas em (16) a (18) apresentam os auxiliares modais no guineense. O auxiliar modal de possibilidade (*pudi*) está expresso na sentença em (16); o auxiliar modal de necessidade fraca (*dibi di*) está expresso na sentença em (17); e o auxiliar modal de necessidade (*ten ku*) está expresso na sentença em (18). Vale observar ainda que, nos exemplos em (15) e (18), o modal de necessidade apresenta variação (*ten ku* e *ten di*), à semelhança do português brasileiro (doravante PB) (*ter que* e *ter de*)⁴². Em nossa pesquisa, os três tipos de auxiliares modais serão investigados em contextos teleológicos.

2.2 MODALIDADE TELEOLÓGICA: UMA VISÃO GERAL

Nesta subseção, apresentamos uma visão geral sobre a modalidade teleológica com base na literatura, apresentando a sua estrutura, os elementos presentes dentro dela e as propriedades dos elementos que a compõem.

Em grego, *telos* significa “objetivo”. A modalidade teleológica está relacionada, portanto, aos meios possíveis e/ou necessários para atingir um objetivo, uma meta. Isto é, esse tipo de modalidade indica o que é possível/necessário fazer para alcançar uma meta. Vejamos o exemplo em (19), que ilustra esse tipo de modalidade no PB:

- (19) a. Você tem que/deve estudar 4h por dia para passar no vestibular.
 b. Você pode voar com a Azul para viajar para São Paulo.

Nos exemplos em (19), as sentenças apresentam as metas e os meios necessários ou possíveis para atingi-las. Em (19a), a meta apresentada é *passar no vestibular*, e o meio necessário para

⁴² A variação adotada para o estudo desta pesquisa é *ten ku* ‘ter que’.

que essa meta seja atingida é *estudar 4h por dia*. Em (19b), a meta apresentada é *viajar para São Paulo*, e o meio possível para que essa meta seja atingida é *voar com a Azul*. É possível perceber que as sentenças desses exemplos apresentam uma estrutura específica. Veremos nessa seção, com base na literatura, as propriedades dessa construção e como ela foi desenvolvida.

Estruturas como as apresentadas em (19a) foram propostas por von Fintel e Iatridou (2005) com base na construção que denominam como *Anankastic Conditional* (do grego *Ananke* que significa *necessidade*). A *Anankastic Conditional* tem como base o fenômeno identificado por Saebo (2001, p. 429), e sua estrutura é composta por dois fatores: (i) “uma *if-clause* que contém uma expressão que identifica um objetivo”⁴³, que comporta a condicional *if* ‘se’ mais o verbo volitivo *want* ‘querer’; e (ii) “um modal teleológico que especifica o que pode ou deve ser feito para atingir um determinado objetivo”⁴⁴ (von Fintel; Iatridou, 2005, p. 2). Ilustramos essa estrutura a partir do exemplo transcrito dos autores em (20):

(20) **If you want** to go to Harlem, you **have to** take the A train.

‘Se você quer ir a Harlem, você tem que pegar o trem A.’

(von Fintel; Iatridou, 2005, p. 1, grifo nosso)

No exemplo em (20), é possível identificar os dois fatores que compõem a estrutura apresentada pelos autores. *If you want* ‘se você quiser’ é a *if-clause*, uma condicional que identifica uma meta (ir a Harlem); e o modal teleológico *have to* ‘ter que’ que especifica o que precisa ser feito para a meta ser atingida. Com base nesta estrutura condicional apresentada no exemplo acima, Saebo (2001, p. 432) observa que esse tipo de estrutura pode variar, apresentando uma *to-clause*⁴⁵ em vez de *if-clause*, como nos exemplos comparativos transcritos do autor em (21):

(21) a. **If I want** to be owner of North America, I must find the Golden Helmet.

‘Se eu quiser ser dono da América do Norte, eu tenho que achar o Capacete de Ouro’

b. **To** be owner of North America, I must find the Golden Helmet.

⁴³“An if-clause that contains an expression picking out a goal or intention” (von Fintel; Iatridou, 2005, p. 2).

⁴⁴“A teleological modal that specifies what can or must be done to achieve a given goal” (von Fintel; Iatridou, 2005, p. 2).

⁴⁵ Essa combinação de preposição + infinitivo (a *to-clause*), Saebo (1991, p. 623) denomina de *casual clause*.

‘Para ser dono da América do Norte, eu tenho que achar o Capacete de Ouro.’

(Saebo, 2001, p. 432, grifo nosso)

A *Anankastic Conditional* também serviu de base para von Fintel e Iatridou (2005) proporem que “os modais teleológicos tomam uma *to-clause* com propósito como argumento”⁴⁶. A partir disso, os autores apresentam a seguinte fórmula: *to p, must q*⁴⁷ (para *p*, deve *q*) (von FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 15), em que *p* é a sentença que descreve a(s) meta(s), e *q* é a sentença que descreve o(s) meio(s). Nessa formalização, os autores reforçam a relação entre meio e meta presente em uma construção teleológica.

Segundo Codinhoto e Rech (2020, p. 53), a relação entre meio e meta é descrita pela literatura “com exemplos em que um ou mais de um meio é associado a uma única meta”. Porém, as autoras afirmam que o modal teleológico “figura também em construções em que um único meio é associado a diferentes metas, que podem ou não ser interdependentes” (p. 53). Os exemplos transcritos das autoras em (22) ilustram essas relações:

- (22) a. Para ser aprovado na disciplina, você tem que ter 70% de frequência.
 b. Para ser aprovado na disciplina, você tem que ter 70% de frequência, tem que acertar 70% da prova e tem que entregar o trabalho final.

(Codinhoto; Rech, 2020, p. 54)

No exemplo em (22a), a sentença apresenta uma única meta: ‘ser aprovado na disciplina’; e um único meio necessário para atingi-la: ‘ter 70% de frequência’. A sentença em (22b) apresenta uma única meta: ‘ser aprovado na disciplina’ e mais de um meio para atingi-la, esses meios são: ‘ter 70% de frequência’, ‘acertar 70% da prova’ e ‘entregar o trabalho final’. Aqui, pelo fato de a meta não ser desmembrável em partes, ela só será atingida totalmente se todos os meios descritos forem realizados (Codinhoto; Rech, 2020, p. 54). Isto é, mesmo que a pessoa tenha 70% de frequência e/ou tenha acertado 70% da prova, mas não tenha entregado o trabalho final,

⁴⁶ “We will assume that in one of their syntactic frames, teleological modals take a purpose *to-clause* as their argument.” (von Fintel; Iatridou, 2005, p. 13).

⁴⁷ “*to p, must q* is true in *w* relative to modal base *f(w)* iff all the worlds in *f(w)* where *p* is achieved are *q*-worlds” (von Fintel; Iatridou, 2005, p. 15).

essa pessoa não será aprovada na disciplina. Codinhoto e Rech (2020, p. 54) apontam ainda que o modal teleológico também figura em construções “em que a meta descrita pode ser atingida de forma parcial ou total” diferentemente do exemplo em (22). As autoras afirmam que “nesses casos, há uma correlação entre cada uma das partes de forma que a realização de uma depende de a outra ter sido atingida”. O exemplo em (23), baseado em Franke (2006, p. 20 adaptado), ilustra esse caso:

(23) Para voar confortavelmente até São Paulo, você tem que voar com a LATAM.

Avaliemos essa sentença dentro do seguinte contexto: há duas maneiras de você voar para São Paulo: voando com a empresa aérea Azul ou com a LATAM. Dentro desse contexto, ainda é apresentado ao cliente que voar com a LATAM é mais confortável do que voar com a Azul. Sabendo que a meta do cliente é voar até São Paulo confortavelmente, a vendedora enuncia a sentença acima. Nesse caso, se o cliente escolher viajar com a LATAM, sua meta será atingida totalmente, pois ele chegará ao seu destino e fará uma viagem confortável. Contudo, se o cliente escolher viajar com a Azul (porque a passagem é mais barata, por exemplo), sua meta será apenas parcialmente atingida, uma vez que ele chegará ao seu destino, mas não fará uma viagem confortável. Ainda trabalhando com a relação meio e meta, Codinhoto e Rech (2020, p. 55) mostram que o modal teleológico também pode ser empregado em construções “que associam um único meio a metas não interdependentes”. Ilustramos essa relação com o exemplo transcrito das autoras em (24):

(24) Para treinar, tomar banho, ir ao mercado e chegar em casa antes do meio-dia, você tem que acordar às 5 horas.

(Codinhoto; Rech, 2020, p. 55)

O exemplo em (24) apresenta quatro metas: ‘treinar’, ‘tomar banho’, ‘ir ao supermercado’ e ‘chegar em casa antes do meio-dia’; e um único meio para atingi-las, que é ‘acordar às 5 horas’. As metas descritas são todas independentes umas das outras. Perceba que, para *tomar banho*, a pessoa não precisa *treinar*, assim como para *ir ao mercado*, a pessoa não precisa *tomar banho*, e assim por diante. Nessa situação, para que todas as quatro metas sejam atingidas, é preciso realizar o evento ‘acordar às 5h’. Se por acaso a pessoa acordar mais tarde, por exemplo, é provável que ela não tenha tempo de atingir todas as quatro metas estabelecidas, talvez ela só

consiga ‘tomar banho’ e ‘ir ao supermercado’; ou talvez ela consiga fazer tudo, menos ‘chegar em casa antes do meio-dia’. Nessa situação, diferente do exemplo em (23), caso o meio não seja realizado, as metas descritas não serão atingidas parcialmente, pois não se trata de uma única meta, mas de várias. O que ocorrerá é que algumas serão atingidas; e outras não.

A partir da construção *para p, tem que q* proposta por von Fintel e Iatridou (2005), os mesmos autores depreendem dessa formalização que, diferentemente de outros modais, o modal teleológico é um operador que seleciona 2 argumentos (p. 13-15): (i) o argumento que corresponde à sentença matriz, que descreve o(s) meio(s); esse(s) meio(s) pode(m) se constituir em um evento, como em (22a), ou “em uma sequência de eventos”, como em (22b); e (ii) o argumento que corresponde à sentença encaixada, que pode descrever uma única meta, como em (22a,b) e (23), ou mais de uma meta, como em (24).

Como visto anteriormente, a estrutura em que um modal teleológico é empregado teve como base a *anankastic conditional*. A noção de uma *sentença anankastic* foi introduzida na literatura por von Wright (1963) como “uma afirmação de que algo é (ou não é) uma condição necessária de outra coisa.” (von Wright, 1963, p. 10 apud Saebo, 2017, p. 3). Isso indica que o modal empregado em construções teleológicas é um modal de necessidade. Ao encontro da ideia do autor, Copley (2010, p. 2) faz a seguinte formalização: “para p tem que/deve q é verdade em um mundo w relativo a um conjunto de mundos m(w) se e somente se todos os mundos em m(w) nos quais p é atingido também tem q.”⁴⁸ Isto é, *para p, tem que q* significa: ‘uma meta é atingida através da realização de um meio necessário’, e essa sentença só é verdadeira, se e somente se, todos os mundos em m(w) nos quais a meta é atingida, o meio tem que necessariamente ser realizado também. A leitura que se depreende dessa formalização é de que o modal teleológico é empregado apenas em contextos de necessidade.

Indo de encontro a von Wright (1963), Sloman (1970, p. 390 apud von Fintel e Iatridou, 2008, p. 4) apresenta o seguinte *insight*:

Por exemplo, *se você quiser chegar a Londres ao meio-dia, então você deve ir de trem*, (a sentença) escolhe o melhor meio sem excluir a possibilidade de outros, enquanto que *se você quiser chegar a Londres ao meio-dia, então você tem que (deve, será obrigado a etc.) ir de trem* implica que não existe outro meio.⁴⁹

⁴⁸“to p, must q is true in world w relative to a set of worlds m(w) iff all worlds in m(w) in which p is achieved also have q.” (Copley, 2010, p. 2).

⁴⁹ “For instance If you want to get to London by noon, then you ought to go by train picks out the best means without excluding the possibility of others, whereas If you want to get to London by noon then you have to (must, will be obliged to etc.) go by train implies that no other means exists”. (Sloman, 1970, p. 390 apud von Fintel; Iatridou, 2008, p. 4).

Neste insight, o autor assume que o auxiliar modal *ought* ‘dever’ indica o melhor meio, dentre outras possibilidades, de atingir a meta expressa na sentença condicional; e que o auxiliar *have to* ‘ter que’ indica o único meio de atingir a meta expressa na sentença condicional, pois não existem outros meios para isso.

Complementando o insight de Sloman (1970), von Fintel e Iatridou (2005, p. 15) elaboram uma formalização semântica que diferencia a necessidade forte da necessidade fraca. Mais tarde, os autores depreendem dessa formalização que

modais de necessidade forte dizem que o precedente é verdadeiro em **todos os mundos** favorecidos, enquanto **modais de necessidade fraca** dizem que o precedente é verdadeiro em **todos os melhores** entre os mundos favorecidos (von Fintel; Iatridou, 2008, p. 4, grifo nosso).

Nissenbaum (2005, p. 135) afirma que o modal teleológico pode ser empregado ainda em contextos de possibilidade. O autor ilustra essa ideia apresentando os exemplos transcritos em (25):

- (25) a. If you want to go to Harlem, you **can** take the A train.
 ‘Se você quiser ir a Harlem, você pode pegar o trem A.’
- b. You **can** take the A train in order to go to Harlem.
 ‘Você pode pegar o trem A para ir a Harlem.’

(Nissenbaum, 2005, p. 135 grifo nosso)

Em (25a), o autor modifica a canônica *Anankastic Conditional* (Saebo, 2001; von Fintel; Iatridou, 2005), apresentada em (20), substituindo o modal teleológico de necessidade (*have to* ‘ter que’) pelo modal teleológico de possibilidade *can* ‘poder’. Ele denomina essa reestruturação de *Eparkastic Conditional* (do grego *eparkastic* que significa *suficiência*). Em (25b), o autor modifica a *to-clause* apresentada por von Fintel e Iatridou (2005), realizando a mesma substituição. Em ambos os exemplos em (25), o modal de possibilidade “fornece uma condição suficiente para alcançar a meta” expressa na *to-clause*, ou seja, tanto (25a) quanto (25b) afirmam que ‘pegar o trem A’ é um dos meios possíveis para alcançar a meta ‘ir a Harlem’ (Nissenbaum, 2005, p. 135).

Diante desses estudos, é possível concluir que o modal teleológico pode ser empregado em contextos de necessidade forte, em que existe apenas um único meio para atingir a meta; de necessidade fraca, em que existe um melhor meio para atingir a meta; e de possibilidade, em que existe mais de um meio possível para atingir a meta. Vale ressaltar, ainda, que a hipótese levantada para o estudo desta pesquisa está em assumir que a relação entre meio e meta e força modal de possibilidade tem a ver com a existência de meios equivalentemente possíveis para se atingir uma meta, não o único e nem o melhor.

Codinhoto e Rech (2020, p. 60) afirmam que “o modal teleológico exhibe propriedades de um modal de raiz, interpretado em posição baixa” e “é orientado, necessariamente, para um participante do evento VP”. As autoras ilustram essa propriedade com os exemplos transcritos em (26-27) a seguir:

- (26) a. As pessoas **têm que** pegar um barco para visitar Alcatraz.
 b. As pessoas **tiveram que** pegar um barco para visitar Alcatraz.
- (27) Maria tem que pagar o vestido à vista para receber o desconto.

(Codinhoto; Rech, 2020, p. 60 grifo nosso)

Nas sentenças em (26), as autoras mostram como o modal teleológico se comporta em relação às marcas de tempo. Segundo as autoras,

[...] o auxiliar “ter que” carrega marca de tempo (passado), indicando que a modalidade teleológica é interpretada abaixo da categoria TP_(Past), podendo realizar alçamento para essa posição e, conseqüentemente, descrever um meio para se atingir uma meta em um tempo anterior ao momento da enunciação (Codinhoto; Rech, 2020, p. 60).

As autoras ainda observam que, na sentença em (27), o modal está sendo orientado para o sujeito da sentença (Maria), “que indica o participante responsável por realizar a ação que corresponde ao meio (pagar o vestido à vista) para se atingir determinada meta (receber o desconto).” (Codinhoto; Rech, 2020, p. 60).

Codinhoto e Rech (2020, p. 65) ainda apontam o comportamento do modal teleológico em relação ao operador de negação, que “pode atuar sobre o item modal [...] ou sobre o evento descrito no VP”. Vejamos os exemplos transcritos das autoras em (28) a seguir:

- (28) a. Eu tenho que casar com a Maria para dar um jeito na minha vida.
 b. Eu **não** tenho que casar com a Maria para dar um jeito na minha vida.
 c. Eu tenho que **não** casar com a Maria para dar um jeito na minha vida.

(Codinhoto; Rech, 2020, p. 65 grifo nosso)

De acordo com a hipótese das autoras, o item de negação em (28b) está invertendo a força do modal de necessidade. Nessa situação, a negação

não nega o fato de o evento ‘casar com a Maria’ ser um meio para se atingir a meta ‘dar um jeito na minha vida’; o que se nega é o fato de esse evento constituir o único meio para se atingir a meta descrita; sob o escopo da negação, ‘ter que’ com conotação teleológica passa a ser interpretado como um modal de possibilidade (Codinhoto; Rech, 2020, p. 66).

Já em (28c), “a negação tem escopo sobre o evento VP (Eu casar com a Maria), e não sobre o item modal (ter que).” (Codinhoto; Rech, 2020, p. 66). A negação, nesse exemplo, faz parte da descrição do meio, isto é, ‘não se casar com a Maria’ é o único meio para que a meta ‘dar um jeito na minha vida’ seja atingida.

Rech e Codinhoto (2022) observam que nem todas as construções *para p, tem que/deve q* (von Stechow; Iatridou, 2005) recebem leitura teleológica. Vejamos os exemplos transcritos das autoras em (29) a seguir, que podem ou não receber tal leitura:

- (29) a. Para sair de casa, meu pai tem que/deve alugar um apartamento.
 b. Para ferver, a água tem que/deve atingir 100°C.
 c. Para passar no vestibular, Ana tem que/deve estudar.
 d. Para ser albino, a pessoa tem que/deve ter ausência de melanina.

(Rech; Codinhoto, 2022, p. 8067,8068)

Segundo as autoras, a sentença em (29a) pode apresentar interpretação teleológica, caso o aspecto de correferencialidade seja confirmado. A correferencialidade, para as autoras, é um aspecto relevante para que uma construção *para p, tem que q* receba leitura teleológica. O auxiliar modal da sentença em (29a) só receberá interpretação teleológica se o sujeito da

sentença que descreve a meta for o mesmo sujeito da sentença que descreve o meio. No exemplo, se a sentença for lida como ‘para meu pai sair de casa, meu pai tem/deve alugar um apartamento’, o auxiliar modal receberá leitura teleológica, pois o DP (meu pai) é aquele que detém a meta e também é aquele que realiza o meio para atingi-la. Caso a sentença seja lida como ‘para eu sair de casa, meu pai tem que/deve alugar um apartamento’, o auxiliar modal não ganha leitura teleológica, mas pode ganhar leitura deôntica, pelo fato de atribuir ao DP (meu pai) a obrigação de *alugar um apartamento*.

O auxiliar modal da sentença em (29b) não recebe leitura teleológica, pois o DP *a água* não possui traço [+animado]⁵⁰. Segundo as autoras, esse traço é essencial para a construção ganhar leitura teleológica, uma vez que DPs [-animados] não podem estabelecer metas. As autoras ainda afirmam que já era esperado que uma sentença como (29b) não gerasse leitura teleológica, visto que “tal construção (teleológica) corresponde à *anankastic conditional*, em que o argumento de *querer* deve exibir o traço [+animado], uma vez que receberá desse predicado a marcação temática de experienciador.”⁵¹ (Rech; Codinhoto, p. 8070).

Codinhoto e Rech (2020, p. 68) observam que um auxiliar modal teleológico pode formar sequência com predicados [-controle]. Em Rech e Codinhoto (2022, p. 8070), as autoras reforçam essa ideia ao afirmarem que “o participante que detém a meta parece poder ter traço [-agentivo], já que parece poder se combinar com predicados [-controle]”, como é o caso do predicado ‘passar’ em (29c). A leitura teleológica é, portanto, gerada em (29c), uma vez que a sentença ainda apresenta uma meta (passar no vestibular) e um meio (estudar) para que essa meta seja atingida. Ou seja, a relação meio e meta ainda é mantida, mesmo que Ana não tenha *controle* sobre passar ou não no vestibular (sua meta).

Rech e Codinhoto (2022, p. 8071) afirmam que o traço [+animado] é necessário, mas “não é condição suficiente para que uma construção ‘para p, tem que/deve q’ gere leitura teleológica”. Além do DP apresentar o traço de animacidade, também é necessário “que o predicado sob o escopo do modal seja marcado como [+mudança].” Em (29d), o predicado sob o escopo do modal ‘ter ausência de melanina’ é marcado com o traço [-mudança]. O auxiliar modal dessa sentença, portanto, não recebe interpretação teleológica. As autoras elucidam que

⁵⁰Vale observar ainda que essas propriedades são apresentadas de forma descritiva, para conhecer melhor a modalidade teleológica, e que não serão usadas para nossa análise.

⁵¹Bresnan e Kanerva (1989, p. 23) defendem “a hipótese de uma hierarquia universal de papéis temáticos, que desce do agente, passando pelo beneficiário, receptor/experimentador, instrumento, paciente/tema, até a localização, a qual estrutura os papéis semânticos dos verbos.” Junto a esta hipótese, Rech e Codinhoto (2022, p. 8070), afirmam que “Para os papéis de *agente*, *beneficiário* e *experienciador*, o traço [+animado] é necessário, mas não para os papéis de *instrumento*, *tema/paciente* e *locativo*.” (Bresnan; Kanerva, 1989, p. 23, tradução nossa; Rech; Codinhoto, 2022, p. 8070).

considerando que a modalidade teleológica [...] apresenta o resultado ou meta da realização de um evento (meio), é esperado que ocorra uma mudança de estado no predicado sob o escopo do modal para que a meta descrita seja atingida. Temos por hipótese, portanto, que predicados estativos marcados com o traço [-mudança] ofereçam restrições à interpretação teleológica (Rech; Codinhoto, 2022, p. 8073).

Diante dos estudos apresentados acima, que mapeiam as principais propriedades do modal teleológico, é possível compreender como esse tipo de modalidade se comporta e também estabelecer as condições necessárias para que a leitura teleológica seja gerada. Uma vez mapeadas as principais características da modalidade teleológica através das línguas, podemos investigar essa modalidade no guineense, com amparo na literatura. Os fatores que serão foco de investigação no guineense serão apresentados no próximo capítulo.

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, apresentamos a modalidade de forma geral. Apresentamos também os elementos que a compõem, como força modal, tipo de modalidade e as palavras da língua que expressam modalidade. Vimos que modalidade é uma maneira de falar sobre possibilidade e necessidades. Perpassamos importantes trabalhos sobre modalidade através das línguas, em uma perspectiva semântica (Kratzer, 1991), sintática (Cinque, 1999) e na interface sintaxe-semântica (Hacquard, 2006).

Na sequência, foram apresentadas, de maneira geral, as principais propriedades da modalidade teleológica através das línguas, dando um foco especial aos auxiliares modais do PB. Como foi possível verificar, a modalidade teleológica diz respeito aos objetivos do falante e estabelece uma relação entre meio e meta. O modal pode figurar em construções em que se tem um ou mais de um meio para atingir uma ou mais de uma meta, que podem ou não ser interdependentes. Além disso, o auxiliar modal teleológico figura em construções *para p, tem que/deve/pode q*, ressaltando que esse auxiliar modal pode ser empregado em contextos de necessidade forte, de necessidade fraca e de possibilidade. Ademais, apresentamos que, para o auxiliar modal receber leitura teleológica dentro dessas construções, pelo menos três propriedades devem ser exibidas: (i) o sujeito da sentença que descreve a meta deve ser, necessariamente, o mesmo que da sentença que descreve o meio; (ii) o DP que descreve a meta deve exibir o traço [+animado]; e (iii) o predicado sob o escopo do modal deve ser marcado com o traço [+mudança]. Também foi possível verificar que o modal pode se combinar com predicados [-controle]. Quanto à relação entre o auxiliar modal teleológico e a negação, foi

apresentado que o operador de negação, quando tem escopo sobre o item modal, inverte a força modal de necessidade para possibilidade. O quadro a seguir mostra, de forma resumida, as principais características do modal teleológico apresentadas ao longo desta seção.

Quadro 6: Propriedades do modal teleológico

Propriedade	Exemplo
Seleciona 2 argumentos: sentença principal, que descreve o meio, e sentença encaixada, que descreve a meta.	Para chegar a Harlem, você tem que/deve pegar o trem A.
Orientação do modal: recai sobre um participante do evento descrito pelo VP.	Maria tem que/deve pagar o vestido à vista para receber o desconto.
Está sob escopo de tempo e aspecto.	a) As pessoas têm que pegar um barco para visitar Alcatraz. b) As pessoas tiveram que pegar um barco para visitar Alcatraz
Figura em construções em que se tem 1 (ou mais de 1) meio para 1 meta.	a) Para ser aprovado na disciplina, você tem que ter 70% de frequência. b) Para ser aprovado na disciplina, você tem que ter 70% de frequência, acertar 70% da prova e entregar o trabalho final.
Figura em construções em que se tem 1 meio para mais de 1 meta, que podem ou não ser interdependentes.	Para treinar, tomar banho, ir ao mercado e chegar em casa antes do meio-dia, você tem que acordar às 5h.
Uma meta pode ser atingida apenas parcialmente, dependendo do meio escolhido.	Para voar confortavelmente até São Paulo, você tem que voar com a LATAM.
A negação inverte a força do modal de necessidade para possibilidade.	Eu não tenho que casar para dar um jeito na minha vida.
O DP que descreve a meta não deve exibir o traço [-animado].	#Para ferver, a água tem que/deve atingir 100°C.
O predicado sob o escopo do modal não deve ser marcado com o traço [-mudança].	#Para ser albino, a pessoa tem que/deve ter ausência de melanina.
O participante que detém a meta parece poder ter traço [-agentivo], já que parece poder se combinar com predicados [-controle].	Para passar no vestibular, Ana tem que/deve estudar.

<p>O sujeito da sentença que descreve a meta deve ser, necessariamente, o mesmo que da sentença que descreve o meio.</p>	<p>a) #Para (eu) sair de casa, meu pai tem que/deve alugar um apartamento. b) Para (meu pai) sair de casa, meu pai tem que/deve alugar um apartamento.</p>
<p>Pode ser empregado em contextos de necessidade forte, necessidade fraca e possibilidade.</p>	<p>a) Para chegar a Londres ao meio-dia, você tem que ir de trem (único meio). b) Para chegar a Londres ao meio-dia, você deve ir de trem (melhor meio). c) Para ir a Harlem, você pode pegar o trem A (meio possível).</p>

Fonte: baseado em Codinhoto; Rech (2020); Rech; Codinhoto (2022); Franke (2006); Nissebaum (2005); Von Fintel; Iatridou (2005, 2008)

Vimos, com base em estudos anteriores apresentados ao longo deste capítulo, que existe uma relação entre meio e meta e força modal. Essa relação se constitui da seguinte forma: a força modal de necessidade está relacionada ao único meio para atingir uma determinada meta; a força modal de necessidade fraca está relacionada ao melhor meio para atingir uma determinada meta; e a força modal de possibilidade está relacionada a mais de um meio possível para atingir uma determinada meta. A partir desses estudos, buscamos investigar essas mesmas relações no guineense, o foco de investigação do questionário desta pesquisa. Tal questionário teve como base o questionário modal de Vander Klok (2023) e será melhor apresentado no próximo capítulo.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de cada um dos três questionários aplicados ao longo desta pesquisa: um questionário de dados do falante e dados linguísticos, um questionário de dados socioculturais e um questionário de elicitación de modais teleológicos, com base em Vander Klok (2023). Os dois primeiros questionários se constituíram como base para o desenvolvimento do questionário de elicitación de modais teleológicos. Vale observar ainda que o *link* dos dois primeiros questionários foi enviado para um mesmo grupo de falantes do guineense. É esperado, portanto, que os participantes dos dois primeiros questionários sejam os mesmos, mas não é possível ter certeza, uma vez que não há identificação.

O capítulo 3 está dividido em 2 seções. Na primeira seção, é apresentada a metodologia utilizada para o desenvolvimento e aplicação do Questionário linguístico, que permitiu o levantamento de informações a respeito do guineense, a relação entre essa língua e a educação, junto ao aspecto multilinguístico do país. Ainda nesta primeira seção, é apresentada também a metodologia utilizada para o desenvolvimento e aplicação do Questionário sociocultural, que permitiu o levantamento de informações a respeito da cultura guineense, informações necessárias para conhecer o povo guineense, suas metas e os meios possíveis e/ou necessários para atingi-las, com o objetivo de auxiliar na construção do questionário de elicitación de modais teleológicos.

A segunda seção está subdividida em quatro outras: Proposta metodológica de Vander Klok (2014-2023): uma breve contextualização (subseção 3.2.1); Questionário de elicitación de modais teleológicos (subseção 3.2.2); Avaliação dos dados do piloto do Questionário de elicitación de modais teleológicos (subseção 3.2.3); e Questionário de elicitación de modais teleológicos (versão final) (subseção 3.2.4). A primeira dessas subseções apresenta uma breve contextualização do *Questionário modal para uso interlinguístico*, proposto por Vander Klok (2023), e que serviu como base metodológica para a construção do Questionário de elicitación de modais teleológicos. A segunda apresenta a metodologia utilizada para o desenvolvimento e aplicação do Questionário de elicitación de modais teleológicos, que permitiu o levantamento de informações a respeito da modalidade teleológica no guineense. A terceira apresenta a avaliação dos dados do piloto em relação às respostas dos participantes ao questionário de elicitación de modais teleológicos. Por fim, a quarta apresenta a versão final do questionário e as mudanças que foram feitas para sua última versão.

3.1 MAPEAMENTO LINGUÍSTICO E SOCIOCULTURAL

Nesta seção, são discutidos os dados de um questionário linguístico e um questionário sociocultural produzidos especialmente para esta pesquisa. A elaboração desses materiais visou suprir uma lacuna na literatura linguística sobre o guineense, a de investigar uma escolha/adequação linguística a depender do contexto situacional: interação familiar e/ou social, escola, trabalho, atendimento em órgãos públicos, etc. Supomos que as informações coletadas a partir das perguntas dos questionários auxiliarão na compreensão dos princípios, valores, obrigações e objetivos comuns a um cidadão guineense, aspectos importantes para a expressão da modalidade, em especial da teleológica, tema de investigação desta pesquisa.

Esta subseção tem por finalidade, portanto, apresentar os dados dos questionários que aplicamos com o intuito de conhecer melhor o povo guineense, a(s) língua(s) que fala, como pensa, seus costumes, suas tradições e seus valores. Para isso, é necessário conhecer de forma mais aprofundada os aspectos linguísticos dos participantes e a cultura de seus grupos étnicos. A elaboração dos questionários foi pensada para ampliar nossos conhecimentos sobre o povo guineense, esperando que as informações a mais coletadas possam ajudar na elaboração de tarefas experimentais sobre a modalidade teleológica.

A seção foi organizada em duas subseções: na primeira, é apresentado o questionário linguístico, que apresenta um mapeamento étnico linguístico da Guiné-Bissau; e na segunda, o questionário sociocultural, que apresenta um mapeamento de fatores culturais de alguns grupos étnicos guineenses. Nas duas subseções apresentamos (i) as justificativas para cada pergunta presente nos questionários, com o objetivo de deixar claro o que esperamos como dado, (ii) a metodologia usada para os questionários, e (iii) os resultados encontrados.

Realizamos, em ambos os questionários, uma pesquisa sem identificação. Os participantes (guineenses que moram no Brasil) tiveram acesso ao questionário através de um *link* enviado a grupos de *whatsApp*, portanto, não sabemos a quem pertence cada resposta. Vale observar ainda que, pelo fato de não haver Comitê de ética na Guiné-Bissau, não foi possível submeter o trabalho a um colegiado interdisciplinar. Contudo, foi inserido um termo de consentimento ao final do questionário para o participante deixar claro que aceitou fazer parte da pesquisa. Ademais, os resultados foram organizados percentualmente.

3.1.1 Questionário linguístico: metodologia e resultados

O questionário foi elaborado com o objetivo de compreender melhor a característica do multilinguismo na Guiné-Bissau, investigando a situação das principais línguas faladas no país: as línguas étnicas, o português e, principalmente, o guineense. Investigamos, portanto, a relação dessas línguas com seus falantes, averiguando as línguas usadas na infância dos participantes e aquelas aprendidas em outras idades; a quantidade de línguas faladas; a preferência na aquisição/aprendizado⁵² do guineense, das línguas étnicas e do português como L1, L2 ou L3; e as frequências de uso dessas línguas.

O Questionário linguístico teve o objetivo de investigar a relação dos participantes com o guineense, visto que a Guiné-Bissau é um país multilíngue, e o guineense não é a língua oficial e nem a língua de ensino; além disso, é uma língua que não possui uma escrita regularizada⁵³ (Embaló, 2008, p. 103) (ver capítulo 1). Tal questionário contou com a elaboração de 22 perguntas e foi aplicado a 15 participantes, através da plataforma Google Forms. Não tivemos nenhum problema com as respostas, portanto todas foram consideradas na avaliação.

A construção deste primeiro questionário passou por diversas versões até chegar na forma final apresentada aos participantes. A primeira versão do questionário continha 29 perguntas, sendo algumas voltadas à situação da língua no contexto escolar, o que não é o foco da pesquisa em questão, como, por exemplo: ‘Em qual língua o professor falava com os alunos durante a aula quando não estava explicando o conteúdo?’, ou ‘Em qual língua você falava com seus colegas durante a aula?’, ou então ‘Qual ou quais línguas você fala na escola com seu professor?’. Além disso, o questionário estava repleto de perguntas repetitivas a respeito de informações pessoais, que o tornavam desnecessariamente longo, como, por exemplo: ‘local de nascimento’ e ‘nacionalidade’ ou ‘idade’ e ‘data de nascimento’; optamos, portanto, em manter somente uma das perguntas presentes nesses e em outros pares de perguntas que se assemelhavam.

A versão final do questionário buscou focar na relação entre os guineenses e a(s) língua(s) que falam. Buscamos, portanto, coletar informações a respeito da quantidade de línguas que falam, qual ou quais são essas línguas e qual a frequência de uso dessa(s) língua(s). Nesta subseção, justificamos cada uma das perguntas do questionário linguístico; expomos os

⁵² Vale observar que, apesar de existir uma diferença na linguística entre ‘aquisição’ e ‘aprendizado’ (de uma língua), não fizemos essa distinção no questionário, considerando que são termos técnicos da área e que isso não interferiu na análise dos resultados.

⁵³ Vale observar que alguns autores adotam como referência a grafia de Scantamburlo (1981).

dados em porcentagem a partir das 15 respostas coletadas e analisamos os resultados encontrados.

1. Idade

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos com qual faixa etária trabalharíamos. Deixamos um espaço para resposta curta e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 3 - Idade dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
21 a 25 anos	5	33,3%
26 a 30 anos	8	53,4%
31 anos ou mais	2	13,3%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a faixa etária dos participantes são adultos entre 20 e 32 anos, e que 53,4% dos participantes possuem entre 26 a 30 anos.

2. Local de nascimento

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o informante nasceu na capital Bissau ou no interior do país. A finalidade dessa pergunta é descobrir se existe diferença em relação à aquisição do guineense como primeira ou L2 para aqueles que nasceram em áreas urbanas e para aqueles que nasceram no interior do país, em áreas rurais. Conforme Benson (1994, p. 164), que apresenta uma tabela com a porcentagem de falantes guineenses que falam o guineense em relação às áreas rurais, semi urbanas e urbanas (ver seção 1.2), é comum que o guineense seja adquirido como L1 nas zonas urbanas (capitais) e como L2 nas zonas rurais (interiores). Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 4 - Participantes que falam guineense em relação às áreas urbanas e rurais

	L1	L2	L3
Áreas urbanas	7	1	0
Áreas rurais	4	3	0

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que todos os participantes são da Guiné-Bissau, metade é nascida em capitais e a outra metade é nascida em áreas rurais. Dos 8 participantes que nasceram em áreas urbanas, ou seja, nas capitais (Bissau e Bafatá), 7 possuem o guineense como L1 e somente 1 o possui como L2. Enquanto que dos 7 participantes que nasceram em áreas rurais, ou seja, nos interiores do país (Colonato, Bôr-Pábris, Quinsana, pertencentes à região de Biombo; Cambeque Cacine, pertencente à região de Tombali, e Bubaque, pertencente à região de Bolama), 4 possuem o guineense como L1 e 3 o possuem como L2. Nenhum dos participantes apresentou o guineense como terceira língua. Essa resposta reforça o prestígio do guineense no país, uma vez que a maioria das pessoas nascidas tanto na capital como no interior possui essa língua preferencialmente como L1.

3. Grupo étnico

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos a qual grupo étnico o participante pertence. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 5 - Grupos étnicos dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Pepel	7	46,6%
Balanta	2	13,3%
Fula	2	13,3%
Bijagó	1	6,7%
Felupe	1	6,7%
Mancanha	1	6,7%
Nalu	1	6,7%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que dentre mais de duas dezenas de grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau (Embaló, 2008, p. 101), 7 foram contemplados, e que 46,6% dos participantes fazem parte do grupo étnico pepel.

4. Local de moradia atual (país/cidade)

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos em qual local brasileiro o participante morava no momento em que respondeu ao questionário, uma vez que é comum, segundo Santos (2020), os guineenses que chegam ao Brasil se estabelecerem na Bahia ou no Ceará, estados onde estão localizados campi da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB). Essa universidade recebe alunos vindos de países que falam português e contribui “com a integração entre os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e o Brasil.” (Santos, 2020, p.23). Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 6 - Local de moradia dos participantes no Brasil

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
São Francisco do Conde - BA	11	73,33%
Garibaldi - RS	1	6,7%
Florianópolis - SC	3	20%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que todos os participantes moram atualmente no Brasil e que a maioria mora em São Francisco do Conde, na Bahia.

5. Há quanto tempo mora no local atual?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos há quanto tempo o participante mora no Brasil e, conseqüentemente, por quanto tempo apresenta contato estreito com a língua portuguesa. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 7 - Tempo de moradia dos participantes no Brasil

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
menos de 1 ano	3	20%
De 1 a 5 anos	11	73,3%
+ de 5 anos	1	6,7%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a maioria dos participantes mora no Brasil entre 1 a 5 anos. Essa resposta indica que 73,3% dos participantes já possuem um contato significativo com a língua portuguesa. É importante observar, entretanto, que os guineenses costumam formar grupos de convivência aqui no Brasil, falando, inclusive, em guineense entre si. O contato com o português ocorre mais durante as aulas na universidade e no contato com os colegas não guineenses ou com os professores.

6. Onde morou antes?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante morou em outro lugar do Brasil ou se o local atual é o primeiro e único local brasileiro em que ele morou. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 8 - Local de moradia anterior ao local de moradia atual

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Guiné-Bissau	13	86,7%
Brasil	2	13,3%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que dos participantes que moram no Brasil, 86,7% vieram diretamente de Guiné-Bissau e estão em território brasileiro entre 1 a 5 anos, como mostra a tabela anterior, e 13,3% dos participantes já moravam no Brasil, o que pode indicar que esses participantes moram há mais tempo no território brasileiro e, conseqüentemente, tiveram mais contato com a língua portuguesa do que a maioria.

7. Gênero

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se homens e mulheres participaram do questionário e saber a situação linguística de ambos os gêneros. As respostas foram de múltipla escolha com três opções (feminino, masculino ou prefiro não informar) e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 9 - Gênero dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Masculino	9	60%
Feminino	6	40%
Prefiro não informar	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que conseguimos uma maior participação de homens e mulheres no questionário, embora a maior participação tenha sido de homens.

8. Profissão

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante é estudante ou exerce alguma outra profissão. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 10 - Profissão dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Estudante	14	93,3%
Historiador	1	6,7%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a maioria dos participantes é estudante. Considerando que todos moram no Brasil, 93,3% dos participantes estudam em território brasileiro, isso sugere que esses participantes estão em contato com a língua portuguesa por meios formais (leitura e escrita de textos e aulas expositivas), além também de meios informais. Um único participante atua profissionalmente no Brasil, isso sugere que esse participante possui certo domínio formal da língua portuguesa em todas suas modalidades (fala, compreensão, leitura e escrita). Vale observar ainda que, apoiada aos dados da pergunta 4, pode-se concluir que a maioria dos participantes são ou foram estudantes da Unilab e alguns deles são ou foram estudantes da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), uma vez que Florianópolis é a capital onde fica localizada a universidade do estado de Santa Catarina.

9. Nível de escolaridade

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos qual o grau de escolaridade do participante, se possui o ensino básico incompleto, se possui o ensino básico completo e se possui o ensino superior completo ou em andamento. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 11 - Nível de escolaridade dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Ensino básico incompleto	0	0%
Ensino básico completo	0	0%
Ensino superior incompleto	5	33,3%
Ensino superior completo	10	66,7%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a maioria dos participantes possui ensino superior completo, isto é, a maioria já é formada. Essa resposta indica que a maioria dos participantes apresenta contato com a língua portuguesa também por meios formais (leitura e escrita de textos acadêmicos e aulas expositivas).

10. Qual o seu principal meio de acesso à informação?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante possui acesso à informação e por qual meio; se através da internet, rádio, televisão, jornal ou outros meios. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 12 - Principal meio de acesso à informação dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Internet	15	100%
Mídias	0	0%
Jornal, revista	0	0%
Outros	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que todos os participantes possuem a internet como o principal meio de acesso à informação.

11. Como é o seu acesso a internet?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante possui acesso livre à internet, uma vez que é comum que o maior meio de acesso à informação seja através da internet. As respostas foram de múltipla escolha com três opções (livre, restrito ou sem acesso), e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 13 - Grau de acesso à internet dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Livre	11	73,3%
Restrito	4	26,7%
Sem acesso	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a maioria dos participantes possui acesso livre à internet e, conseqüentemente, acesso livre à informação.

12. Quantas línguas você fala?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante fala mais de uma língua; uma vez que é comum um guineense falar, pelo menos, três línguas. São elas: a língua de seu grupo étnico, o guineense e o português. As respostas foram de múltipla escolha com quatro opções, que indicavam a quantidade de línguas que o participante fala (1, 2, 3 ou 4 línguas). Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 14 - Quantidade de línguas que os participantes falam

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
1 língua	0	0%
2 línguas	7	46,7%
3 línguas	4	26,7%
4 línguas	4	26,7%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a maioria dos participantes fala duas línguas. Vale observar que nenhum participante fala somente uma única língua. As línguas faladas são descritas na pergunta a seguir.

13. Quais línguas você fala?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos quais línguas o participante fala, uma vez que é comum um guineense falar, pelo menos, a língua de seu grupo étnico, o guineense e o português. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 15 - Línguas que os participantes falam

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Guineense	15	100%
Língua étnica	10	66,7%
Português	15	100%
Francês	2	13,3%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que todos os participantes falam tanto o guineense como o português. A preferência por essas duas línguas pode estar relacionada pelo fato de se tratar da língua de unificação nacional, o guineense (Lopes, 1987, p. 230-231), e da língua oficial e de ensino, o português (Couto; Embaló, 2010, p.30).

14. Qual foi a sua primeira língua?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos qual a L1 do participante e até mesmo para sabermos se algum participante adquiriu mais de uma língua como L1. Outro intuito dessa pergunta é saber, também, se algum participante adquiriu o português como L1, uma vez que é comum que o guineense adquira como L1 ou a língua de seu grupo étnico ou o guineense. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 16 - L1 dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Somente guineense	10	66,7%
Somente língua étnica	4	26,7%
Somente português	0	0%
Guineense e língua étnica	1	6,7%
Guineense e português	0	0%
Língua étnica e português	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que 66,7% dos participantes apresentam como L1 o guineense. Essa resposta reforça o prestígio que essa língua vem ganhando, visto que está se tornando uma L1 e se destacando até mesmo em relação às línguas dos grupos étnicos.

15. Com que frequência você fala, lê e escreve na sua primeira língua? Escolha entre as opções abaixo⁵⁴.

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante fala na sua L1 com mais frequência do que lê e escreve nessa mesma língua, uma vez que é comum que o guineense tenha como L1 línguas ágrafas, como as línguas étnicas, ou sem uma grafia padronizada, como o guineense (Embaló, 2008, p. 102-103). É comum, portanto, que o participante leia e escreva com menos frequência nessas línguas. As opções de resposta foram organizadas a partir de uma grade de múltipla escolha que relaciona as três habilidades com a língua (falar, ler e escrever) com quatro níveis de frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente e raramente). Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

⁵⁴ Vale observar que a pergunta 15 aborda 3 habilidades (fala, lê, escreve) e as perguntas 17 e 19 abordam 4 habilidades (fala, lê, entende e escreve). Essa diferença se deve ao fato de que consideramos que pela pergunta 15 investigar sobre a LM dos participantes, é esperado que ele entenda na(s) primeira(s) língua(s) adquirida(s).

Tabela 17 - Frequência de uso da L1 dos participantes

Respostas	Fala		Escreve	Lê
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Guineense como L1	D	11	10	10
	S	0	1	1
	M	0	0	0
	R	0	0	0
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Língua étnica como L1	D	3	3	3
	S	0	0	0
	M	2	0	0
	R	0	2	2
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Português como L1	D	0	0	0
	S	0	0	0
	M	0	0	0
	R	0	0	0

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a aquisição da L1 dos participantes varia entre o guineense e a língua étnica, sendo o guineense a L1 mais adquirida.

Todos que possuem o guineense como L1 falam nessa língua diariamente. Dos 11 participantes que têm o guineense como L1, 10 escrevem e leem nessa língua diariamente. Somente 1 dos 11 participantes que possuem o guineense como L1 escreve e lê nessa língua semanalmente. Essa resposta indica que a maioria dos participantes que possuem o guineense como L1 fala, escreve e lê nessa língua com bastante frequência.

Dos 5 participantes que possuem a língua do grupo étnico como L1, 3 falam, escrevem e leem nessa língua diariamente. Somente 2 dos 5 participantes que possuem a língua étnica como L1 falam mensalmente. O mesmo número de participantes escreve e lê raramente nessa língua. Essa resposta indica que a maioria dos participantes que possuem a língua étnica como L1 fala, escreve e lê nessa língua com bastante frequência.

Nenhum dos participantes possui o português como L1.

Pelo fato de o guineense e as línguas étnicas não apresentarem uma grafia padronizada, as respostas sugerem que os participantes levaram em consideração os meios informais de leitura e escrita, como textos de redes sociais e plataformas de conversa online (*Instagram, WhatsApp, Facebook*, entre outros canais de interação social). Vale ressaltar ainda que existe uma diferença na frequência de uso da L1, dependendo de qual ela seja. Quando a L1 é o guineense, ela é mais usada no cotidiano, uma vez que é usada semanalmente por aqueles que não a usam todo dia. Já quando a L1 é a língua étnica, esta é menos usada no cotidiano, uma vez que é usada mensalmente ou até mesmo raramente por aqueles que não a usam todo dia.

16. Qual foi a sua segunda?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos qual a L2 do participante e até mesmo para saber se algum participante adquiriu mais de uma língua como L2. Outro intuito dessa pergunta é saber, também, se o participante adquiriu o português como L2. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 18 - L2 dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Somente guineense	4	26,7%
Somente língua étnica	0	0%

Somente português	11	73,3%
Guineense e língua étnica	0	0%
Guineense e português	0	0%
Língua étnica e português	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que 73,3% dos participantes apresentam como L2, preferencialmente, o português. Essa resposta indica que essa língua pode estar ganhando prestígio, visto que uma pequena parcela da população a falava (Embaló, 2008, p.101). Embora o português seja a língua oficial do país, “não é a língua de comunicação nacional, na medida em que apenas cerca de 13% dos guineenses a falam, incluindo os que a têm como língua segunda, terceira ou até mesmo quarta para a maior parte dos guineenses.” (Embaló, 2008, p.101). Ou então pode ser por um viés de sobrevivência, considerando que os participantes são guineenses morando no Brasil, um país que fala majoritariamente o português brasileiro.

17. Com que frequência você fala, lê e escreve na sua segunda? Escolha entre as opções abaixo.

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante fala com mais frequência na sua L2 do que lê e escreve. Considerando que o guineense não tem uma grafia padronizada, é comum que o participante leia e escreva com menos frequência nessa língua. As opções de resposta foram organizadas a partir de uma grade de múltipla escolha que relacionava as quatro habilidades com a língua (falar, entender, escrever e ler) com quatro níveis de frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente e raramente). Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 19 - Frequência de uso da L2 dos participantes

Respostas	Fala		Entende	Escreve	Lê
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Guineense como L2	D	4	3	3	3
	S	0	1	1	1
	M	0	0	0	0
	R	0	0	0	0
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Língua étnica como L2	D	0	0	0	0
	S	0	0	0	0
	M	0	0	0	0
	R	0	0	0	0
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Português como L2	D	9	10	9	10
	S	1	1	2	1
	M	0	0	0	0
	R	1	0	0	0

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a aquisição da L2 dos participantes varia entre o guineense e o português, sendo o português a L2 adquirida preferencialmente.

Todos que possuem o guineense como L2 falam nessa língua diariamente. Dos 4 participantes que tem o guineense como L2, 3 entendem, escrevem e leem nessa língua diariamente. Somente 1 dos 4 participantes que possuem o guineense como L2 entende, escreve e lê nessa língua semanalmente. Essa resposta indica que a maioria dos participantes que possuem o guineense como L2 fala, escreve e lê nessa língua com bastante frequência. Nenhum dos participantes possui a língua étnica como L2.

Dos 11 participantes que possuem o português como L2, 9 falam e escrevem nessa língua diariamente e 10 entendem e leem nessa língua com a mesma frequência. Somente 1 dos 11 participantes que possuem o português como L2 fala, entende e lê nessa língua semanalmente, e 2 escrevem nessa língua com a mesma frequência. O fato desses participantes estarem inseridos em um ambiente universitário no Brasil contribuiria para isso. Um único participante fala nessa língua raramente. Essa resposta indica que a maioria dos participantes que possui o português como L2 fala, entende, escreve e lê nessa língua com bastante frequência.

Pelo fato de o guineense não apresentar uma grafia padronizada, as respostas sugerem que os participantes levaram em consideração os meios informais de leitura e escrita, como textos de redes sociais e plataformas de conversa online (*Instagram, WhatsApp, Facebook*, entre outros canais de interação social). Vale ressaltar ainda que existe uma semelhança na frequência de uso das segundas línguas, sendo elas utilizadas semanalmente por aqueles que não a usam todo dia, aparecendo, contudo, uma única exceção, em que o português sendo a L2 do participante é falado raramente.

18. Você fala uma terceira língua? Se sim, qual?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante fala uma terceira língua, uma vez que é comum um guineense falar, pelo menos, a língua de seu grupo étnico, o guineense, e o português. Contudo, deixamos essa pergunta como opcional para aqueles que não falam mais de duas línguas. Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 20 - L3 dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Somente guineense	0	0%
Somente língua étnica	4	26,7%
Somente português	4	26,7%
Guineense e língua étnica	0	0%
Guineense e português	0	0%
Língua étnica e português	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que existe um equilíbrio entre os participantes que possuem a língua étnica ou o português como terceira língua.

19. Se você fala uma terceira língua, assinale com que frequência você fala, lê e escreve na sua terceira língua. Escolha entre as opções abaixo.

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante fala com menos frequência na sua terceira língua do que lê e escreve, uma vez que é comum que o guineense tenha como L3 o português, a língua oficial e de ensino, mas que não é a língua falada no cotidiano entre os guineenses. É comum, portanto, que o participante não fale frequentemente nessa língua, mas leia e escreva diariamente. As opções de resposta foram organizadas a partir de uma grade de múltipla escolha que relacionava as quatro habilidades com a língua (falar, entender, escrever e ler) com quatro níveis de frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente e raramente). Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 21 - Frequência de uso da L3 dos participantes

Respostas	Fala		Entende	Escreve	Lê
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Guineense como L3	D	0	0	0	0
	S	0	0	0	0
	M	0	0	0	0
	R	0	0	0	0
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Língua étnica como L3	D	0	0	0	0
	S	2	2	2	2
	M	0	0	0	0
	R	2	2	2	2
		Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes	Nº de participantes
Português como L3	D	4	4	3	3
	S	0	0	1	1
	M	0	0	0	0
	R	0	0	0	0

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a aquisição da terceira língua dos participantes varia entre a língua étnica e o português. Nenhum dos participantes possui o guineense como terceira língua.

Metade dos participantes que possuem a língua étnica como L3 fala, entende, escreve e lê nessa língua semanalmente; a outra metade dos participantes fala, entende, escreve e lê nessa língua raramente. Essa resposta indica que nenhum dos participantes que possui a língua étnica como L3 fala, entende, escreve e lê nessa língua com muita frequência.

Todos os participantes que possuem o português como L3 falam e entendem nessa língua diariamente. Dos 4 participantes que possuem o português como L3, 3 escrevem e leem nessa língua diariamente, e somente 1 participante escreve e lê nessa língua semanalmente. Essa resposta indica que a maioria dos participantes que possui o português como L3 fala, entende, escreve e lê nessa língua com bastante frequência.

Pelo fato de as línguas étnicas não apresentarem uma grafia padronizada, as respostas sugerem que os participantes levaram em consideração os meios informais de leitura e escrita, como textos de redes sociais e plataformas de conversa online (*Instagram, WhatsApp, Facebook*, entre outros canais de interação social). Vale ressaltar ainda que existe uma diferença na frequência de uso da terceira língua, dependendo de qual ela seja. Quando a L3 é o português, ela é mais usada no cotidiano, uma vez que é usada semanalmente. Já quando a L3 é a língua étnica, esta é menos usada no cotidiano, uma vez que é usada raramente ou semanalmente.

20. Qual ou quais dessas línguas você aprendeu quando era criança? Assinale uma das alternativas abaixo.⁵⁵

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos se o participante aprendeu o português isoladamente, uma vez que é comum essa língua ser ensinada no ambiente escolar enquanto que a língua do grupo étnico e o guineense são adquiridas no cotidiano, muitas vezes até simultaneamente (Intumbo, 2012, p. 2). Vale observar ainda que, com essa pergunta, buscamos demarcar a diferença entre o aprendizado de L2 em uma idade que seja na infância (em um ambiente familiar) e o aprendizado de L2 em uma idade em que não seja na infância (em um ambiente escolar, por exemplo). As respostas foram expostas como caixas de seleção com seis opções, que indicavam a(s) língua(s) aprendida(s). As opções foram: somente a língua do grupo étnico, somente o guineense, somente o português, a língua étnica e o guineense, a língua étnica e o português ou o português e o guineense. Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

⁵⁵ Vale observar que esta pergunta foi feita, mas não foi utilizada, uma vez que nos atemos à primeira, segunda e terceira língua dos participantes.

Tabela 22 - Línguas aprendidas na infância pelos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Somente guineense	8	53,3%
Somente a língua étnica	0	0%
Somente português	0	0%
Guineense e língua étnica	7	46,7%
Guineense e português	1	6,7%
Língua étnica e português	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que a língua mais aprendida na infância foi o guineense, sendo esta aprendida de forma isolada ou simultaneamente com a língua étnica dos participantes. Essa resposta reforça o prestígio que o guineense tem na sociedade e reforça o que a literatura defende: o guineense e as línguas étnicas, muitas vezes, são adquiridos/aprendidos simultaneamente muito cedo (Intumbo, 2012, p. 2). Vale observar ainda que um dos participantes, selecionou duas opções de resposta para esta pergunta, assinalando as opções “somente o guineense” e “a língua étnica e o guineense”.

21. Onde você aprendeu cada uma dessas línguas?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos onde o participante aprendeu cada uma das línguas que fala. Segundo Intumbo (2012, p. 1), é comum a língua étnica ser adquirida/aprendida em casa; assim como é comum o guineense ser aprendido como L1 ou L2 também em casa, uma vez que o contato do guineense com essa língua “acontece muito cedo, quando não é a língua L1 do falante. Em muitos casos, a aquisição é feita simultaneamente com uma língua africana.” (Intumbo, 2012, p. 2). Já o português é uma língua comumente aprendida na escola (Couto; Embaló, 2010, p.30). As opções de resposta foram organizadas a partir de uma grade de múltipla escolha que relacionava as três línguas mais prováveis do participante falar (língua do grupo étnico, guineense e português) com três ambientes possíveis de aprendizado dessas línguas (em casa, na comunidade ou na escola). Os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 23 - Local de aprendizagem das línguas dos participantes

Respostas		Nº de participantes	Porcentagem
Guineense	Em casa	10	66,7%
	Na comunidade	5	33,3%
	Na escola	0	0%
Língua étnica	Em casa	8	53,3%
	Na comunidade	6	40%
	Na escola	1	6,7%
Português	Em casa	3	20%
	Na comunidade	1	6,7%
	Na escola	11	73,3%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que o guineense e a língua étnica foram aprendidos pela maioria dos participantes no ambiente familiar, enquanto que o português foi aprendido no ambiente escolar.

Um ponto que chama a atenção na tabela é o fato de haver um participante que tenha aprendido a língua do grupo étnico na escola, o que não é esperado. Essa resposta sugere que o participante pode ter considerado a escola como parte da comunidade, visto que é possível ele ter tido contato com falantes de uma língua étnica dentro do ambiente escolar. Outro ponto que chama a atenção na tabela é o fato de haver três participantes que tenham aprendido o português em casa, visto que é comum a maioria dos guineenses aprender essa língua no ambiente escolar (Embaló; Couto, 2010, p. 50).

22. Qual língua você usa ou vai usar para falar com os seus filhos?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos qual ou quais línguas o participante dará prioridade para que seus filhos adquiram e/ou aprendam, ou seja, a língua valorizada pelos participantes para ser ensinada no ambiente familiar. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 24 - Línguas escolhidas pelos participantes para falar com seus filhos

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Somente guineense	8	53,3%
Guineense e língua étnica	0	0%
Guineense e português	1	6,7%
Guineense, língua étnica e português	4	26,7%
Guineense e línguas não étnicas	1	6,7%
Somente língua étnica	1	6,7%
Língua étnica e português	0	0%
Somente português	0	0%
Línguas não étnicas	0	0%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que todos os participantes escolheram o guineense para ser a língua falada dentro do ambiente familiar, seja de forma isolada ou simultaneamente com as línguas étnicas e o português. Essa resposta indica que o guineense tem prestígio na sociedade.

3.3.1.1 Resumo dos dados do questionário linguístico

A partir dos dados do questionário linguístico, é possível concluir que a maioria dos participantes é estudante da Unilab, possui o ensino superior completo e mora no Brasil entre 1 e 5 anos. Isso indica que a maioria já teve bastante contato com a língua portuguesa, tanto por meios informais quanto por meios formais, uma vez que vivem/moram em território brasileiro

e estudam em uma universidade que exige deles uma relação diária com o português, por meio de leitura e escrita de textos acadêmicos, aulas expositivas e interação com outros brasileiros.

A maioria dos participantes é nascida na capital e fala 2 línguas: o guineense e o português. Dentre elas, o guineense foi adquirido como L1 e o português como segunda. Ambas as línguas são usadas com demasiada frequência nas modalidades de fala, compreensão, escrita e leitura, sendo o guineense usado mais frequentemente.

Vale ressaltar que os dados em relação às línguas étnicas foram surpreendentes. Mesmo sendo a língua da infância da maioria dos participantes, junto ao guineense, essas línguas são pouco usadas no cotidiano, além de aparecerem como a terceira língua da metade dos participantes que falam mais de duas línguas. O resultado surpreende pelo fato de a literatura defender que essas línguas serem comumente adquiridas como L1 da esmagadora parte da população. O baixo uso das línguas étnicas pode ser resultado do contexto no qual os participantes estão inseridos, visto que se trata de participantes que não estão em seu país e estão em interação frequente com brasileiros, sendo necessário o uso do português para se comunicarem, e também em interação constante com outros guineenses que pertencem a grupos étnicos diferentes, sendo necessário o uso do guineense para se comunicarem. Além disso, o baixo uso das línguas étnicas pode ser resultado também do fato de a maioria dos participantes terem nascido em áreas urbanas, alguns nem chegam a ser falantes de fato dessas línguas.

Embora esse seja o contexto, é evidente que os dados coletados reforçam o prestígio que o guineense possui na sociedade; uma vez que é a L1 da maioria dos participantes, sejam eles nascidos em áreas rurais ou urbanas, além de ser a língua escolhida por todos os participantes da pesquisa para falar com seus filhos.

Tendo mapeado o contexto linguístico dos participantes e compreendido melhor a situação do guineense e o aspecto multilinguístico de Guiné-Bissau, passemos para o mapeamento cultural do país, realizado a partir dos dados coletados do questionário sociocultural, que será apresentado e discutido na próxima subseção.

3.1.2 Questionário sociocultural: metodologia e resultados

Tendo investigado a relação dos participantes com o guineense, elaboramos um segundo questionário: o questionário sociocultural. Este teve por finalidade investigar a relação dos guineenses com suas metas e os meios necessários para atingi-las. Os dados desse questionário foram utilizados para a construção do questionário de elicitação de modalidade teleológica, de

forma que este não confrontasse a comunidade e que fosse ao encontro dos objetivos dos guineenses de cada comunidade, evitando, assim, construir contextos distantes da realidade da comunidade de cada grupo étnico. Os dados deste segundo questionário mostraram as principais metas de homens e mulheres guineenses, como ‘passar da fase jovem para a fase adulta’, ‘participar de rituais tradicionais’, ‘completar a cerimônia de casamento’, ‘ser régulo’, entre outras metas que variaram a depender do grupo étnico no qual os participantes estão inseridos. Além disso, os dados também mostraram os meios necessários para atingir algumas dessas metas, como ‘se casar’, ‘passar pelo ritual de circuncisão’, entre outros meios que variaram a depender da comunidade. O Questionário sociocultural contou com a elaboração de 8 perguntas e foi aplicado a 20 participantes através da plataforma Google Forms.

As informações do que será apresentado nesta subseção não apareceram no primeiro capítulo. Aqui foi feito um aprofundamento na cultura guineense, nos grupos étnicos, isso com a finalidade de conhecer como um guineense pensa e vê o mundo, conhecer suas metas e os meios para realizá-las. Aprofundar os conhecimentos e juntar informações sobre esses aspectos contribui para a formulação de contextos em que a modalidade teleológica é gerada.

Na maioria dos textos disponíveis na literatura que tratam da cultura de grupos étnicos guineenses, é possível notar uma predominância de estudos voltados a grupos étnicos específicos, destacando-se os grupos balanta, pepel e mancanha. Além disso, a maioria dos estudos se detém na descrição de casamentos, rituais de circuncisão e cerimônias fúnebres. O questionário sociocultural foi elaborado com a finalidade de (i) conhecer melhor os aspectos culturais também de outros grupos étnicos; (ii) saber mais sobre como são os rituais e cerimônias desses grupos; e (iii) conhecer as atividades que um guineense precisa realizar e as metas que visa atingir para que seja bem visto no seu grupo.

A construção deste primeiro questionário passou por diversas versões até chegar na forma final apresentada aos participantes. Em um primeiro momento, o questionário era composto por 13 perguntas, contudo existiam alguns problemas. Algumas perguntas estavam extremamente vagas, como por exemplo: ‘O que você precisa fazer para ter reconhecimento na sociedade guineense?’ ou ‘Quais as atribuições da mulher?’ ou então ‘O que um guineense precisa fazer para ser bem sucedido?’. Outras perguntas como ‘Descreva as etapas de um ritual de circuncisão dentro de seu grupo étnico’ também eram problemáticas, pois o próprio consultor, que nos ajudou em todas as etapas da pesquisa, alertou que alguns rituais são secretos e o que acontece neles deve ser mantido em sigilo. Corrigidos esses problemas, um piloto foi enviado a dois consultores. Porém, um dos consultores evidenciou outros problemas com as questões do questionário, pois não soube respondê-las e sugeriu excluir algumas perguntas,

como ‘o que um noivo deve fazer para completar a cerimônia de casamento’ ou ‘No seu grupo étnico, o que uma pessoa precisa fazer para se tornar um adivinho/curandeiro?’ ou então ‘No seu grupo étnico, o que é exigido do homem para que possa herdar terras?’. Sendo assim, essas e outras perguntas indicadas foram excluídas.

Com a versão final do questionário sociocultural, obtivemos um total de 24 respostas, porém 4 delas tiveram muitos problemas, como, por exemplo, respostas como ‘não faço ideia’, com informações incompletas ou então com erros de digitação que impediam a compreensão do que estava escrito. Sendo assim, optamos por desconsiderá-las, ficando com um total de 20 respostas no final.

Nesta subseção, apresentamos cada uma das perguntas do questionário sociocultural, justificando cada uma delas; expomos os dados em porcentagem a partir das 20 respostas coletadas; e analisamos os resultados encontrados, mapeando as metas dos indivíduos e os meios possíveis e/ou necessários para que essas metas sejam alcançadas. Vale observar que mantivemos as respostas exatamente como os participantes escreveram e nos enviaram.

1. Qual seu grupo étnico?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos a qual grupo étnico guineense o informante pertence. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 25 - Grupos étnicos dos participantes

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
Pepel	7	35%
Balanta	6	30%
Mansoanca	2	10%
Mandinga	2	10%
Fula	1	5%
Felupe	1	5%
Nalu	1	5%

Fonte: elaborada pelo autor

A tabela mostra que, dentre mais de duas dezenas de grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau (EMBALÓ, 2008, p. 101), sete foram contemplados, e que a maioria dos participantes pertence ao grupo pepel.

1. No seu grupo étnico, o que um homem precisa fazer para marcar a passagem da fase jovem para a fase adulta?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos quais as atividades que um homem precisa realizar para passar da fase jovem para a fase adulta dentro do grupo étnico a que pertence, uma vez que é comum que o homem de alguns grupos étnicos passe pelo ritual de circuncisão para marcar essa fase, como na etnia pepel (Nanque, 2022, p. 145) por exemplo. Procuramos saber (i) se o ritual de circuncisão é o único meio para que o homem possa passar da fase jovem para a fase adulta; e/ou então (ii) se existiria alguma outra atividade a ser realizada para que um homem seja considerado adulto. Deixamos um espaço para resposta longa e os dados obtidos foram os seguintes:

90% dos participantes responderam que **‘passar pelo ritual de circuncisão (fanadu)’** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para o homem atingir a meta ‘passar da fase jovem para a fase adulta’. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel, mansoanca, mandinga, felupe e nalu. 30% dos participantes responderam que **‘se casar’** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para o alcance dessa mesma meta. Nesse total, estão incluídos os grupos pepel, fula, mansoanca e mandinga. 15% dos participantes descreveram outros meios necessários para que o homem atinja essa meta, como **‘trabalhar’** para os participantes fulas, alguns participantes pepeis e alguns participantes mansoancas; **‘conviver com os mais velhos’** para os participantes mandinga; **‘passar por outras fases, como Nghaié⁵⁶, Nkhuman⁵⁷, etc.’**; ou então **‘aprender trabalhos de campo com os pais’** e **‘conhecer mais sobre a própria cultura’** para alguns participantes mansoancas.

⁵⁶ “A fase de NGHAIÉ é aquela que vai normalmente de 21 a 25 anos, mas, na maioria das vezes, não chega aos 25 anos. Nessa fase, os homens estão sempre juntos: tomam refeições atrás da casa (kufé) e vivem juntos numa casa reservada para eles. As suas marcas são simples de reconhecer. Suas formas de se comportar e de estar no meio do povo é diferente dos outros. Eles são mais quentes, o que quer dizer irrequietos. Cobrem o corpo com lama branca ou até mesmo farinha de mandioca. Sempre têm consigo as ditas “barcafon de NGAIÉ”, que é constituída de palhas de palmeiras. Outras marcas que eles trazem são grandes argolas nos pescoços, nos braços e nos pés. Para chamar atenção do povo, sempre tocam um corno de búfalo (ftem ni nghaié). Esse serve como meio de comunicação entre eles. São conhecidos como grandes comedores, o que, na verdade, são de fato” (Siga, 2015, p. 33).

⁵⁷ “A quarta fase dura mais ou menos três (3) anos, que vai de 19 a 21 anos. Esta é a fase da resistência física e de sabedoria e tem como símbolo a tartaruga, em língua balanta: NKUBUR. Como em todas as fases, os nkuman

2. No seu grupo étnico, o que uma mulher precisa fazer para marcar a passagem da fase jovem para a fase adulta?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos quais as atividades que uma mulher precisa realizar para passar da fase jovem para a fase adulta dentro do grupo étnico a que pertence; uma vez que é comum que a mulher de alguns grupos étnicos passe pela cerimônia de casamento para marcar essa fase, como na etnia pepel (EINARARSDOTTIRIR, 2004 apud NANQUE, 2022, p. 141), por exemplo. Procuramos saber (i) se a cerimônia de casamento é o único meio para que a mulher possa passar da fase jovem para a fase adulta; e/ou então (ii) se existiria alguma outra atividade a ser realizada para que a mulher seja considerada adulta. Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

90% dos participantes responderam que **‘passar pelo ritual de casamento’** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para uma mulher atingir a meta **‘passar da fase jovem para a fase adulta’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel, fula, mansoanca, mandinga e nalu. 25% dos participantes descreveram outros meios necessários para o alcance dessa mesma meta, como **‘cumprir com todos os requisitos da fase da juventude’** ou **‘cumprir outras fases, como *Buwassi*’**⁵⁸ para alguns participantes balantas; **‘ter domínio dos trabalhos domésticos e aprender a forma de cuidar do seu marido’** para alguns participantes mansoancas; ou então **‘precisa ter filho’** para os participantes felupes.

3. No seu grupo étnico, o que é exigido de uma mulher para que ela possa participar de rituais tradicionais?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos quais as atividades que uma mulher precisa realizar ou qual(is) exigências ela precisa cumprir para poder participar de rituais tradicionais, uma vez que é comum a mulher de alguns grupos étnicos precisar se casar para poder participar de alguns rituais e cerimônias, como na etnia pepel (Einararsdottirir, 2004 apud Nanque, 2022, p. 141); (Garrafão; Subuhana 2018, p.10), por exemplo. Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

também têm as suas tarefas específicas e são as principais forças motoras das lavouras. Ali mostram as suas habilidades em uma competição de velocidade e resistência.” (Siga, 2015, p. 31).

⁵⁸ “Significa em português lavagem, que não deve ser entendida como casamento mas também que possibilita uma mulher se tornar adulta.” (Participante 17). Segundo Tavares (2023, p. 17) a lavagem é “uma cerimônia que os Balantas faz [sic] para purificar as pessoas que engravida [sic] antes de casamento, o namorado e namorada grávida [sic] devem procurar as anciãs, mulheres com experiência, para serem lavados no rio e comer ntchinta de fundu, comida tradicional específica para essa cerimônia. Na lavagem, só as mulheres podem ir o rio, os homens não podem aproximar da localidade em que irá ocorrer a cerimônia.”

90% dos participantes responderam que **‘se casar’** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para uma mulher atingir a meta **‘poder participar de rituais tradicionais’**. Nesse total estão incluídos os grupos balanta, pepel, fula, mansoanca, mandinga e nalu. 10% dos participantes responderam que **‘ser uma idosa’** é um meio necessário para o alcance dessa mesma meta. Nesse total, estão incluídos os grupos mansoanca e mandinga. 15% dos participantes descreveram outros meios necessários para que a mulher atinja essa meta, como **‘passar por algumas fases’** para alguns participantes balantas; **‘ter um filho’** para os participantes felupes; ou então **‘cumprir o ritual de fanado’⁵⁹ (circuncisão)** para alguns participantes mandingas.

Vale ressaltar uma observação feita por um dos participantes balantas que afirma que "existem rituais que os chamados *Bufulis* = Meninas podem participar e que *Binin* = mulheres não podem participar" (Participante 17), ou seja, o único meio de uma pessoa balanta participar de certos rituais é justamente não ser *Binin* (mulher), essa pessoa tem que ser *Bufulis* (menina).

4. No seu grupo étnico, o que é exigido de um homem para que ele possa participar de rituais tradicionais?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos quais as atividades que um homem precisa realizar ou qual(is) exigências ele precisa cumprir para poder participar de rituais tradicionais; uma vez que é comum o homem de alguns grupos étnicos, como no grupo balanta e pepel, precisar passar pelo ritual de circuncisão para poder participar de “reuniões realizadas na comunidade” (Nanque, 2022, p. 145). Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

90% dos participantes responderam que **‘passar pelo ritual de circuncisão’** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para um homem atingir a meta **‘poder participar de rituais tradicionais’**. Nesse total, estão incluídos todos os grupos. 40% dos participantes responderam que **‘se casar’** é um meio necessário para o alcance dessa mesma meta. Nesse total estão incluídos os grupos pepel, mansoanca, mandinga e nalu. 10% dos participantes descreveram outros meios necessários para que um homem atinja essa meta, como **‘ficar dois a três meses na mata para conhecer alguns segredos’** para alguns participantes mansoancas; ou então **‘ser velho’** para alguns participantes mandingas.

Vale ressaltar uma observação feita por um dos participantes balantas que afirma que “existem rituais que os chamados *Bufulis* = Meninos podem participar e que *Bilanti bindan* =

⁵⁹ “Compreendemos o *fanadu* como uma das manifestações mais populares do povo mandinga que envolve tanto homens quanto mulheres [...]” (Traule, 2022, p. 8).

homens grandes ou adultos [...] não podem participar" (Participante 17), ou seja, o único meio de uma pessoa participar de certos rituais é justamente não ser Bilanti bindan (homem adulto), essa pessoa tem que ser *Bufulis* (menino).

5. No seu grupo étnico, o que a noiva precisa fazer para completar a cerimônia de casamento?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos quais as atividades que uma mulher precisa realizar para completar a cerimônia de casamento, uma vez que em alguns grupos étnicos as mulheres precisam raspar o cabelo ou então passar um tempo recebendo conselhos de outras mulheres mais velhas (Nanque, 2022, p. 143), como na etnia pepel, por exemplo. Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

15% dos participantes responderam que **‘untar o corpo com óleo de palma/azeite de dendê’** é um meio necessário para a noiva atingir a meta **‘completar a cerimônia de casamento’**. Nesse total estão incluídos os grupos pepel e mansoanca. 25% dos participantes responderam que **‘ficar um período de tempo em confinamento’**, seja ele junto às anciãs, como é o caso da etnia balanta, por exemplo, ou junto a seu marido, como é o caso da etnia mansoanca, é um meio necessário para a noiva atingir essa mesma meta. Nesse total, o grupo pepel também está incluído. Vale ressaltar, ainda, que esse confinamento serve para que a noiva “receba conselhos e instruções sobre a vida adulta e como se comportar com o seu marido, familiares e amigos do marido” (Participante 1).

30% dos participantes, todos pepeis, descreveram que **‘raspar os cabelos’** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para a noiva completar a cerimônia de casamento. 10% dos participantes descreveram **‘ter filhos’** como um meio necessário para o alcance dessa meta. 15% dos participantes responderam que a noiva **não precisa fazer nenhum ritual específico** para concluir a cerimônia de casamento, como o Participante 8 da etnia balanta, que afirma que para completar a cerimônia de casamento, é o noivo quem tem que “levar quatro porcos, quatro panos de pente e bebidas.” O Participante 17 ressalta que “a mulher Balanta não tem muito a dizer quando o assunto é o seu casamento, a tia, irmã da sua mãe, comanda, com o apoio da mãe da noiva.” O Participante 19, da etnia mandinga, acrescenta que "desde que os termos do casamento foram formados, e ela (a noiva) aceita casar, a família e os mais velhos cuidam de todo o ritual."

30% dos participantes descreveram outros meios necessários para que a noiva complete a cerimônia de casamento, como **‘realizar cerimônias’** e **‘comprar suas pertencas’** para alguns participantes balantas; **‘dar o vinho para tabanca onde ela é casa’** para os participantes

felupes; **‘se submeter ao marido’** para alguns participantes mandingas; **‘ser sarada’** para alguns participantes mansoancas; ou, então, **‘passar por lavagem (djanaba)’**⁶⁰ para os participantes fulas.

6. No seu grupo étnico, quais as consequências que a mulher enfrenta se não se casar?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos o que acontece com a mulher que decide não se casar, uma vez que em alguns grupos étnicos, como o grupo pepel por exemplo, as mulheres não casadas tradicionalmente ficam restritas a alguns rituais ou, então, sem direito a um funeral digno. Isso porque, nesses grupos, é o marido que toca o *bombolom*, que guia a alma da mulher para que seja instalada no outro mundo (Einararsdottir, 2004 apud Nanque, 2022, p. 141). Além disso, a mulher que não é casada tradicionalmente não costuma ser bem vista pela sociedade. Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

45% dos participantes responderam que **‘se casar’** é um meio necessário para a mulher atingir a meta **‘ganhar o respeito da sociedade e da família’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel, fula e mansoanca. 25% dos participantes descreveram que esse mesmo meio é necessário para o alcance da meta **‘participar de certos rituais e cerimônias’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel e mansoanca. 25% dos participantes descreveram que **‘se casar’** é um meio necessário para atingir a meta **‘tomar parte das decisões importantes’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel e mandinga. 10% dos participantes responderam que esse mesmo meio é necessário para a mulher atingir a meta de **‘não humilhar sua família’**. Nesse total estão incluídos os grupos balanta e mansoanca. 10% dos participantes, todos pepeis, descreveram esse meio como necessário para que a meta **‘ser sepultada com dignidade’** seja atingida.

20% dos participantes descreveram que **‘se casar’** é um meio necessário para atingir outras metas, como **‘não ser considerada como uma criança’**, para alguns participantes balantas; **‘ter direito a divisão de bens imobiliários’**, para alguns participantes pepeis; **‘não**

⁶⁰ "Na étnia fula maioria são muçulmanos neste caso no dia em que ela vai sair da casa do seu pai para casa do seu marido tens que lavar 'djanaba' quem pode lavar a noiva pode ser uma mulher adulta que nunca foi viuva ou seja quem nunca perdeu seu marido e depois um cabas deve ser marado com cordas brancas este cabas significa que aquela mulher vai deixar de pertencer casa do seu pai para casa do marido. Este cabas quando foi levantado na casa do pai não vai deixar ate na casa do marido." (Participante 4).

ficar solteira’, para os participantes felupes; ou, então, **‘não ser afastada de algumas responsabilidades**’, para os participantes nalus.

10% dos participantes não apontaram nenhuma consequência caso a mulher decida não se casar. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta e mandinga. Vale ressaltar, ainda, uma observação feita por um dos participantes mandingas em relação à questão do casamento em sua etnia, afirmando que "o casamento não é regulado pelo grupo étnico. As famílias são responsáveis pelo casamento, tanto do lado homem como do da mulher. (A mulher) pode não enfrentar nada, e pode enfrentar algo. Isto vai depender de como a família dela vai reagir, e não o grupo étnico” (Participante 19).

7. No seu grupo étnico, quais as consequências que o homem enfrenta se não passar pelo ritual de circuncisão?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos o que acontece com o homem que não passa pelo ritual de circuncisão, uma vez que, em alguns grupos étnicos, como o grupo pepel, por exemplo, os homens que não passam por esse ritual ficam restritos de participar de alguns rituais tradicionais ou, então, sem direito de herdar terras, além de não ser bem visto pela sociedade (Nanque, 2022, p. 147). Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

30% dos participantes responderam que **‘passar pelo ritual de circuncisão’** é um meio necessário para o homem atingir a meta **‘participar de certos rituais e cerimônias’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta e pepel. 25% dos participantes descreveram que esse mesmo meio é necessário para o alcance da meta **‘participar na tomada de decisões’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel e mansoanca.

20% dos participantes descreveram que **‘passar pelo ritual de circuncisão’** é um meio necessário para atingir a meta **‘não se sentir desonrado e desrespeitado’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel, mandinga e nalu. 15% dos participantes responderam que esse mesmo meio é necessário para um homem **‘não ser excluído/isolado por sua família e comunidade’**. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel e mansoanca. 15% dos participantes descreveram esse meio como necessário para que a meta **‘ser considerado homem’** seja atingida. Nesse total, estão incluídos os grupos balanta, pepel e mandinga.

30% dos participantes descreveram que **‘passar pelo ritual de circuncisão’** é um meio necessário para atingir outras metas, como **‘participar das reuniões realizadas na comunidade pelos anciões’** e **‘ficar junto dos homens circuncidados e comer com eles’**, para alguns participantes balantas; **‘ter direito de ser régulo’**, **‘tomar um lugar de grande**

prestígio na sociedade tradicional' e **'trabalhar com rendimento**', para alguns participantes pepeis; **'não ser cobrado tanto**', para os participantes fulas; **'ter palavra quando os anciões estão a falar**', para alguns participantes mansoancas; ou, então, **'não ficar sempre limitado**', para os participantes felupes.

8. No seu grupo étnico, o que uma pessoa precisa fazer para se candidatar a régulo?

Esta pergunta foi inserida no questionário para sabermos qual ou quais as atividades que um guineense precisa realizar para se candidatar ao cargo de régulo (chefe da tabanca) de acordo com os costumes e tradições de seu grupo étnico. Esta pergunta, contudo, estava voltada aos participantes que pertenciam a grupos étnicos com organização vertical que possuem um régulo (Nanque, 2022, p. 138). Deixamos um espaço para resposta longa, e os dados obtidos foram os seguintes:

40% dos participantes responderam que **'pertencer a uma linhagem com direito de ser régulo'** é um dos meios necessários ou até mesmo o único meio para a pessoa atingir a meta **'ser régulo'**. Nesse total, estão incluídos os grupos pepel, fula, mansoanca e mandinga. Para 25% dos participantes, todos pepeis, **'ser circuncidado'** e **'se casar'** são meios necessários para a pessoa atingir essa mesma meta. Para 20% dos participantes, também pepeis, **'fazer alguns rituais considerados importantes'** é um meio necessário para o alcance da meta. 15% dos participantes descreveram outros meios necessários para que a pessoa seja régulo, como **'ter maior idade'** e **'ter saúde'**, para alguns participantes fulas; ou, então, **'ter filhos'**, para alguns participantes pepeis.

Vale ressaltar as observações feitas pelos participantes mansoancas, que explicam melhor como funciona a organização sociopolítica de seus grupos. Segundo o Participante 15, a etnia mansoanca "está (dividida) em duas partes: a de cima e a de baixo, em que (uma) parte é dominada pela cultura mandinga, enquanto que outra parte é dominada pela cultura balanta. As de mandinga tem regulado, mas é (de) uma família (que) passa-se de geração a geração, isto é, de pai ao filho; e da cultura balanta não têm regulado porque, (os) próprios balantas não têm."

O Participante 16 acrescenta que na etnia mansoanca não há um régulo "e sim ancião da tabanca", esse só tem direito ao cargo se realizar alguns meios, como **'passar pelo ritual de circuncisão, aprender diversos trabalhos de campo com os pais, conhecer sobre a sua cultura e se casar com uma mulher'**.

Por fim, 30% dos participantes, todos balantas, responderam que não há régulo em sua etnia, pois a organização sociopolítica é horizontal, ou seja, as decisões são tomadas de forma coletiva.

3.2 RESUMO DA SEÇÃO

Ao longo deste capítulo, foi apresentada a situação linguística de Guiné-Bissau e a característica multilíngue do país, através de um questionário linguístico elaborado a fim de conhecer as principais línguas faladas por um guineense, os contextos em que essas línguas são adquiridas/aprendidas e a frequência de uso dessas línguas, além da relação de preferência na aquisição/aprendizado do guineense, das línguas étnicas e do português como L1, L2 e/ou L3. Como foi possível verificar, dentre essas, o guineense parece ter maior prestígio dentre a população, uma vez que aparece como língua materna da grande maioria dos participantes que respondeu ao questionário, pela frequência de uso dessa língua e por ser a escolhida para falar com os filhos.

Na sequência, foram apresentados aspectos culturais de alguns grupos étnicos, através de um questionário sociocultural. Tal questionário foi aplicado a fim de complementar algumas lacunas deixadas pela literatura, uma vez que existe uma predominância nos estudos sobre alguns poucos grupos étnicos em detrimento de tantos outros que compõem a cultura guineense. Buscamos, portanto, (i) conhecer a cultura de outros grupos étnicos; (ii) aprofundar questões culturais dos grupos étnicos apresentados pela literatura; e (iii) conhecer as metas que homens e mulheres guineenses visam atingir para serem bem vistos pela sociedade de seus grupos, assim como os meios que precisam realizar para que essas metas sejam alcançadas. Uma vez mapeada a relação de meio e meta presente na sociedade guineense, agora o terreno está pronto para o estudo da modalidade teleológica no guineense, cuja metodologia será apresentada na seção a seguir.

3.3 METODOLOGIA DO QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO DE MODAIS TELEOLÓGICOS

Nas duas seções anteriores, foi apresentada a metodologia utilizada nos dois questionários que buscaram coletar informações a fim de preparar o terreno para a elaboração do questionário de elicitação de modais teleológicos, que será apresentado nesta seção. Esse

terceiro questionário foi desenvolvido com base no questionário proposto por Vander Klok (2023). Contudo, antes da apresentação deste terceiro questionário, é válido fazer uma breve contextualização do questionário de Vander Klok (2023), no qual esse questionário foi baseado.

3.3.1 Proposta metodológica de Vander Klok (2014-2023): uma breve contextualização

O questionário modal proposto por Vander Klok (2023) foi escolhido como base na construção da metodologia desta pesquisa, por oferecer “contextos de discurso controlados que são criados para atingir um tipo específico de modalidade⁶¹” (Vander Klok, 2023, p. 95). A autora ainda acrescenta que esses contextos “podem ser implementados de diversas maneiras, de acordo com as expectativas e objetivos dos consultores linguísticos e dos pesquisadores⁶².” (Vander Klok, 2023, p. 95).

Vander Klok apresenta duas versões do questionário. A primeira versão é o questionário original (Vander Klok, 2014), que apresenta 37 contextos, abordando as modalidades: epistêmica, deôntica, teleológica e circunstancial; e as forças modais de necessidade, necessidade fraca e possibilidade, como pode ser visto na tabela a seguir, transcrita da autora (Vander Klok, 2023, p. 101):

Tabela 26 - Visão geral dos contextos discursivos em Vander Klok (2014b).

	Epistêmico	Deôntico	Circunstancial	Teleológico
Necessidade	6	4	3	1
Necessidade fraca	3	3	-	2
Possibilidade	3	7	5	não incluso

Fonte: Vander Klok, 2023, p. 101 tradução nossa

A autora cita os pontos fortes desta versão, como

[...] a ampla cobertura de diferentes tipos de sabor e força modal e o fato de incluir necessidade fraca como parte da dimensão de força modal. Além disso, o questionário

⁶¹ [...] the modal questionnaire offers controlled discourse contexts that are created to target a specific type of modality [...]” (Vander Klok, 2023, p. 95).

⁶² “(discourse contexts) can be implemented in a variety of ways according to the language consultants and researchers’ expectations and goals alike.” (Vander Klok, 2023, p. 95).

fornece contextos de discurso que visam um tipo específico de modalidade e força (force)/força (strength) e, em muitos casos, exclui outro tipo minimamente diferente, a fim de permitir a geração fácil de pares mínimos em uma determinada língua⁶³ (Vander Klok, 2023, p. 101).

Porém, a autora também destaca as limitações desta primeira versão, como o escopo limitado, o fato de não abranger a possibilidade teleológica e nem a necessidade fraca circunstancial, não incluir a modalidade boulética, não identificar quais interações temporais são visadas e o fato de que este questionário “não vincula explicitamente os diferentes contextos discursivos com algumas divisões feitas na literatura tipológica, em particular com a distinção dos tipos de modalidade, participante interno versus participante externo” (Vander Klok, 2023, p. 102). Por apresentar essas limitações, a autora elabora uma segunda versão: o questionário modal revisado (Vander Klok, 2023), que apresenta 46 contextos

com uma distribuição mais uniforme entre força modal/sabor modal. Por exemplo, a modalidade teleológica estava sub-representada em comparação com os outros sabores modais no questionário original, mas agora tem mais contextos e está no mesmo nível desses sabores. Múltiplos contextos de discurso para cada seção transversal também permitirão ao pesquisador escolher os contextos que podem funcionar melhor para eles (Vander Klok, 2023, p.103).

como pode ser visto na tabela a seguir, transcrita da autora (Vander Klok, 2023, p. 102):

Tabela 27 - Visão geral dos contextos discursivos direcionados aos tipos de modalidade no questionário revisado (Vander Klok, 2023)

Epistêmico		Raiz / Não epistêmico			
		Participante externo		Participante interno	
	Epistêmico	Deontico	Teleológico	Circunstancial	Boulético
Necessidade	5	4	4	4	3
Necessidade fraca	3	3	3	-	-
Possibilidade	4	5	3	5	-

Fonte: Vander Klok, 2023, p. 102 tradução nossa

⁶³ “Among the strengths of the original questionnaire are that it has broad coverage of different types of modal flavour and force, and that it includes weak necessity as part of the modal strength dimension. Additionally, the questionnaire provides discourse contexts that target a specific type of modality and force/strength, and in many cases, excludes another minimally different type in order to allow for easily generating minimal pairs in a given language” (Vander Klok, 2023, p. 101).

Vander Klok (2023) ainda afirma que o “questionário modal original (Vander Klok 2014b) foi adaptado a trinta línguas de seis famílias linguísticas: Níger-Congo, Austronésio, Arawak, Indo-Europeu e Urálic” (Vander Klok, 2023, p. 112).

A autora apresenta, no questionário revisado (Vander Klok, 2023), alguns contextos teleológicos abrangendo as forças modais de necessidade, de necessidade fraca e de possibilidade, como nos exemplos transcritos a seguir em (1-3):

(1) [Alvo: necessidade teleológica] (adaptado de von Fintel e Iatridou 2008) Existe apenas uma estrada principal, *Deandles*, ao longo da costa norte de Java para chegar a Semarang a partir de Paciran. (Se você for para Semarang vindo de Paciran, você TEM QUE/ #DEVE seguir esta estrada.)⁶⁴

(Vander Klok 2023, p. 134)

O contexto (1) apresenta uma meta ‘ir para Semarang vindo de *Paciran*’ e um único meio ‘seguir pela estrada *Deandles*’ para atingi-la. É possível notar que a autora insere palavras-chave que deixam claro que existe um único meio para que a meta seja atingida, ao usar, por exemplo, ‘existe apenas uma estrada principal’. É esperado que o participante, ao julgar essa sentença, prefira o uso do verbo modal que expressa necessidade forte, como *have to* ‘ter que’. Visto que só existe um meio de atingir a meta descrita, a necessidade de realizar esse meio se torna mais forte. O uso de um verbo modal que expressa necessidade fraca, como *should* ‘dever’, provavelmente soaria estranho ao participante (essa inadequação está indicada por #) e se justifica por não existir outra estrada ao longo da costa norte de *Java* para ele pegar/escolher. Comparemos esse contexto com o exemplo em (2), a seguir:

(2) [Alvo: necessidade fraca teleológica] (adaptado de von Fintel & Iatridou 2008) Existem três maneiras de chegar a Yogya: a Rota Semarang, a rota Bojonegoro e a rota Surabaya. Cak

⁶⁴ “[Target: teleological necessity] (adapted from von Fintel and Iatridou 2008) There is only one main road, *Deandles*, along the northern coast of Java to get to Semarang from Paciran. (If you go to Semarang from Paciran, you HAVE TO/ #SHOULD take this road.)” (Vander Klok, 2023, p. 134).

Khuluq diz que a rota do Bojonegero é muito bonita. Então, de acordo com ele, (se você for para Yogya, DEVIA seguir a rota Bojonegero)⁶⁵.

(Vander Klok, 2023, p. 135)

O contexto (2) apresenta uma meta ‘chegar a *Yogya*’ e mais de um meio possível para atingi-la; esses meios são: ‘seguir a Rota Semarang’, ‘seguir a rota *Bojonegero*’ e ‘seguir a rota *Surabaya*’. Além disso, é apresentado no contexto que a rota *Bojonegero* é muito bonita, uma informação adicionada para deixar claro que uma das rotas é mais vantajosa que as outras duas, já que é a mais bonita. É esperado que o participante, ao julgar essa sentença, prefira o uso do verbo modal que expressa necessidade fraca, como *should* ‘deve/devia’. O enfraquecimento da necessidade está no fato de que agora o contexto não apresenta mais um único meio para que a meta seja atingida, mas o melhor. Ou seja, dentre os três meios apresentados no contexto, ‘seguir a rota *Bojonegero*’ é apresentado ainda como o melhor meio para quem quer chegar a *Yogya*, pois esta rota é mais bonita. Agora, comparemos esse contexto com o transcrito no exemplo (3), a seguir:

(3) [Alvo: possibilidade teleológica] (baseado em Kolagar 2018: 52) Existem duas maneiras diferentes de chegar a Sari vindo de Teerã. Ambas levam cerca de 7 horas de ônibus e são igualmente lindas. (Você PODE/#DEVE pegar a estrada Haraz.)⁶⁶

(Vander Klok, 2023, p. 135)

O contexto (3) apresenta uma meta ‘chegar a *Sari* vindo de *Teerã*’ e mais de um meio possível para atingi-la; esses meios são: ‘pegar a estrada *Haraz*’ e ‘pegar uma outra estrada’ (este segundo meio não é explícito no contexto). Além disso, é apresentado no contexto que os dois meios levam cerca de 7 horas de ônibus e são igualmente lindos, informações adicionadas para deixar claro que nenhuma das rotas tem vantagens sobre a outra. É esperado que o participante,

⁶⁵ [Target: teleological weak necessity] (adapted from von Fintel & Iatridou 2008) There are three ways to get to Yogya: the Semarang Route, the Bojonegero route, and the Surabaya route. Cak Khuluq says that the Bojonegero route is very beautiful. So according to him, (If you go to Yogya, you SHOULD take the Bojonegero route.) (Vander Klok, 2023, p. 135).

⁶⁶ [Target: teleological possibility] (based on Kolagar 2018: 52) There are two different ways to get to Sari from Tehran. Both take around 7 hours by bus and they are equally beautiful. (You CAN / #MUST take the Haraz road.) (Vander Klok, 2023, p. 135).

ao julgar essa sentença, prefira o uso de um verbo modal que expresse possibilidade, como *can* ‘poder’. O uso de um verbo modal que expresse necessidade, como *must* ‘dever’, provavelmente soará estranho para o participante, uma vez que o contexto agora não apresenta o único meio nem o melhor meio, mas dois meios igualmente possíveis.

Uma vez descritos os diferentes contextos e as diferentes forças modais que podem ser investigadas no questionário de forma controlada, Vander Klok lista os quatro tipos de tarefas que podem ser trabalhadas com falantes de línguas orais para compor o questionário linguístico. São elas: (i) tarefa de tradução, que consiste na tradução da língua em comum do pesquisador e do consultor para a língua em estudo (Vander Klok, 2023, p.116); (ii) *felicity judgment task* ‘tarefa de julgamento de felicidade’, que consiste em julgar “o quão aceitável ela (frase alvo) se ajusta ao contexto do discurso (cf. Matthewson 2004) (Vander Klok, 2023, p.117); (iii) tarefa de escolha (semi)forçada, que consiste na escolha da frase-alvo que o participante acha mais apropriada ao contexto dentre outras frases alvos já estabelecidas pelo pesquisador; e (iv) tarefa de classificação Likert, que consiste em classificar, em uma escala de 1 a 5, a aceitabilidade da frase-alvo.

Diante disso, como método de elicitación de modais teleológicos, optamos em utilizar um questionário baseado no questionário revisado de Vander Klok (2023), investigando especificamente três contextos de força modal trazidos pela autora: necessidade forte, necessidade fraca e possibilidade, junto a dois tipos de tarefas listados pela autora: a tarefa de tradução e a tarefa de escolha (semi)forçada. Essa composição originou o Questionário de elicitación de modais teleológicos, que será apresentado na próxima subseção.

3.3.2 Questionário de elicitación de modais teleológicos

O questionário de elicitación de modais teleológicos, desenvolvido com base em Vander Klok (2023), tem por finalidade identificar quais são os itens indicadores de modalidade teleológica no guineense e investigar seu emprego. O questionário de Vander Klok (2023) apresenta contextos escritos; no nosso, os contextos são apresentados por áudios gravados por um falante nativo do guineense. Essa mudança na metodologia do questionário de Vander Klok (2014, 2023) foi motivada pelo fato de que, por mais que os resultados do questionário linguístico apontem que os participantes escrevam em guineense todos os dias, eles não escrevem dentro de uma norma culta do guineense, isto porque o guineense não tem uma escrita oficial (Embaló, 2008, p. 104), não é ensinado nas escolas e são poucos os materiais textuais

disponibilizados nas escolas nessa língua (Embaló, 2008, p. 103). Vale observar que, embora já exista uma grafia proposta por Scantamburlo (2002) e que é adotada como modelo por muitos estudiosos, o motivo principal de optarmos em apresentar os contextos através de áudios se deu por experiências anteriores, em que os guineenses demonstraram dificuldade com relação à leitura de textos em guineense. Como consequência, o contato dos guineenses com a escrita dessa língua se concentra nas mídias sociais. O guineense é, portanto, uma língua efetivamente falada; dessa forma, optamos por desenvolver nosso questionário a partir da gravação dos contextos. Com essa adaptação, supomos que o participante se concentrará melhor no contexto apresentado, uma etapa importantíssima para a interpretação modal. Além disso, optamos por não construir um questionário com textos escritos também para evitar que os participantes sentissem um pouco menos de cansaço ao longo da leitura dos contextos. O cansaço pode levar os participantes a lerem os contextos de forma desatenta, analisando mais detidamente a sentença alvo para a escolha do modal, o que acaba interferindo no resultado final, uma vez que o contexto é a base para uma interpretação modal. Vale observar que ainda é necessário realizar pesquisas sobre essa metodologia (uso de áudios) para verificar se ela é de fato menos cansativa que o uso da escrita.

Junto ao método de questionário, desenvolvido por Vander Klok (2014, 2023), utilizamos a técnica de *storyboards* (*Totem Field Storyboards*), para complementar a metodologia desta pesquisa. Essa técnica consiste na apresentação de ilustrações e é pedido ao participante que conte uma história livremente a partir das imagens apresentadas. A seguir, trazemos um exemplo retirado de Burton e Mathewson (2015, p. 140):

Figura 7 – Sequência de construção direcionada de *Feeding Fluffy*





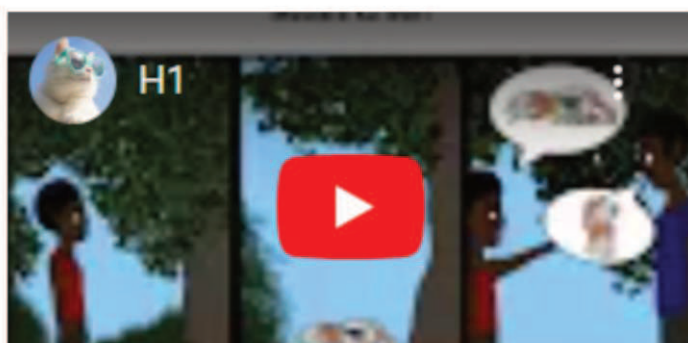
Fonte: Burton e Mathewson (2015, p. 140)

O uso desta técnica possibilita o aprendizado da forma de expressar algo em uma determinada língua. Segundo Burton e Mathewson (2015, p. 139, 142), as vantagens de aplicar a técnica de *storyboards* como complemento da metodologia são: (i) “ajuda, de alguma forma, a resolver os problemas de descrições de contexto verbal”, (ii) “pode ser mais eficiente na caracterização precisa de um contexto”; (iii) minimiza a possibilidade dos contextos serem mal compreendidos; e (iv) “a metodologia atende[...] ao importante critério científico do potencial de replicabilidade”, pois pode ser facilmente replicável por outros pesquisadores.

Na nossa pesquisa, as *storyboards* foram usadas não para os participantes contarem histórias livremente, mas para controlar melhor os contextos. Além disso, as *storyboards* foram acompanhadas por áudios, que narram os contextos. Esperamos que o áudio mais as imagens sejam menos cansativas para os participantes, pois além do recurso auditivo também há o

recurso visual. Dessa forma, apresentamos a seguir um exemplo de como foi apresentado o contexto aos participantes no questionário:

1) Toka na plai di vidio pa obi storia di kuadru ke sta bas.



Fonte: elaborado pelo autor

O nosso questionário emprega, portanto, as duas metodologias encadeadas. Nosso intuito é prender a atenção do participante na tarefa, para que ele possa fazer sua escolha considerando todas as informações (áudio e ilustrações) dadas no contexto descrito.

O questionário de elicitación de modais teleológicos é composto por 15 contextos e será aplicado a 20 participantes através da plataforma *Google Forms*. Os contextos são apresentados em áudio no guineense, acompanhados de imagens que concentram pontos chave da narrativa. Além dos contextos, os áudios incluem a sentença alvo e a pergunta da tarefa. Vale ressaltar que, anteriormente, aplicamos o questionário sociocultural para coletar informações para o desenvolvimento do questionário de elicitación de modais teleológicos; assim, as informações coletadas ficaram limitadas a certas metas, como ‘ser régulo’, ‘passar da fase jovem para fase adulta’, ‘completar a cerimônia de casamento’ e ‘participar de rituais tradicionais’. Os meios

para atingir essas metas também acabaram se limitando e se repetindo, como ‘se casar’, ‘passar pelo ritual de circuncisão’, entre outros. Buscamos contemplar nos contextos das histórias as relações desses meios e metas previamente coletados, e complementamos o questionário com outras relações de meio e meta, tomando como base algumas histórias do livro *Nossas raízes/No rais* (Rech et al., 2023 adaptado).

Para a tradução de todos os contextos, contamos com a colaboração de três falantes que aprenderam o guineense na infância entre zero a sete anos de idade⁶⁷. A gravação dos 15 contextos foi feita por um falante que aprendeu o guineense na infância entre zero a sete anos de idade⁶⁸ no Laboratório de Fonética Aplicada (FONAPLI). Todas as histórias e ilustrações foram baseadas e adaptadas do livro *Nossas raízes/No rais*, de Rech et al. (2023), e todos os contextos presentes nesta pesquisa foram desenvolvidos com base no questionário proposto por Vander Klok (2023). A autora apresenta contextos de necessidade forte, de necessidade fraca e de possibilidade teleológica, e esses mesmos contextos foram investigados/contestados nessa pesquisa, junto a duas tarefas, também apresentadas pela autora: a tarefa de tradução e a tarefa de escolha (semi)forçada. Neste questionário, usamos 5 contextos de necessidade, 5 contextos de necessidade fraca e 5 contextos de possibilidade, como pode ser visto no quadro a seguir:

⁶⁷ Agradecemos a Lucas Gonçalves Inlaté — mestre em linguística pela UFSC, Lucas Cabi — graduado em Letras - Língua Portuguesa da Unilab, e Mamadu Baciro Balde — graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Unilab, pela tradução dos contextos do questionário de eliciação de modais teleológicos.

Vale ainda ressaltar que, considerando que muitas vezes é difícil precisar qual é a primeira língua de falantes no caso da Guiné-Bissau, e por conta da problemática do conceito de falante nativo/língua materna/primeira língua em contextos como esse (de multilinguismo), adotamos o termo ‘falantes que aprenderam o guineense na infância entre zero a sete anos de idade’ em vez de ‘falantes nativos do guineense’.

⁶⁸ Agradecemos a Lucas Gonçalves Inlaté pela consultoria na construção dos contextos que integram o questionário, assim como pela gravação dos mesmos, o que nos permitiu adequar o questionário à relação do nosso público-alvo com a modalidade da língua.

Quadro 7 - Visão geral dos contextos que integram a primeira versão do questionário de elicitación de modais teleológicos

História	Contexto
Mustafa e a lebre	necessidade teleológica
Mansata e Aua em um passeio na praia	
Brinsan e a tartaruga	
Mustafa em ritmo de tina	
Keba quer ser régulo	
As irmãs Sunkar e Sona	necessidade teleológica fraca
Mustafa em corrida com bolas	
Onde está Keba?	
Okanti em um dia de colheita (parte 1)	
O casamento de Isnaba (parte 2)	
O casamento de Isnaba	possibilidade teleológica
Okanti em um dia de colheita (parte 2)	
Fatu e o doce de maçã	
Binta e Ussai e o restaurante Kais	
Brinsan e os rituais tradicionais	

Como visto no capítulo anterior, a modalidade teleológica aparece em uma estrutura ‘para p , tem que/deve/pode q ’ (cf. Von Fintel; Iatridou, 2005; Nissenbaum, 2005), sendo que p é a sentença que descreve a meta e q a sentença que descreve o meio. As diferentes forças

modais apresentadas no questionário de Vander Klok (2023) parecem estabelecer uma diferença na relação de meio e meta dentro desses contextos. Com base na literatura, a necessidade teleológica estaria ligada à existência de um único meio para que a meta seja atingida; a necessidade teleológica fraca estaria ligada à existência do melhor meio para que a meta seja atingida; e, ao que parece, a possibilidade teleológica estaria ligada à existência não do único ou melhor meio para que meta seja atingida, mas de dois ou mais meios semelhantes/equivalentes. Como pode ser visto na comparação dos contextos elaborados para o questionário de elicitación de modais teleológicos, nos exemplos (4-6), a seguir:

(4) [Necessidade teleológica]: Mustafa estava andando pela mata. Quando avistou uma lebre presa em uma armadilha, correu para avisar seu pai. “Papai, tem uma lebre presa em uma armadilha! O que nós vamos fazer?” O pai de Mustafa respondeu o seguinte:

[sentença-alvo]: **“Para salvar a lebre, nós _____ libertá-la da armadilha.”**

(Rech et al., 2023, p. adaptado)

O contexto em (4) apresenta uma meta ‘salvar a lebre’ e um único meio ‘libertá-la da armadilha’ para atingi-la. É esperado que o participante preencha a lacuna da sentença alvo com o verbo modal que expressa necessidade forte: *ter que*. Visto que só existe um único meio de atingir a meta descrita, a necessidade de realizar esse meio se torna mais forte. Comparemos esse contexto com o exemplo (5), a seguir:

(5) [Necessidade teleológica fraca]: Sunkar e Sona são irmãs e adoram fazer roupas de boneca com as sobras de *panu di pinti*⁶⁹ da avó. Um dia, Sunkar teve a ideia de fazer vestidos de boneca para vender. Sona viu que tinha sobrado dois tipos de pano: *Baguêra*, o preferido das amigas, e *Polôn*. Então, disse para a irmã:

[sentença-alvo]: **“Nós _____ fazer vestidos com pano *Baguêra* para vender mais!”**

(Rech et al., 2023, p. adaptado)

⁶⁹ Peça de pano tecida com o tear tradicional. (Scantamburlo, 2002, p. 444)

O contexto (5) apresenta uma meta ‘vender mais’ e mais de um meio possível para atingi-la; esses meios são: ‘fazer vestidos com pano *Baguêra*’ e ‘fazer vestido com pano *Polôn*’. Além disso, é apresentado no contexto que o pano *Baguêra* é o preferido das amigas, pessoas para quem as irmãs pretendem vender os vestidos. É esperado, portanto, que o participante preencha a lacuna da sentença alvo com o verbo modal que expressa necessidade fraca: *dever*. O enfraquecimento da necessidade está no fato de que agora o contexto não apresenta mais um único meio para que a meta seja atingida, mas o melhor. Ou seja, dentre os dois meios apresentados no contexto, ‘fazer vestidos com pano *Baguêra*’ é apresentado ainda como o melhor meio para as irmãs venderem mais, pois este tipo de pano é o preferido das amigas. O uso do verbo modal que expressa necessidade forte (*ter que*) pode ser estranhado pelo participante, uma vez que ‘fazer vestido *Baguêra*’ não é o único meio para as irmãs venderem os vestidos. O uso do verbo modal que expressa possibilidade (*poder*) também pode ser estranhado, visto que os meios apresentados nos contextos não são equivalentes, um é melhor que o outro. Agora, comparemos esse contexto com o do exemplo (6), a seguir:

(6) [Possibilidade teleológica]: É o dia do casamento de Isnaba. Os convidados estão esperando a cerimônia de comer *kubamba* começar. Midana, amigo de Isnaba, era o responsável por levar o vinho de lavar as mãos para a cerimônia, mas esqueceu em casa. Fatu, lembrando que no quintal tinha um carro e um *toka-toka*⁷⁰, ambos bem rápidos, disse para Midana:

[sentença-alvo]: “**Você _____ escolher o carro para buscar o vinho de lavar as mãos.**”

(Rech et al., 2023, p. adaptado)

O contexto (6) apresenta uma meta ‘buscar o vinho de lavar as mãos’ e mais de um meio possível para atingi-la; esses meios são: ‘escolher um carro’ e ‘escolher um *toka-toka*’. Além disso, é apresentado no contexto que os dois meios de transporte são bem rápidos. É esperado, portanto, que o participante preencha a lacuna da sentença alvo com o verbo modal que expressa possibilidade: *poder*. Isso porque não existe um meio melhor para que a meta seja atingida, ou seja, existem dois meios para Okanti buscar o vinho de lavar as mãos, e esses dois meios são igualmente bons. O uso do verbo modal que expressa necessidade forte pode ser estranhado pelo participante, uma vez que não é necessário escolher o carro, pois o *toka-toka* seria um outro meio possível para buscar o vinho de lavar as mãos. O uso do verbo modal que expressa

⁷⁰ Transporte colectivo. O nome *toka-toka* diz respeito ao facto que os passageiros são sempre muito apertados e tocam-se. (Scantamburlo, 2002, p. 599)

necessidade fraca também pode ser estranhado, visto que o carro não é o meio melhor para o alcance dessa mesma meta; o *toka-toka* é tão bom quanto.

De maneira geral, buscamos traçar relações entre meio e meta e força modal, e apresentamos uma visão geral dessas relações no quadro a seguir:

Quadro 8 - Relação meio e meta e força modal

Força modal	Relação meio e meta
necessidade forte	um único meio para atingir a meta
necessidade fraca	o melhor meio para atingir a meta
possibilidade	nem o único ou melhor meio para atingir a meta, mas dois ou mais meios equivalentes/semelhantes

Fonte: elaborado pelo autor

Esses 3 contextos apresentados acima, junto aos outros 12 contextos restantes, foram aplicados a 3 participantes como uma tarefa piloto, com a finalidade de averiguar se existia algum problema com os contextos. Havendo uma certificação de que nenhum problema existia, aplicamos o questionário de elicitación de modais teleológicos a 20 participantes falantes que aprenderam o guineense na infância entre zero a sete anos de idade residentes no Brasil.

3.3.3 Avaliação dos dados do piloto do Questionário de elicitación de modais teleológicos

Como mencionado na subseção anterior, aplicamos uma versão piloto do questionário de elicitación de modais teleológicos para três participantes. A partir da análise das respostas desta versão piloto, observamos que três contextos apresentaram problemas, dois de possibilidade teleológica e um de necessidade teleológica. O primeiro contexto foi o da história *Brinsan ku ritual tradicional* ‘Brinsan e o ritual tradicional’, transcrito em (7) a seguir:

(7) [Possibilidade teleológica]: Brinsan staba na laba pratus. Odja si mame pertu, Brinsan puntal ke ki pirsisa ba di fasi pa partisipa di un ritual tradisional na si kumunidade. Si mame ruspundi kuma i tem dus opson: kaza o pera pa i konsideradu un alguin garandi. Enton Brinsan pensa:

‘Brinsan estava lavando louça. Quando a mãe se aproximou, Brinsan perguntou o que precisava fazer para participar de um ritual tradicional em sua comunidade. A mãe respondeu

que havia duas opções: se casar ou esperar para ser considerada uma idosa. Brinsan então pensou:’

[sentença-alvo]: **Ami n _____ na kaza pa n pudi partisipa di ritual tradisional.**

‘Eu _____ me casar para participar de rituais tradicionais.’

Todos os três participantes assinalaram o auxiliar modal *ten ku* ‘ter que’ para preencher a sentença-alvo. Ao elaborarmos o contexto, esperávamos que o modal *pudi* ‘poder’ fosse escolhido, uma vez que se trata de um contexto de possibilidade. Entretanto, a partir do dado dos participantes deste piloto, observamos que o problema podia estar no fato de que esse contexto, em específico, trata sobre rituais tradicionais, e as exigências que envolvem a participação dos guineenses nesses rituais varia entre os vários grupos étnicos. No caso do contexto acima, a situação foi baseada nas informações coletadas a partir das respostas dos participantes mansoancas e mandingas, os quais disseram que, para uma mulher participar de alguns rituais tradicionais, é preciso que ela se case ou seja considerada uma idosa. Consideramos que o erro em questão foi que não especificamos que as personagens do contexto fazem parte de um desses grupos. Com a ausência dessa informação específica, os participantes acabaram respondendo a partir do conhecimento de como as coisas funcionam dentro de suas respectivas comunidades, visto que, para a grande maioria dos grupos étnicos, a única exigência para uma mulher participar de rituais tradicionais é realizar a cerimônia de casamento (ver capítulo 2). Por esse mesmo motivo, optamos por substituir o meio ‘se casar’ pelo meio ‘ser considerada idosa’ na sentença-alvo. A partir disso, a versão revisada deste contexto agora especifica que o grupo étnico no qual as personagens estão inseridas é o grupo mansoanca, e a escolha do meio pela personagem é um meio que, em outras etnias, não é necessário, diferentemente do casamento. A nova versão pode ser vista a seguir em (8):

(8) [Possibilidade teleológica]: Brinsan staba na laba pratus. Odja si mame pertu, Brinsan puntal ke ki pirsisa ba di fasi pa partisipa di algun ritual tradisional na si kumunidade. Si mame ruspundi di kuma, **na kumunidade mansonka** i ten dus opson: kaza o pera pa i konsideradu un algun garandi. Enton Brinsan pensa:

‘Brinsan estava lavando louça. Quando a mãe se aproximou, Brinsan perguntou o que precisava fazer para participar de alguns rituais tradicionais em sua comunidade. A mãe

respondeu que, **na comunidade mansoanca**, havia duas opções: se casar ou esperar ser considerada uma idosa. Brinsan então pensou:’

[sentença-alvo]: **Ami n _____ pera pa n konsideradu alguin garandi pa n partisipa di algun ritual tradisional.**

‘Eu _____ esperar ser considerada idosa para participar de alguns rituais tradicionais.’

O segundo contexto foi o da história *Brinsan ku dos di masan* ‘Brinsan e o doce de maçã’, transcrito em (9) a seguir:

(9) [Possibilidade teleológica]: Brinsan sta ba na djuda si mame ku tarbadjus di kasa. Dipus ki kaba, i disidi fasi un dos di masan. Dipus di pui iagu ku mel na panela, Brinsan bai kudji masan pa kaska. I sobra tris tipo di masan, tudu sabi. I djubi opson, Brinsan pensa:

‘Brinsan estava ajudando sua mãe com as tarefas de casa. Depois que finalizou, decidiu preparar um doce de maçã. Depois de colocar a água e o mel na panela, Brinsan foi escolher as maçãs para descascar. Tinha sobrado três tipos de maçãs, todas saborosas. Olhando as opções, Brinsan pensou:’

[sentença-alvo]: **N na _____ usa masan burmedju pa fasi un dos sabi.**

‘Eu _____ usar a maçã vermelha para preparar um doce delicioso!’

Todos os participantes assinalaram o auxiliar modal *ten ku* ‘ter que’ para preencher a sentença-alvo. Ao elaborarmos o contexto, esperávamos que o modal *pudi* ‘poder’ fosse escolhido, uma vez que se trata de um contexto de possibilidade. Entretanto, a partir do dado dos participantes deste piloto, observamos que o problema podia estar no fato de que esses participantes consideraram que, entre as opções de maçã, a maçã vermelha é a que faria um melhor doce de maçã. Isso explicaria o fato de terem escolhido um modal que expressa a necessidade de escolher o melhor ingrediente para o preparo da receita, que, no caso, para eles, seria a maçã vermelha. A partir disso, optamos por elaborar um outro contexto de possibilidade, com o título *Mustafa na kaminhu pa kaza* ‘Mustafa em rotas para casa’, transcrito em (10) a seguir:

(10) [Possibilidade teleológica]: Dipus ku i sai di skola, Mustafa disidi riba pa kasa a pe. Mustafa lembra kuma i ten dus kaminhu ku pudi lebal te si kasa: A ku B, tudu dus sedu kurtu. Anton, Mustafa pensa:

‘Depois que saiu da escola, Mustafa decidiu voltar para casa a pé. Mustafa lembrou que existem dois caminhos que o levam até sua casa: A e B, ambos são bem curtos. Mustafa, então, pensou:

[sentença-alvo]: N _____ **kudji kaminhu A pa riba pa kasa.**

‘Eu _____ **escolher o caminho A para voltar para casa.**’

O terceiro contexto foi o da história *Mansata ku Aua na un paseiu na praia* ‘Aua e Mansata em um passeio na praia’, transcrito em (11) a seguir:

(11) [Necessidade teleológica]: Aua kunvida Mansata pa bai pasia na praia. Otca ku e tciga lá, e fika tristi dimas pa kuantidadi di lichu ke odja na praia. Aua risolvi toma atitudi i fala Mansata:

‘Aua convidou Mansata para dar um passeio na praia. Quando chegaram lá, ficaram muito tristes com a quantidade de lixo que tinha ao longo da praia. Aua resolveu tomar uma atitude e disse para Mansata: ’

[sentença-alvo]: “No _____ **tira es lichu tudu pa no disa praia limpu.”**

‘Nós _____ **recolher todo esse lixo para deixarmos a praia limpa.**’

Dois dos participantes assinalaram o auxiliar modal *pudi* ‘poder’ para preencher a sentença-alvo. Ao elaborarmos o contexto, esperávamos que o modal *ten ku* ‘ter que’ fosse escolhido, uma vez que se trata de um contexto de necessidade. Entretanto, a partir do dado dos participantes deste piloto, observamos que o problema podia estar na ausência de informações relevantes para especificar que o contexto se trata de necessidade teleológica, como a delimitação de que existe somente um único meio ‘recolher todo o lixo’ para atingir a meta determinada no contexto: ‘deixar a praia limpa’. A partir disso, a versão revisada deste contexto especifica que existe apenas um único meio para as personagens atingirem a meta. A nova versão pode ser vista a seguir em (12):

(12) [Necessidade teleológica]: Aua kunvida Mansata pa bai pasia na praia. Otca ku e tciga lá, e fika tristi dimas pa kuantidadi di lichu ke odja na praia. **I ten so un manera di rosolvi purbulema na kil mumentu**, n ton Aua fala pa Mansata::

‘Aua convidou Mansata para dar um passeio na praia. Quando chegaram lá, ficaram muito tristes com a quantidade de lixo que tinha ao longo da praia. **Só havia uma maneira de resolver o problema naquele momento**, então Aua disse para Mansata:’

[sentença-alvo]: “No _____ **tira es lichu tudu pa no disa praia limpu.**”

‘**Nós _____ recolher todo esse lixo para deixarmos a praia limpa.**’

Nessa nova versão do questionário, também foram adicionados dois contextos controle, com o objetivo de verificar o grau de atenção dos participantes na realização da tarefa. Esses contextos foram elaborados com foco em outras modalidades, como a modalidade deontica e a epistêmica. Ambos os contextos adicionais também foram adaptados do livro *Nossas raízes/No rais* (Rech et al., 2023). O primeiro contexto controle é o da história *Tarbadjus di Fatu* ‘Os afazeres de Fatu’, que tem como foco a modalidade deontica, e pode ser visto em (13) a seguir:

(13) [Possibilidade deontica]: Amigus di Fatu na tchomal pa bai brinka ku elis. Mame lembranta Fatu di kuma i ten pratu susu pa i laba. Odja ku i kaba si tarbadju, Fatu konta si mame. Anton, mame di Fatu fala:

‘Os amigos estão chamando Fatu para brincar com eles. A mãe lembrou Fatu que tinha louça suja para lavar. Ao finalizar sua tarefa, Fatu avisou a mãe. A mãe de Fatu então disse:

[sentença-alvo]: **Bu _____ brinka gosi.**

‘**Você _____ brincar agora.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() ten ku () pudi () dibi di

O segundo contexto controle é o da história *Keba panha sarampu?* ‘O Keba está com sarampo?’, que tem como foco a modalidade epistêmica, e pode ser visto em (14) a seguir:

(14) [Necessidade epistêmica]: Keba sta ba na kasa ku kosera i ku kurpu tudu mpolmadu. Si mame, prekupa, i leba Keba nunde un garandi. Dipus di Omi garandi djubi-djubi ki mantca burmedju na kurpu di Keba, i fala:

‘Keba estava em casa com muita coceira e com o corpo cheinho de bolhas. Sua mãe, preocupada, levou Keba até um ancião. Depois de analisar as manchas vermelhas no corpo de Keba, o ancião disse: ’

[sentença-alvo]: I ____ **sedu sarampu.**

‘ _____ **ser sarampo**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() ten ku() pudi () dibi di

Ambos os contextos controle possuem uma interpretação fácil e a escolha dos modais que preenchem as sentenças-alvo de cada contexto já são esperadas. No contexto em (13), por exemplo, é esperado que o participante assinale a opção com o modal *pudi* ‘poder’; visto que se trata de um contexto de permissão. É esperado que a escolha dos modais de necessidade, *dibi di* ‘dever’ e *ten ku* ‘ter que’ cause estranhamento neste caso, pois o uso desses modais inverte a leitura de permissão para uma leitura de obrigação (você deve/tem que brincar agora) (cf. Inlaté, 2023). No contexto em (14), é esperado que o participante assinale preferencialmente a opção com o modal *dibi di* ‘dever’; visto que as evidências apresentadas no contexto (as manchas no corpo de Keba) indicam uma forte razão para o ancião afirmar que se trata de sarampo. É esperado que a escolha do modal de necessidade *ten ku* ‘ter que’ seja significativamente menor, pois seu uso não é comum para expressar necessidade epistêmica no guineense (cf. Inlaté, 2023).

A nova versão do questionário de elicitación de modais teleológicos e a distribuição dos contextos pode ser vista no quadro a seguir:

Quadro 9 - Contextos que integram a nova versão do questionário de eliciação de modais teleológicos

História	Força modal
1. Mustafa e a lebre	necessidade
2. O casamento de Isnaba (parte 1)	possibilidade
3. O casamento de Isnaba (parte 2)	necessidade fraca
4. Keba quer ser régulo	necessidade
5. As irmãs Sunkar e Sona	necessidade fraca
6. Mustafa em corrida com bolas	necessidade fraca
7. Brinsan e os rituais tradicionais	possibilidade
8. Mansata e Aua em um passeio na praia	necessidade
9. Mustafa em ritmo de tina	necessidade
10. Mustafa em rotas para casa	possibilidade
11. Os afazeres de Fatu	contexto controle
12. Okanti em um dia de colheita (parte 1)	necessidade fraca
13. Okanti em um dia de colheita (parte 2)	possibilidade
14. Onde está o Keba?	necessidade fraca
15. Brinsan e a tartaruga	necessidade
16. Keba está com sarampo?	contexto controle
17. Binta e Ussai e o restaurante Kais	possibilidade

Fonte: elaborado pelo autor

3.3.4 Versão final do Questionário de elicitación de modais teleológicos

Nesta subseção, mostramos as mudanças realizadas no questionário, incluindo mudanças nas perspectivas temporais dos contextos, mudanças nas alternativas de resposta.

A versão final do questionário continuou com 17 contextos. Contudo, nas versões anteriores, todos os contextos apresentavam perspectiva temporal no presente. Uma das mudanças realizadas foi na adequação de alguns contextos para perspectivas temporais diferentes. A versão final do questionário, portanto, contou com 5 contextos com perspectiva temporal futura, 5 contextos com perspectiva temporal passada e 5 contextos com perspectiva temporal presente. Com a finalidade de adequar também as opções de resposta a cada contexto, as seguintes mudanças foram feitas:

(i) para os contextos com perspectiva temporal passada inserimos as alternativas ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’; visto que o morfema zero, ou seja, o verbo sem nenhuma partícula, à depender do contexto, pode marcar o aspecto perfectivo (cf. Inlaté, 2023, p. 61), e também inserimos as alternativas ‘ten ba ku’, ‘dibi di ba’ e ‘pudi ba’; visto que a partícula *ba* combinada aos verbos marca o aspecto imperfectivo (Cá, 2021, p. 81);

(ii) para os contextos com perspectiva temporal presente, inserimos as alternativas ‘na ten ku’, ‘na dibi di’, ‘na pudi’; visto que a partícula *na* pode indicar tempo presente, e também inserimos as alternativas, ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’; visto que no guineense há uma tendência em não combinar o verbo com nenhuma partícula para indicar tempo presente (essa questão será melhor explicada no próximo capítulo); e

(iii) para os contextos com perspectiva temporal futura, inserimos as alternativas ‘na ten ku’, ‘na dibi di’, ‘na pudi’; visto que a partícula *na* pode, também, indicar tempo futuro, e inserimos, também, as alternativas, ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’; visto que no guineense há uma “preferência pelo emprego do modal sem a realização da partícula *na*”, como verifica Inlaté (2023, p. 112) em estudos recentes, para indicar futuro.

O quadro a seguir apresenta a última versão do questionário de elicitación de modais teleológicos:

Quadro 10 - Contextos que integram a última versão do questionário de elicitación de modais teleológicos

História	Força modal	Perspectiva temporal
1. Mustafa e a lebre	necessidade	futuro
2. O casamento de Isnaba (parte 1)	possibilidade	futuro
3. O casamento de Isnaba (parte 2)	necessidade fraca	passado
4. Keba quer ser régulo	necessidade	passado
5. As irmãs Sunkar e Sona	necessidade fraca	futuro
6. Mustafa em corrida com bolas	necessidade fraca	presente
7. Brinsan e os rituais tradicionais	possibilidade	passado
8. Mansata e Aua em um passeio na praia	necessidade	futuro
9. Mustafa em ritmo de tina	necessidade	passado
10. Mustafa em rotas para casa	possibilidade	presente
11. Os afazeres de Fatu	contexto controle	presente
12. Okanti em um dia de colheita (parte 1)	necessidade fraca	presente
13. Okanti em um dia de colheita (parte 2)	possibilidade	presente
14. Onde está o Keba?	necessidade fraca	passado
15. Brinsan e a tartaruga	necessidade	futuro
16. Keba está com sarampo?	contexto controle	presente
17. Binta e Ussai e o restaurante Kais	possibilidade	presente

Fonte: elaborado pelo autor

A última versão do questionário foi aplicada a participantes guineenses que moram na Guiné-Bissau. A mudança foi motivada pelo nosso receio de que o português influenciasse nas respostas dos participantes, uma vez que os guineenses que moram no Brasil têm mais contato com o português. Além disso, submetemos o trabalho ao Comitê de Ética em um primeiro momento, mas infelizmente não obtivemos a aprovação a tempo de cumprir o prazo para

concluir a dissertação. Vale acrescentar que este trabalho ainda está em processo de avaliação pelo Comitê de Ética.

A versão final do questionário de elicitación de modais teleológicos buscou confirmar algumas hipóteses: (i) os modais que expressam modalidade teleológica no guineense são ‘ten ku’ (ter que), ‘dibi di’ (dever) e ‘pudi’ (poder), assim como seus correspondentes no PB (ter que, dever e poder); e (ii) no guineense, a força modal é dada no léxico, à semelhança do PB. Vale observar que cada uma dessas hipóteses é melhor apresentada no próximo capítulo.

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, apresentamos a metodologia adotada para esta pesquisa, que se dividiu em duas etapas: (i) a elaboração, coleta e análise de dados linguísticos e socioculturais para auxiliar na construção de contextos que não fugissem da realidade da comunidade dos grupos étnicos; e (ii) a elaboração de um questionário de elicitación de modais teleológicos para o estudo da modalidade teleológica no guineense. Apresentamos, portanto, em um primeiro momento, a metodologia do Questionário linguístico junto à metodologia do Questionário sociocultural, apontando as várias versões desses dois questionários até o formato final de cada um.

Em seguida, apresentamos brevemente o questionário modal de Vander Klok (2023) e os contextos teleológicos da autora. Tal questionário serviu como base para a elaboração da primeira versão do Questionário de elicitación de modais teleológicos, apresentado na sequência. Vimos que essa primeira versão do questionário apresentava 15 contextos teleológicos, em forma de áudios, tendo como foco três forças modais: necessidade, necessidade fraca e possibilidade. Além disso, vimos que, junto aos contextos, foi utilizada a técnica de *storyboards*, baseada nas *storyboards* do grupo *TFS* (ver <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/>), e com base também no livro *Nossas raízes/No rais* (Rech et al., 2023).

Na sequência, apresentamos a avaliação da versão piloto do questionário de elicitación de modais teleológicos, apontando os problemas encontrados e a forma como buscamos resolver esses problemas. Com esses novos contextos e as reestruturações realizadas nessa nova versão, o questionário de elicitación de modais teleológicos apresenta um total de 17 contextos (15 contextos teleológicos e 2 contextos-controle) e foi aplicado a 20 participantes.

Por fim, apresentamos a nova versão do questionário de eliciação de modais teleológicos e nossas principais hipóteses de pesquisa. Pontuando as mudanças realizadas em relação aos contextos, às alternativas de respostas e à aplicação do questionário. Além disso, apresentamos nosso foco de investigação: quais são os modais teleológicos no guineense e qual força modal cada um deles expressa.

4. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados do questionário de elicitación de modais teleológicos. A finalidade deste capítulo é mostrar quais são os modais teleológicos no guineense e como são empregados. Para isso, buscou-se compreender esses modais no guineense e a relação que estabelecem entre meio e meta. O principal objetivo que norteou nosso questionário foi distinguir expressões teleológicas em guineense de força modal de necessidade forte, necessidade fraca versus força modal de possibilidade.

Considerando que o guineense é uma língua de base portuguesa, e que cerca de 80% do léxico dessa língua vem do português (Embaló, 2008, p. 106), temos por hipótese que os verbos auxiliares modais do português foram passados para o guineense com o mesmo emprego. Assim, buscamos, ao longo deste capítulo, confirmar algumas hipóteses: (i) no guineense, o tipo de modalidade é dado no contexto, à semelhança do PB; (ii) os modais ‘ten ku’ (ter que), ‘dibi di’ (dever) e ‘pudi’ (poder) expressam modalidade teleológica no guineense assim como seus correspondentes no PB (ter que, dever e poder); e (iii) no guineense, a força modal é dada no léxico, à semelhança do PB.

Vale observar ainda que o aspecto-temporal no guineense funciona da seguinte maneira: “o verbo pode servir por si, para marcar o tempo presente ou passado.” (Peck, 1998 apud Intumbo, 2007, p. 56), ou seja, quando o verbo aparece sem o emprego de nenhuma partícula, ele pode indicar presente ou passado. Porém, Intumbo (2007, p. 56) ainda afirma que “se o verbo é precedido da partícula *na* indica o aspecto progressivo ou referencia um futuro iminente.”. Vale ressaltar que, segundo Cá (2021, p. 79-80) o tempo presente no guineense “parece funcionar igual ao português”, isto é, esse tempo não é temporalmente marcado. Assim, no guineense, o tempo presente é tendencialmente não marcado com nenhuma partícula. Ainda, Inlaté (2023, p. 112) verifica que “em contextos de futuro, os dados apontam uma preferência pelo emprego do modal sem a realização da partícula *na*.” Para indicar o tempo passado, “a partícula *ba* é a que marca a oração no pretérito imperfeito no guineense.” (Cá, 2021, p. 81). Segundo Inlaté (2023, p. 60) “o tempo passado no aspecto perfectivo é marcado no guineense por morfema zero”, isto é, quando o verbo aparece sem o emprego de partícula. Assim, “a ausência de marcação aspecto-temporal [...] (pode levar) a interpretação de tempo passado e aspecto perfectivo.” (Inlaté, 2023, p.61), dependendo do contexto.

O capítulo 4 está dividido em 2 subseções. Na primeira subseção, são apresentadas as principais hipóteses dessa pesquisa, e, na segunda, são apresentadas a descrição e análise dos dados.

4.1 HIPÓTESES

No guineense, é possível verificar a modalidade epistêmica e a deôntica, seguindo o trabalho de Inlaté (2023), e a teleológica, como pode ser visto no presente trabalho. Inlaté (2023, p. 110) verifica que um mesmo modal, como, por exemplo ‘pudi’, marca diferentes tipos de modalidade, como a modalidade epistêmica, a habilitiva (de possibilidade) e a deôntica (de permissão), como nos exemplos transcritos do autor em (1), a seguir:

(1) a. Es onsa li pudi bin ngulin bibu.

‘Essa onça poderá me devorar inteiro’

(Inlaté, 2023, p. 110)

b. Carlos pudi juga na kampu.

‘Carlos pode jogar bola no campo de futebol’

(Inlaté, 2023, p. 122)

Nos testes do autor, a sentença em (1a) pode ser interpretada como ‘É possível que esta onça me devore inteiro’, ganhando assim interpretação epistêmica; ou, então, pode ser interpretada como ‘Esta onça consegue me devorar inteiro’, ganhando assim interpretação habilitiva. Em (1b), a sentença pode ser interpretada como ‘É permitido que Carlos jogue bola no campo de futebol’, ganhando, assim, interpretação deôntica (de permissão). A partir de Inlaté (2023, p. 110), é possível constatar que, no guineense, o tipo de modalidade é dado no contexto, e não no léxico, à semelhança do português.

Rech e Codinhoto (2022) estudam o modal teleológico no português e testam os modais ‘ter que’, ‘dever’ e ‘poder’ na estrutura teleológica proposta por von Stechow e Iatridou (2005). As autoras concluem que esses modais podem receber leitura teleológica no português. Considerando que o guineense é uma língua de base portuguesa, e que, portanto, a maior parte do léxico dessa língua vem do português (cf. Pereira, 2007, p. 1), temos por hipótese que os verbos auxiliares modais foram passados para o guineense com o mesmo emprego que no português. Uma vez que esses verbos são empregados como modalidade teleológica no português, nossa hipótese, portanto, é que esses verbos carregam a mesma conotação quando eles migram para o guineense. Visto isso, buscamos investigar se, à semelhança do português,

os auxiliares modais ‘ten ku’ (tem que), ‘dibi di’ (dever) e ‘pudi’ (poder) expressam a modalidade teleológica no guineense.

Em relação à força modal, vale observar que no português esta é dada no léxico, isto é, um único item lexical é empregado para expressar uma determinada força modal: ‘ter que’ expressa necessidade forte; ‘poder’ expressa possibilidade (Pires De Oliveira, 2008, p. 4); e ‘dever’ “é um modal gradual de força variável, cuja força oscila em um intervalo que cobre tanto possibilidade quanto necessidade.” (Pessoto, 2015, p. 25).

Nossa hipótese, portanto, é que os modais ‘ten ku’ (tem que), ‘pudi’ (poder) e ‘dibi di’ (dever) se comportam da mesma forma que os modais correspondentes no português, isto é, a força modal de ‘ten ku’ (tem que) e ‘pudi’ (poder) é dada no léxico, e a de ‘dibi di’ (dever) é dada possivelmente no contexto, sendo um modal que pode expressar tanto necessidade quanto possibilidade.

Na próxima seção, apresentamos a descrição e análise dos dados, buscando averiguar se essas hipóteses foram ou não confirmadas.

4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O questionário de elicitación de modais teleológicos foi elaborado com a finalidade de identificar quais são os itens indicadores de modalidade teleológica no guineense e investigar seu emprego, buscando compreender como é estabelecida a relação entre meio e meta e força modal no guineense. O questionário conta com 18 questões: 15 contextos teleológicos, 2 contextos controle e 1 pergunta sobre o grupo étnico dos participantes.

As alternativas de resposta variam, aparecendo da seguinte maneira: em contextos no futuro e no presente as alternativas são os modais sem partícula *ten ku*, *dibi di* e *pudi* e os modais com a partícula *na*, que pode indicar tempo/aspecto futuro ou presente *na ten ku*, *na dibi di* e *na pudi*; e em contextos no passado as alternativas são os modais sem partícula *ten ku*, *dibi di* e *pudi*, que nesse caso indicam aspecto perfectivo, e os modais com a partícula *ba*, que indica aspecto imperfectivo: *ten ba ku*, *dibi di ba* e *pudi ba*. Tal questionário foi aplicado através de um link gerado pela plataforma Google Forms a 20 participantes que nasceram na Guiné-Bissau e não moraram fora do país até a data da pesquisa.

Nesta subseção, apresentamos e analisamos cada um dos contextos do questionário de elicitación de modais teleológicos, expomos a porcentagem de respostas dos 20 participantes e, ao final, apresentamos uma visão geral dos dados correspondente ao grupo de contextos de cada

força modal investigada: necessidade teleológica forte, necessidade teleológica fraca e possibilidade teleológica.

A primeira pergunta foi inserida no questionário para sabermos a qual grupo étnico guineense o informante pertence. Deixamos um espaço para resposta curta, e os dados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 28 - Grupos étnicos dos participantes da pesquisa

Respostas	Nº de participantes	Porcentagem
balanta	6	30%
mansoanca	5	25%
pepel	2	10%
biafada	1	5%
bidjugu	1	5%
fula	1	5%
felupe	1	5%
mandinga	1	5%
manjacu	1	5%
saraculé	1	5%

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados da tabela mostram que houve uma variedade de grupos étnicos participantes da pesquisa, sendo contemplados 10 grupos étnicos, mesmo que a maioria com apenas um participante.

A seguir, são apresentados os dados referentes a cada um dos contextos elaborados para o questionário.

O primeiro contexto apresenta perspectiva e orientação temporal futura e investiga qual auxiliar modal expressa melhor a necessidade teleológica forte, que indica a existência de um único meio para o alcance da meta. O primeiro contexto é apresentado a seguir:

Contexto 1: Mustafa ku lebri (Mustafa e a lebre)

[Necessidade teleológica forte]: Mustafa na ianda ba na matu. Otca ki odja un lebri prezu na un armadilia, i kuri pa konta si pape. Papa, i ten un lebri prezu na un armadilia! Ke ku no na fasi? I ten so un manera di rosolvi purblema na kil mumentu, anton pape di Mustafa ruspundi di e manera:

‘Mustafa estava andando pela mata. Quando avistou uma lebre presa em uma armadilha, correu para avisar seu pai. “Papai, tem uma lebre presa em uma armadilha! O que nós vamos fazer?”. Só havia uma maneira de resolver o problema naquele momento. Então o pai de Mustafa respondeu o seguinte:’

[sentença-alvo]: “Pa salba lebri, no _____ tiral di armadilia.”

‘Para salvar a lebre, nós _____ tirá-la da armadilha’

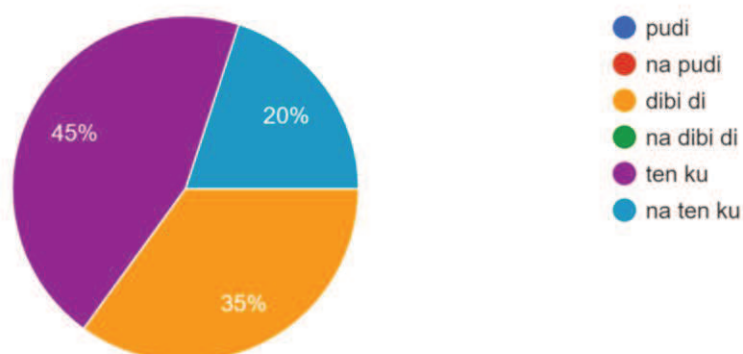
[TP futuro; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () na pudi () dibi di () na dibi di () ten ku () na ten ku

O contexto 1 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica forte. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 - respostas referente ao Contexto 1



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 65%, correspondente a 13 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 20% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de futuro *na* (‘na ten ku’). Temos por hipótese que a preferência pela alternativa sem o emprego da partícula se deve ao fato de essa partícula já estar explicitada na pergunta: *Ke ku no na fasi?* (O que nós vamos fazer?), marcando todo o contexto como futuro. Os demais 35%, correspondente a 7 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula.

O segundo contexto apresenta perspectiva e orientação temporal futura e investiga qual auxiliar modal expressa melhor a possibilidade teleológica, que indica a existência de dois ou mais meios equivalentes para o alcance da meta. O segundo contexto é apresentado a seguir:

Contexto 2: Kazamentu di Isnaba - parti 1 (O casamento de Isnaba - parte 1)

[Possibilidade teleológica]: I dia di kazamentu di Isnaba. Kumbidadus sta na pera pa sirmonia fasidu pa pudi kunsu kume Kubamba. Midana, amigu di Isnaba, i yera ba reponsavel pa leva binhu di laba mon na sirmonia, ma i diskisil na kasa. Fatu lembra kuma i ten dus opson na kintal: un karu finu ku un taxi, tudu dus i ben rapidu. Anton, Midana pensa:

‘É o dia do casamento de Isnaba. Os convidados estão esperando a cerimônia de comer *kubamba* começar. Midana, amigo de Isnaba, era o responsável por levar o vinho de lavar as mãos para a cerimônia, mas esqueceu em casa. Fatu lembrou que havia duas opções no quintal: um carro e um toka-toka, ambos bem rápidos. Então, Midana pensa:’

[sentença-alvo]: _____ **kudji karu finu pa n bai buska binhu di laba mon.**

‘ _____ **escolher o carro para ir buscar o vinho de lavar as mãos.**’

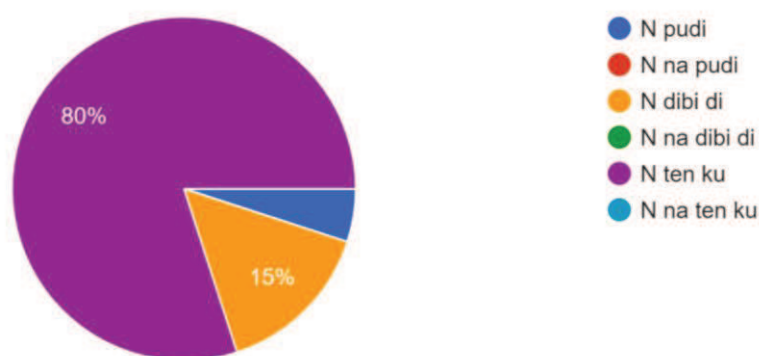
[TP futuro; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N na pudi () N dibidi () N na dibidi () N ten ku () N na ten ku

O contexto 2 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a possibilidade teleológica. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 - respostas referentes ao Contexto 2



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 80%, correspondente a 16 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’ sem emprego de partícula, 15%, correspondente a 3 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula e apenas 5%, correspondente a 1 de 20 dos participantes, escolheu a alternativa que apresenta o modal ‘pudi’ sem emprego de partícula. Segundo a pesquisa de Inlaté (2023): "Em contextos de futuro, os dados apontam uma preferência pelo emprego do modal sem a realização da partícula *na* – associada aos tempos futuro e presente. É importante notar que os contextos investigados apresentam a marcação de tempo futuro associada ao verbo principal [...]" (p. 112). Temos por hipótese, portanto, que a preferência pela alternativa sem o emprego da partícula se deve ao fato de a ideia de futuro já estar explicitada pelo verbo *bai* (ir), na sentença que descreve a meta: *pa n bai buska binhu di laba mon* (para ir buscar o vinho de lavar as mãos). Aqui, de forma contrária às nossas hipóteses, o modal ‘ten ku’ é usado preferencialmente para expressar possibilidade teleológica.

O terceiro cenário apresenta perspectiva temporal passada e orientação temporal futura e investiga qual auxiliar modal expressa melhor a necessidade teleológica fraca, que indica a existência do melhor meio para o alcance da meta. O terceiro contexto é apresentado a seguir:

Contexto 3: Kazamentu di Isnaba - parti 2 (O casamento de Isnaba - parte 2)

[Necessidade teleológica fraca]: *Sirmonia di kazamentu di Isnaba sta ba divirtidu. Odja i parsi oportunidadi, Fatu bai pertu di noiba pa falal sobri kontinuidadi di sirmonia. Anton, Fatu lembra di opsons ku noiba tene pa kompleta sirmonia di kazamentu: rapa kabesa o korta kabelu un mbokadinhu, ku sedu mindjor opson. Pa konsola noiba, Fatu kontal si spriensia.*

‘A cerimônia de casamento de Isnaba estava muito divertida. Quando surgiu a oportunidade, Fatu se aproximou da noiva para falar sobre a continuidade da cerimônia. Fatu, então, lembrou das opções que a noiva tinha para completar a cerimônia de casamento: raspar o cabelo ou cortá-lo apenas um pouco, que seria a melhor opção. Para confortar a noiva, Fatu contou sobre sua experiência:’

[sentença-alvo]: **Pa kompleta sirmonia di kazamentu, ami _____ korta kabelu un mbokadinhu.**

‘Para completar a cerimônia de casamento, eu _____ cortar um pouco o cabelo.’

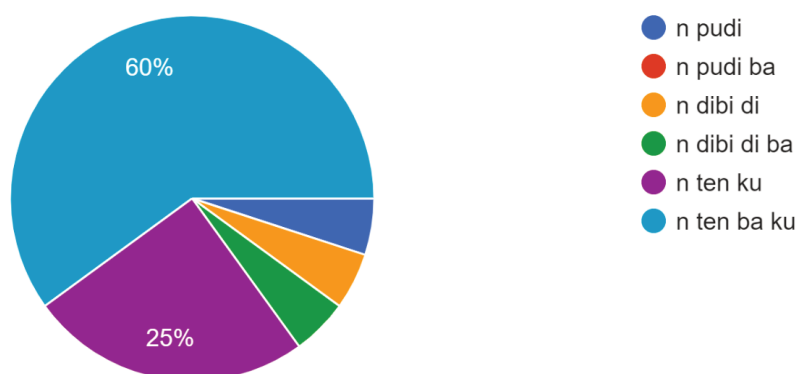
[TP passado; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() n pudi () n pudi ba () n dibi di () n dibi di ba () n ten ku () n ten ba ku

O contexto 3 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica fraca. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 - respostas referentes ao Contexto 3



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 85%, correspondente a 17 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 60% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Ademais, 10%, correspondente a 2 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’; dentre estes, 5%, correspondente a 1 de 20 participantes, escolheu a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘dibi di ba’). Por fim, 5%, correspondente a 1 de 20 dos participantes, escolheu a alternativa que apresenta o modal ‘pudi’ sem o emprego da partícula.

O quarto contexto apresenta perspectiva temporal passada e orientação temporal futura e investiga qual auxiliar modal expressa melhor a necessidade teleológica forte. O quarto contexto é apresentado a seguir:

Contexto 4: Keba misti sedu regulu (Keba quer ser régulo)

[Necessidade teleológica forte]: Keba i un joven pepel, ku pertensi un familia di sangui real ku misti sedu regulu ora ku i kirsi. Un dia, mame di Keba lebal nunde chefi di tabanka pa sibi ke ku atual regulu fasi pa i torna un regulu. I ten so un manera pa un pepel sedu regulu, anton, chefi di tabanka ruspundi di e manara:

‘Keba é um jovem pepel, que pertence a uma família de sangue real, e que quer muito se tornar régulo quando crescer. Um dia, a mãe de Keba o levou até o ancião da tabanca para saber o que o atual chefe da tabanca precisou fazer para se tornar um régulo. Só havia uma maneira para um pepel se tornar régulo, então o ancião disse:’

[sentença-alvo]: “**Pa sedu regulu, i _____ pasa pa ritual di fanadu ku kazamentu.**”

‘Para ser régulo, ele _____ passar pelo ritual de circuncisão e casamento.’

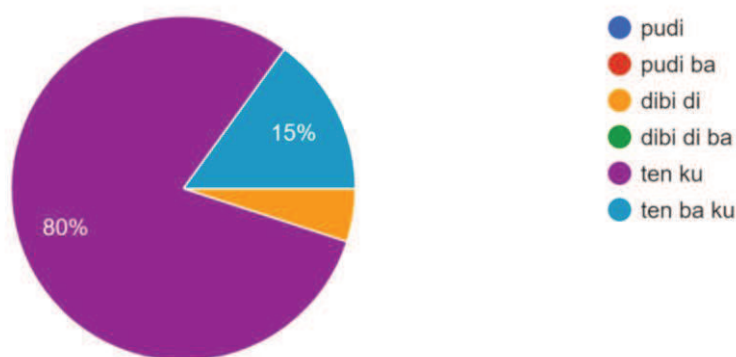
[TP passado; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () pudi ba () dibí di () dibí di ba () ten ku () ten ba ku

O contexto 4 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica forte. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 - respostas referentes ao Contexto 4



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 95%, correspondente a 19 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 15% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Os demais 5%, correspondente a 1 de 20 dos participantes, escolheu a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem o emprego da partícula.

O quinto contexto apresenta perspectiva e orientação temporal futura e investiga qual auxiliar modal expressa melhor a necessidade teleológica fraca. O quinto contexto é apresentado a seguir:

Contexto 5: Dus ermons Sunkar ku Sona (As irmãs Sunkar e Sona)

[Necessidade teleológica fraca]: Sunkar ku Sona i ermons, i e gosta di fasi ropas di boneka ku padas di panu di pinti di se dona. Un dia, Sunkar tene ideia di fasi bistidus di boneka pa bindi. Sona odja kuma i sobra ba dus tipu di panu: di Baguera, ku sedu perfiridu di si amigas, ku di Polon. Anton, i fala pa si ermon:

‘Sunkar e Sona são irmãs e adoram fazer roupas de boneca com as sobras de panu di pinti da avó. Um dia, Sunkar teve a ideia de fazer vestidos de boneca para vender. Sona viu que tinha sobrado dois tipos de pano: Baguêra, o preferido das amigas, e Polôn. Então, disse para a irmã:’

[sentença-alvo]: “No _____ **fasi bistidus ku panu di Baguera pa bindi mas!**”

‘Nós _____ **fazer vestidos com pano Baguêra para vender mais!**’

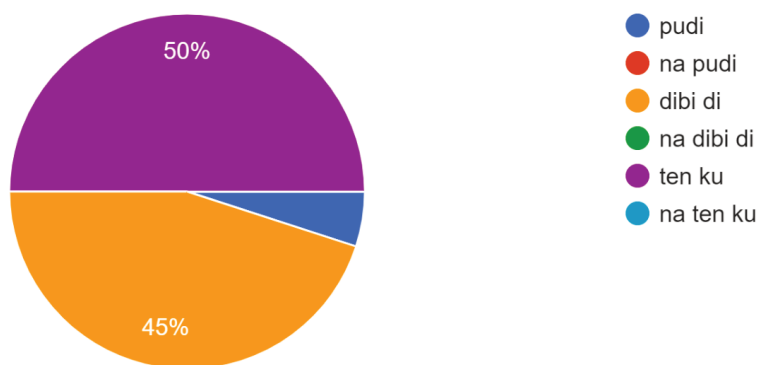
[TP futuro; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() **pudi** () **na pudi** () **dibi di** () **na dibi di** () **ten ku** () **na ten ku**

O contexto 5 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica fraca. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5 - respostas referentes ao Contexto 5



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 50%, correspondente a 10 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’ sem o emprego de partícula, 45%, correspondente a 9 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula e apenas 5%, correspondente a 1 de 20 participantes, escolheu a alternativa que apresenta o modal ‘pudi’ sem emprego de partícula.

O sexto contexto apresenta uma perspectiva temporal presente e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a necessidade teleológica fraca. O sexto contexto é apresentado a seguir:

Contexto 6: Mustafa na kurida ku bolas (Mustafa em corrida com bolas)

[Necessidade teleológica fraca]: Mustafa ku si amigus e sta na partisipa di un eventu di manga di djugus nteresanti ku na fasidu na kumunidadadi. Purmeru djugu i sedu kuri ku bolas. Kin ku tciga purmeru, ku bola equilibradu na un di es objetus dispunivel na meza, i na sedu vensidur. Mustafa odja dus opsons na meza: un son dilis i garfu ki utru i kudjer, ku sedu mindjor opson. Anton, i pensa:

‘Mustafa e seus amigos estão participando de um evento cheio de jogos legais na comunidade. O primeiro jogo é a *corrida com bolas*. Quem chegar primeiro equilibrando a bola em um dos objetos disponíveis na mesa será o vencedor. Mustafá encontrou duas opções na mesa: um garfo e uma colher, que era a melhor opção. Ele, então, pensou:

[sentença-alvo]: _____ **usa kudjer pa equilibra bola fasilmenti.**

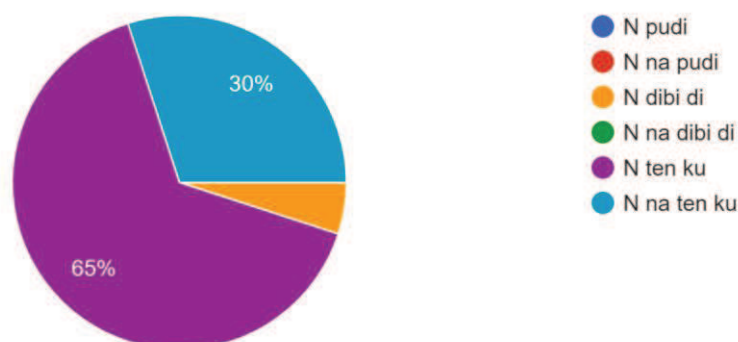
‘ _____ **usar a colher para equilibrar a bola facilmente.**’

[TP presente; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N na pudi () N dibi di () N na dibi di () N ten ku () N na ten ku

O contexto 6 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica fraca. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6 - respostas referentes ao Contexto 6

Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 95%, correspondente a 19 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 30% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de presente *na* (‘na ten ku’). Os demais 5%, correspondente a 1 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula.

O sétimo contexto apresenta uma perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a possibilidade teleológica. O sétimo contexto é apresentado a seguir:

Contexto 7: Brinsan ku ritual tradisional (Brinsan e os rituais tradicionais)

[Possibilidade teleológica]: Brinsan sta ba na laba pratus. Odja ku si mame pertusi, Brinsan puntal ke ki pirsis fasi pa partisipa di un ritual tradisional na si kumunidadi. Si mame ruspundi kuma, na kumunidadi di mansonkas, i tem dus opsons: kaza o pera pa i konsideradu un alguin garandi. Pa konsola si fidju, mame di Brinsan konta si spriensia:

‘Brinsan estava lavando louça. Quando a mãe se aproximou, Brinsan perguntou o que precisava fazer para participar de alguns rituais tradicionais em sua comunidade. A mãe respondeu que, na comunidade mansoanca, havia duas opções: se casar ou esperar ser considerada uma idosa. Para acalmar a filha, a mãe de Fatu contou sobre sua experiência:’

[sentença-alvo]: _____ **pera pa n konsideradu un alguin garandi pa n pudi partisipa di ritual tradisional.**

‘Eu _____ esperar ser considerada idosa para participar de rituais tradicionais.’

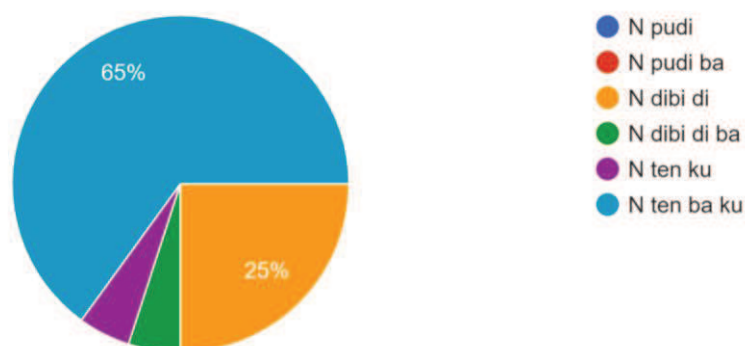
[TP passado; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N pudi ba () N dibi di () N dibi di ba () N ten ku () N ten ba ku

O contexto 7 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a possibilidade teleológica. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 7, a seguir:

Gráfico 7 - respostas referentes ao Contexto 7



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 70%, correspondente a 14 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 65% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Ademais, 30%, correspondente a 6 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’; dentre estes, 5%, correspondente a 1 de 20 participantes, escolheu a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘dibi di ba’). Aqui, de forma contrária às nossas hipóteses, o modal ‘ten ku’ é usado significativamente para expressar possibilidade teleológica. Tais dados nos surpreenderam, visto que não houve nenhum emprego do modal ‘pudi’ no contexto de possibilidade teleológica.

O oitavo contexto apresenta uma perspectiva e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a necessidade teleológica forte. O oitavo contexto é apresentado a seguir:

Contexto 8: Mansata ku Aua na un paseiu na praia (Mansata e Aua em um passeio na praia)

[Necessidade teleológica forte]: Aua kunvida Mansata pa bai pasia na praia. Otca ku e tciga lá, e fika tristi dimas pa kuantidadi di lichu ku e odja na praia. I ten so un manera di rosolvi purbulema na kil mumentu, anton Aua fala pa Mansata:

‘Aua convidou Mansata para dar um passeio na praia. Quando chegaram lá, ficaram muito tristes com a quantidade de lixo que tinha ao longo da praia. Só havia uma maneira de resolver o problema naquele momento, então Aua disse para Mansata:’

[sentença-alvo]: “No _____ tira es lichu tudu pa no disa praia limpu.”

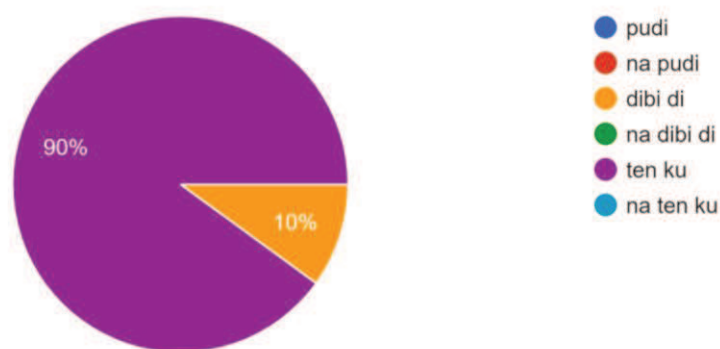
‘Nós _____ recolher todo esse lixo para deixarmos a praia limpa.’

[TP futuro; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () na pudi () dibi di () na dibi di () ten ku () na ten ku

O contexto 8 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica forte. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 8, a seguir:

Gráfico 8 - respostas referentes ao Contexto 8

Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 90%, correspondente a 18 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’ sem emprego de partícula. Os demais 10%, correspondente a 2 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula.

O nono contexto apresenta uma perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a necessidade teleológica forte. O nono contexto é apresentado a seguir:

Contexto 9: Mustafa na ritimu di tina (Mustafa em ritmo de tina)

[Necessidade teleológica forte]: Na fera kultural di kumunidadei, Mustafa aprisenta un instrumentu muzikal di Guine-Bisau: tcomadu tina. Mustafa toka un muzika bonitu. Na fin, tudu djintis ngaba si aprizentason. Un di se kolega puntal: “Kuma ku bu konsigui fasi es tina?”. Mustafa lembra di kuma i ten so un manera di fasi tina, i ruspundil:

‘Na feira cultural da comunidade, Mustafa apresentou um instrumento musical típico da Guiné-Bissau: a tina. Mustafa tocou uma bela música. No final, todos aplaudiram sua performance. Um dos colegas perguntou: “Como você fez essa tina?”. Lembrando que só tinha uma maneira de fazer tina, Mustafa respondeu:’

[sentença-alvo]: “_____ korta un kabas pa fasi tina.”

‘Eu _____ cortar uma cabaça para confeccionar a tina.’

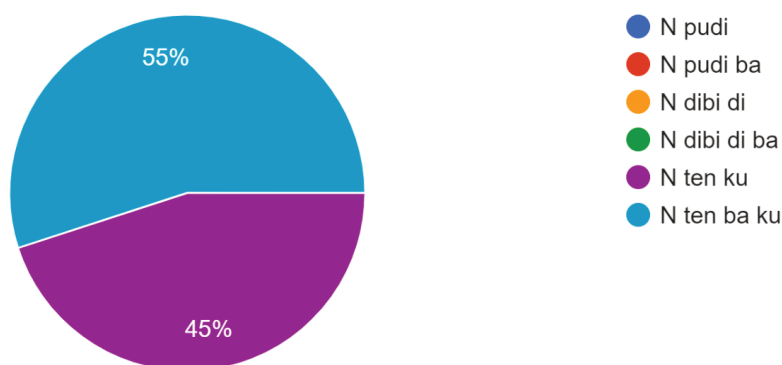
[TP passado; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N pudi ba () N dibi di () N dibi di ba () N ten ku () N ten ba ku

O contexto 9 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica forte. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 9, a seguir:

Gráfico 9 - respostas referentes ao Contexto 9



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 100%, correspondente a 20 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 55% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Esse contexto sinaliza na direção de que o ‘ten ku’ está sendo apontado como um modal de necessidade forte, uma vez que todos os participantes escolheram esse modal para expressar tal força modal.

O décimo contexto apresenta uma perspectiva temporal presente e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a possibilidade teleológica. O décimo contexto é apresentado a seguir:

Contexto 10: Mustafa na kaminhu pa kaza (Mustafa em rotas para casa)

[Possibilidade teleológica]: Dipus ku i sai di skola, Mustafa disidi riba pa kaza a pe. Mustafa lembra kuma i ten dus kaminhu pa lebal te si kaza: A ku B, tudu dus sedu kurtu. Anton, Mustafa pensa:

‘Depois que saiu da escola, Mustafa decidiu voltar para casa a pé. Mustafa lembrou que existem dois caminhos que o levam até sua casa: A e B, ambos são bem curtos. Mustafa então pensou:’

[sentença-alvo]: _____ kudji kaminhu A pa riba pa kaza.

‘Eu _____ escolher o caminho A para voltar para casa.’

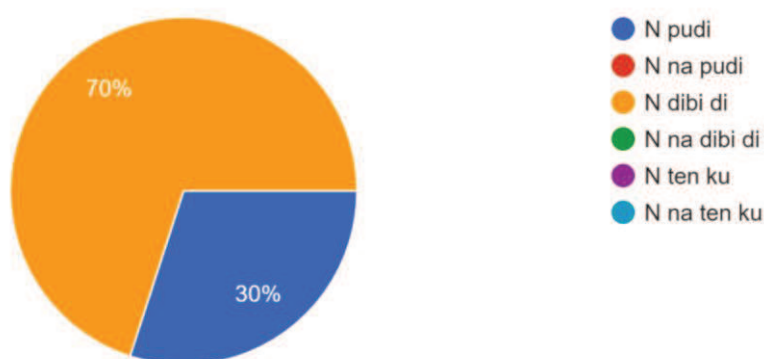
[TP presente; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N na pudi () N dibi di () N na dibi di () N ten ku () N na ten ku

O contexto 10 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a possibilidade teleológica. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 10, a seguir:

Gráfico 10 - respostas referentes ao Contexto 10



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 70%, correspondente a 14 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula. Os demais 30%, correspondente a 6 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘pudi’ sem emprego de partícula.

O décimo primeiro contexto apresenta um contexto empregado nessa pesquisa como controle. O décimo primeiro contexto é apresentado a seguir:

Contexto 11: Tarbadjus di Fatu (Os afazeres de Fatu)

[Possibilidade deôntica]: Amigus di Fatu na tchomal pa bai brinka ku elis. Mame lembranta Fatu di kuma i ten pratu susu pa i laba. Odja ku i kaba si tarbadju, Fatu konta si mame. Anton, mame di Fatu fala:

‘Os amigos estão chamando Fatu para brincar com eles. A mãe lembrou Fatu que tinha louça suja para lavar. Ao finalizar sua tarefa, Fatu avisou a mãe. A mãe de Fatu então disse:’

[sentença-alvo]: “Bu _____ brinka gosi.”

‘Você _____ brincar agora.’

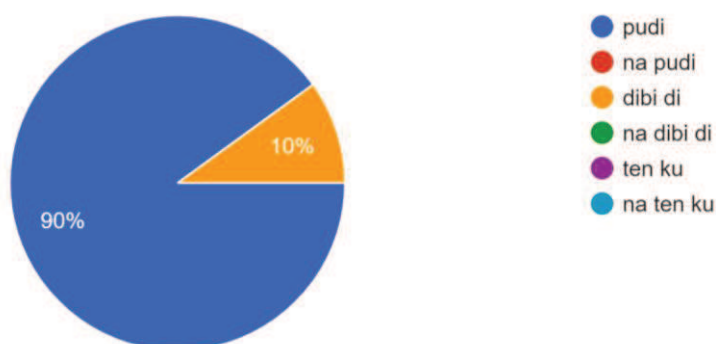
[TP presente; TO presente]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () na pudi () dibi di () na dibi di () ten ku () na ten ku

O contexto 11 está delineado para uma única resposta: o auxiliar modal ‘pudi’, com ou sem partícula. Nossa hipótese para a elaboração do contexto controle está na pesquisa de Inlaté (2023), que aponta tal modal como deôntico de possibilidade. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 11, a seguir:

Gráfico 11 - respostas referentes ao Contexto controle



Fonte: gerado por Google Forms

O contexto 11 foi inserido no questionário com o objetivo de averiguar o grau de atenção dado pelos participantes à tarefa. Os dados apontam que 90%, correspondente a 18 de 20

participantes, assinalaram a resposta esperada no contexto controle. O ideal seria uma marcação de 100% no auxiliar ‘pudi’, o que não aconteceu.

O décimo segundo contexto apresenta uma perspectiva presente e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a necessidade teleológica fraca. O décimo segundo contexto é apresentado a seguir:

Contexto 12: Okanti na dia di kebur - parti 1 (Okanti em um dia de colheita - parte 1)

[Necessidade teleológica fraca]: I epuka di kolheita di arus na Guiné-Bissau, i tudo djintis sta na djuda. Pape di Okanti, pirsibi ausensia di si fidju, i pidi Saidu pa tcoma si ermon pa djuda na kolheita. Saidu konta kal ki opsons ku Okanti tene pa ka i sedu kastigadu: fasi utrus tarbadjus o djuda na kolieta, ki sedu mindjor opson. Anton Okanti pensa:

‘É época da colheita de arroz na Guiné-Bissau, e todos estão ajudando. O pai de Okanti, percebendo a ausência do filho, pediu a Saidu que chamasse o irmão para ajudar na colheita. Ao encontrar Okanti, Saidu disse as opções que Okanti tinha para não ser punido: fazer outras tarefas ou ajudar na colheita, que é a melhor opção. Então Okanti pensou:’

[sentença-alvo]: “ _____ djuda na kolheita pa ka n sedu punidu.”

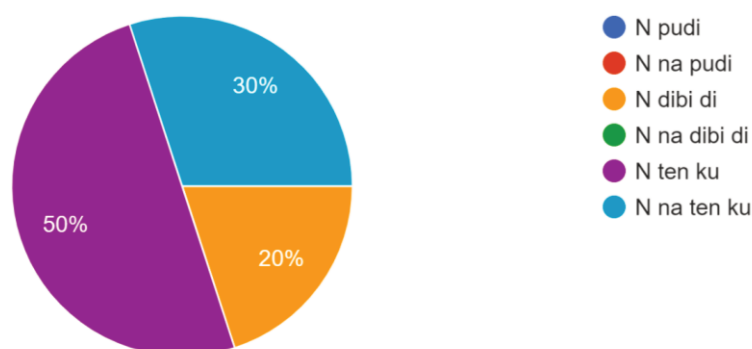
‘ _____ ajudar na colheita para não ser punido.’

[TP presente; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N na pudi () N dibi di () N na dibi di () N ten ku () N na ten ku

O contexto 12 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica fraca. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 12, a seguir:

Gráfico 12 - respostas referentes ao Contexto 12

Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 80%, correspondente a 16 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 30% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de futuro *na* (‘na ten ku’). Os demais 20%, correspondente a 4 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula.

O décimo terceiro contexto apresenta uma perspectiva temporal presente e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a possibilidade teleológica. O décimo terceiro contexto é apresentado a seguir:

Contexto 13: Okanti na dia di kebur - parti 2 (Okanti em um dia de colheita - parte 2)

[Possibilidade teleológica]: Okanti tarbadja tciu na kebur di arus. Na ora di diskansu i bai bibi sumu bas di un arvuri. Okanti pati si kolegas yagu ku sumu, tudu dus bibidas i fresku. Nton, un di elis, fala:

‘Okanti trabalhou bastante na colheita de arroz. No intervalo, ele resolveu tomar suco debaixo da sombra de uma grande árvore. Quando alguns colegas se aproximaram cansados, Okanti ofereceu suco e água aos colegas, ambas as bebidas são refrescantes. Um dos colegas, então, disse:’

[sentença-alvo]: “No _____ bibi yagu pa no freska kabesa!”

‘Nós _____ beber água para nos refrescarmos!’

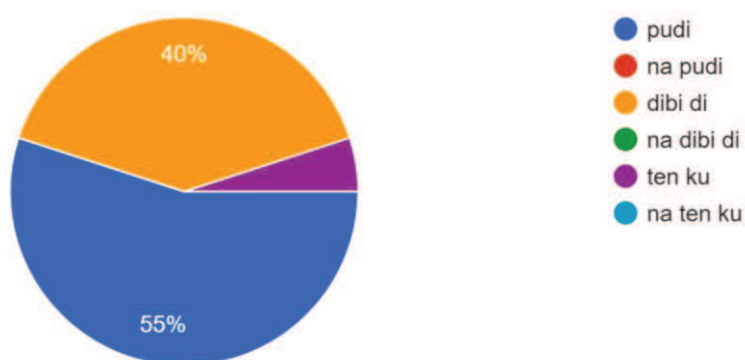
[TP presente; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () na pudi () dibi di () na dibi di () ten ku () na ten ku

O contexto 13 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a possibilidade teleológica. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 13, a seguir:

Gráfico 13 - respostas referentes ao Contexto 13



Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 55%, correspondente a 11 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘pudi’ sem o emprego de partícula, 40%, correspondente a 8 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula e apenas 5%, correspondente a 1 de 20 participantes, escolheu a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’ sem emprego de partícula. Vale observar que este é o primeiro contexto de possibilidade teleológica que apresenta dados que vão ao encontro de nossas hipóteses; uma vez que a expressividade do emprego de ‘pudi’ supera a de ‘ten ku’ e ‘dibi di’, diferentemente do que ocorre nos contextos 2, 7 e 10.

O décimo quarto contexto apresenta uma perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a necessidade teleológica fraca. O décimo quarto contexto é apresentado a seguir:

Contexto 14: Nunde ku Keba sta? (Onde está o Keba?)

[Necessidade teleológica fraca]: Keba sta ba na brinka di kabra-segu ku si amigus. Tudú djintis resolvi bai pa matu pa kumsa nobu partida. Keba djubi tudú ladu i odja kuma i ten ba manga di kaus pa sugundi, ma tras di un po yera ba mindjor kau pa i sugundi. Dipus di Keba ganha djugu, amigus punta nunde ku Keba sta ba sukundidu, i Keba ruspundi elis:

‘Keba estava brincando de cabra-cega com seus amigos. Todos resolveram ir para a floresta começar uma nova partida. Keba observou ao redor e viu que havia muitos locais para se esconder, mas atrás do arbusto era o melhor esconderijo. Depois de Keba vencer o jogo, os amigos perguntaram onde Keba estava escondido, e ele respondeu:’

[sentença-alvo]: _____ **sugundi tras di es po pa ka ningin odjan.**

‘Eu _____ **me esconder atrás do arbusto para ninguém me achar.**’

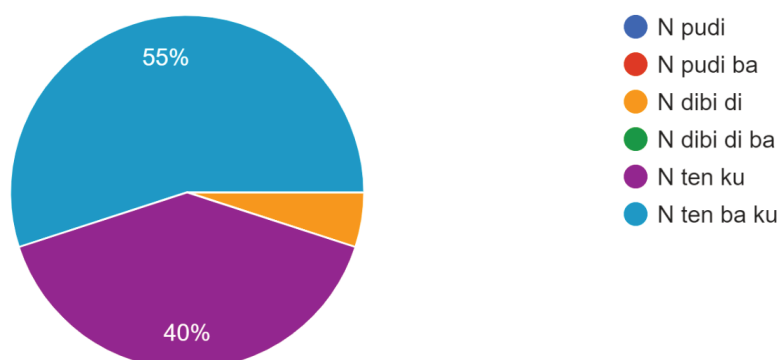
[TP passado; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() N pudi () N pudi ba () N dibi di () N dibi di ba () N ten ku () N ten ba ku

O contexto 14 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica fraca. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 14, a seguir:

Gráfico 14 - respostas referentes ao Contexto 14



Os dados apontam que 95%, correspondente a 19 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’; dentre estes, 55% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Os demais 5%, correspondente a 1 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula.

O décimo quinto contexto apresenta uma perspectiva temporal e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a necessidade teleológica forte. O décimo quinto contexto é apresentado a seguir:

Contexto 15: Brinsan ku tataruga (Brinsan e a tartaruga)

[Necessidade teleológica forte]: Brinsan tene un garandi amiga ku ta vivi na mar. E ta kontra ora ku Brinsan bai pasia na praia di djiu di Polon. Na un di si paseius, Brinsan odja si amiga mbaransadu na ridia di piska. Logu, i pertusi pa djudal. Brinsan odja kuma i ten so un manera di djuda si amiga sin machukal. anton i pensa:

‘Brinsan tem uma grande amiga marinha. Elas se encontram quando Brinsan vai passear pelas praias da pequena ilha do Poilão. Em um dos passeios, Brinsan avistou sua amiga presa em uma rede de pesca. Então, ela se aproximou para ajudá-la. Antes de retirar a rede, Brinsan observou que só havia uma maneira de ajudar sua amiga sem machucá-la. Ela, então, pensou:’

[sentença-alvo]: _____ **tira ridia ku kuidadu pa ka n molostra tataruga.**

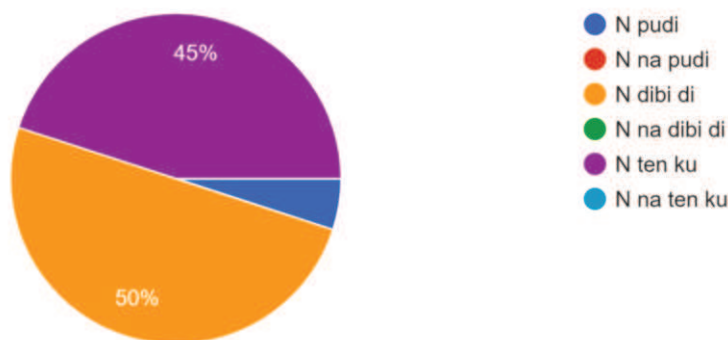
‘Eu _____ tirar a rede com cuidado para não ferir a tartaruga.’

[TP futuro; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

N pudi N na pudi N dibidi N na dibidi N ten ku N na ten ku

O contexto 15 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a necessidade teleológica forte. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 15, a seguir:

Gráfico 15 - respostas referentes ao Contexto 15

Fonte: gerado por Google Forms

Os dados apontam que 50%, correspondente a 10 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem o emprego de partícula, 45%, correspondente a 9 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’ sem emprego de partícula e apenas 5%, correspondente a 1 de 20 participantes, escolheu a alternativa que apresenta o modal ‘pudi’ sem emprego de partícula. Esses dados nos permitem supor que tanto o modal ‘ten ku’ quanto o modal ‘dibi di’ são usados para expressar necessidade teleológica forte.

O décimo sexto cenário apresenta um contexto empregado nessa pesquisa como controle. O décimo sexto contexto é apresentado a seguir:

Contexto 16: Keba panha sarampu? (Keba está com sarampo?)

[Necessidade epistêmica]: Keba sta ba na kaza ku kosea i ku kurpu tudu mpolmadu. Si mame, prekupadu, i leba Keba nunde un kuranderu. Dipus di kuranderu djubi-djubi ki mantcas burmedju na kurpu di Keba, i fala:

‘Keba estava em casa com muita coceira e com o corpo cheinho de bolhas. Sua mãe, preocupada, levou Keba até um ancião. Depois de analisar as manchas vermelhas no corpo de Keba, o ancião disse:’

[sentença-alvo]: “I ____ sedu sarampu.”

‘_____ ser sarampo.’

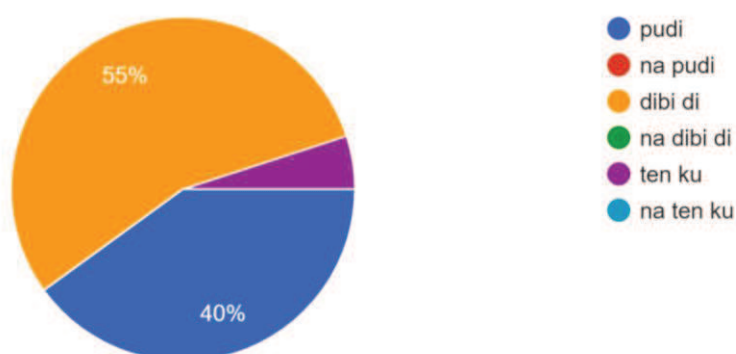
[TP presente; TO presente]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () na pudi () dibi di () na dibi di () ten ku () na ten ku

O contexto 16 é controle, ou seja, está delineado para uma única resposta: o auxiliar modal ‘dibi di’, com ou sem partícula. Para a elaboração desse contexto, nos baseamos em Inlaté (2023), que aponta o modal ‘dibi di’ como preferido em contextos de necessidade epistêmica. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 16, a seguir:

Gráfico 16 - respostas referentes ao Contexto controle



Fonte: gerado por Google Forms

O contexto 16 foi inserido no questionário com o objetivo de averiguar o grau de atenção dado pelos participantes à tarefa. Os dados apontam que 55%, correspondente a 18 de 20 participantes, assinalaram a resposta esperada no contexto controle. O ideal seria uma marcação de 100% no auxiliar ‘dibi di’, o que não aconteceu.

O décimo sétimo e último contexto apresenta uma perspectiva temporal presente e orientação temporal futura, e investiga qual auxiliar modal guineense expressa melhor a possibilidade teleológica. O décimo sétimo contexto é apresentado a seguir:

Contexto 17: Binta, Usai ku restoranti Kais (Binta e Ussai e o restaurante Kais)

[Possibilidade teleológica]: Binta ku Usai tarbadja te dipus di orariu. Otca ku e sai di loja, e sta ku garandi fomi. Ermons pensa na manga di restorantis ku sta pertu di la, i elis tudu e ta sirbi lachis sabi. Logu, Binta fala si ermon.

‘Binta e Ussai trabalharam até tarde. Quando saíram da loja, estavam famintas. As irmãs pensaram nos vários restaurantes que havia ali por perto, e todos eles serviam lanches deliciosos. Então, Binta disse à irmã:’

[sentença-alvo]: “No _____ bai Kais pa kume un lanchi sabi.”

‘Nós _____ ir ao Kais para comer um lanche bem gostoso!’

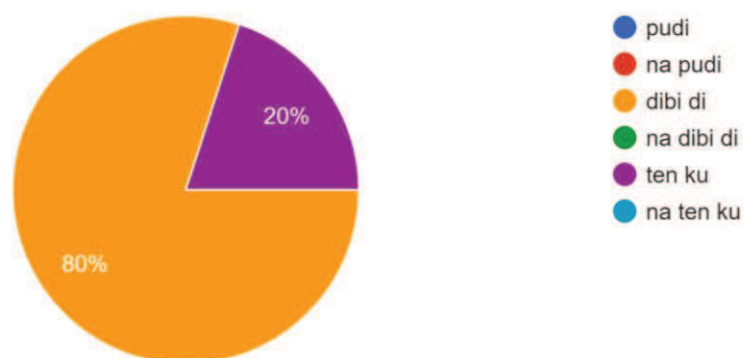
[TP presente; TO futuro]

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

() pudi () na pudi () dibi di () na dibi di () ten ku () na ten ku

O contexto 17 testa qual auxiliar modal, dentre ‘pudi’ (poder), ‘dibi di’ (dever) e ‘ten ku’ (ter que), expressa melhor a possibilidade teleológica. Os dados obtidos podem ser vistos no gráfico 17, a seguir:

Gráfico 17 - respostas referentes ao Contexto 17



Fonte: gerado por Google Forms

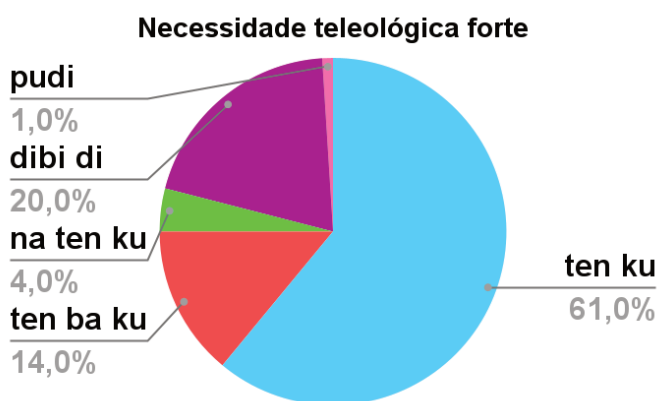
Os dados apontam que 80%, correspondente a 16 de 20 participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘dibi di’ sem emprego de partícula e 20%, correspondente a 4 de 20 dos participantes, escolheram a alternativa que apresenta o modal ‘ten ku’ sem emprego de partícula. Aqui, os dados nos surpreenderam, visto que não houve nenhum emprego do

modal ‘pudi’ no contexto de possibilidade teleológica, diferente do que se observou nos contextos 2, 10 e 13.

Tendo descrito cada um dos 17 contextos individualmente, passamos à apresentação de uma visão mais geral desses dados, com o objetivo de verificar (i) quais modais expressam modalidade teleológica no guineense, e (ii) se a força modal é dada no léxico; se for este o caso, averiguar qual a força cada um deles expressa. Buscamos investigar, portanto, quais modais expressam a força modal de necessidade teleológica forte, de necessidade teleológica fraca e de possibilidade teleológica.

Primeiro, para identificar os modais que expressam necessidade teleológica forte no guineense, juntamos todas as respostas dos 5 contextos de necessidade teleológica forte (contexto 1, contexto 4, contexto 8, contexto 9 e contexto 15), buscando depreender os modais indicadores dessa força modal e a quantidade de vezes que cada um deles é empregado. Os dados são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 18 - Modais que expressam necessidade teleológica forte no guineense



Fonte: elaborado pelo autor

Os dados apontam que há um predomínio do ‘ten ku’, com 79% de uso; dentre estes, 61% escolheram a alternativa em que tal modal figura sem nenhuma partícula, 14% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’) e 4% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula *na*. Na sequência, aparece ‘dibi di’, sem emprego de partícula, com 20% de uso e, por fim, ‘pudi’, sem emprego de partícula, aparece com 1% de uso. A preferência pelo modal ‘ten ku’ nos permite supor que esse é o modal de necessidade teleológica forte no guineense, como já era esperado. Contudo,

os dados ainda apontam que os guineenses também empregam o ‘dibi di’ em contextos de necessidade forte, mas em uma frequência menor. O ‘pudi’ claramente não é um modal de necessidade teleológica forte.

Segundo, para identificar os modais que expressam necessidade teleológica fraca no guineense, juntamos todas as respostas dos 5 contextos de necessidade teleológica fraca (contexto 3, contexto 5, contexto 6, contexto 12 e contexto 14), buscando identificar os modais que marcam essa força modal e a quantidade de vezes que são empregados. Os dados são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 19 - Modais que expressam necessidade teleológica fraca no guineense



Fonte: elaborado pelo autor

Os dados apontam que há um predomínio do ‘ten ku’, com 81% de uso; dentre estes, 46% escolheram a alternativa em que tal modal figura sem nenhuma partícula, 23% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’) e 12% escolheram a alternativa em que tal modal figura com a partícula *na*. Logo depois, aparece ‘dibi di’, com 17% de uso; dentre estes, 16% escolheram a alternativa em que tal modal figura sem nenhuma partícula e 1% escolheu a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Por fim, ‘pudi’, sem partícula, aparece com 2% de uso. A preferência pelo modal ‘ten ku’ nos permite supor que esse modal expressa não apenas necessidade teleológica forte, mas também necessidade teleológica fraca. Embora os dados apontem nessa direção, é válido observar que os contextos de necessidade teleológica fraca mostram que não basta haver mais de um meio para atingir determinada meta, mas o melhor meio, assim, se os participantes interpretaram que um meio é muito melhor que o outro, eles usarão ‘ten ku’ (ter que) mesmo que haja outra opção.

Em seguida, temos um índice significativo de emprego do ‘dibi di’, o que nos permite supor que a necessidade teleológica fraca também é expressa por esse modal, e ‘pudi’ claramente não é um modal de necessidade teleológica fraca assim como já era esperado. Vale observar ainda que a expressividade do emprego do modal ‘ten ku’, em contextos de necessidade fraca (81%), é maior que a do emprego desse modal em contextos de necessidade forte (79%), o que é surpreendente. Contudo, a margem de diferença é pequena, o que nos permite supor que a menor quantidade de ‘ten ku’ em contextos de necessidade teleológica forte está relacionada, possivelmente, ao fato de que houve uma baixa expressividade do emprego desse modal no contexto 1, de necessidade teleológica forte, com 65%. Em todos os outros contextos de necessidade teleológica forte, o emprego do modal ‘ten ku’ foi bem maior que o dos outros modais.

Por último, para identificar os modais que expressam possibilidade teleológica no guineense, juntamos todas as respostas dos 5 contextos de possibilidade teleológica (contexto 2, contexto 7, contexto 10, contexto 13 e contexto 17), buscando depreender os modais escolhidos para marcar possibilidade e a quantidade de vezes que cada modal foi usado. Os dados são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 20 - Modais que expressam possibilidade teleológica no guineense



Fonte: elaborado pelo autor

Os dados apontam que há um predomínio do ‘dibi di’, com 47% de uso; dentre estes, 46% escolheram a alternativa em que tal modal figura sem nenhuma partícula e 1% escolheu a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Em seguida aparece ‘ten ku’, com 35% de uso; dentre estes, 22% escolheram a alternativa em que tal modal figura sem nenhuma partícula e 13% escolheu a alternativa em que tal modal figura com a partícula de imperfeito *ba* (‘ten ba ku’). Por fim, ‘pudi’, sem emprego de partícula, aparece com 18% de uso. A preferência pelo modal ‘dibi di’ sem partícula nos permite supor que esse

é o modal de possibilidade teleológica no guineense. Esse resultado nos encaminha para um emprego diferente do português, em que o modal que expressa possibilidade teleológica é ‘poder’. De acordo com a nossa hipótese, era esperado um maior emprego de ‘pudi’ em contextos de possibilidade, seguido de ‘dibi di’; contudo, os modais empregados foram ‘dibi di’ em primeiro lugar, ‘ten ku’ em segundo lugar, e, com uma menor proporção, aparece ‘pudi’ (18%).

Diante dos dados expostos, é possível concluir que os modais que expressam modalidade teleológica no guineense são: ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’, com e sem partículas. Nossa hipótese em relação a quais modais expressam tal modalidade se confirmaram. Em relação à força modal, o ‘ten ku’ é empregado em contextos de necessidade, sendo o preferido tanto em contextos de necessidade forte, com 79% de uso, como de necessidade fraca, com 81% de uso; o ‘dibi di’ fica em segundo plano, sendo também empregado tanto para necessidade forte, com 20% de uso, quanto para necessidade fraca, com 17% de uso. Além disso, o ‘dibi di’ é empregado também em contextos de possibilidade, sendo o preferido nesses contextos, com 47% de uso; e o ‘ten ku’ fica em segundo plano, sendo também empregado em tais contextos, com 35% de uso. Considerando que o ‘dibi di’ aparece marcando tanto necessidade como possibilidade, há fortes evidências de que este modal é um modal dual no guineense, à semelhança do português brasileiro. Por fim, o modal ‘pudi’ foi empregado em uma frequência significativamente menor em todos os contextos, inclusive os de possibilidade teleológica.

Vale observar ainda que o emprego do modal ‘ten ku’ em contextos de possibilidade foi surpreendente, assim como a pouca expressividade do emprego de ‘pudi’ nesses mesmos contextos; visto que o esperado era que houvesse uma grande expressividade de ‘pudi’ e que ‘ten ku’ aparecesse em uma frequência bem menor, ou então, nem aparecesse.

Ao passo que o emprego dos modais em contextos de possibilidade teleológica nos surpreenderam, os resultados em relação ao emprego dos modais em contextos de necessidade teleológica forte foram ao encontro de nossas hipóteses; visto que nos contextos 9, 4 e 8, por exemplo, houve um emprego de ‘ten ku’ em 100%, 95% e 90%, respectivamente. Isso sinaliza na direção de que o ‘ten ku’ é empregado para indicar necessidade forte no guineense, uma vez que um número expressivo de participantes escolheu esse modal para expressar tal força modal.

4.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo, apresentamos os resultados referentes a cada um dos 17 contextos presentes no questionário de eliciação de modais teleológicos. Na primeira parte do capítulo, ressaltamos nossas hipóteses; são elas: (i) no guineense, o tipo de modalidade é dada no contexto, à semelhança do PB; (ii) os modais que expressam modalidade teleológica no guineense são ‘ten ku’ (ter que), ‘dibi di’ (dever) e ‘pudi’ (poder), assim como seus correspondentes no PB (ter que, dever e poder); e (iii) no guineense, a força modal é dada no léxico, à semelhança do PB. Na sequência, apresentamos os dados dos contextos individualmente de forma descritiva.

Na segunda parte do capítulo, apresentamos uma visão geral dos dados referentes a cada força modal. Esses dados revelam que os modais que expressam modalidade teleológica no guineense são: ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’. Os dados confirmam que o guineense não é um descendente direto do português, uma vez que os auxiliares modais, por exemplo, não são empregados da mesma maneira.

Os dados ainda revelam que, em relação à força modal, o ‘ten ku’ é claramente preferido para indicar necessidade teleológica forte e necessidade teleológica fraca. Tal modal, embora sem expressividade, também figurou em contextos de possibilidade teleológica. O emprego de ‘ten ku’ como modal de possibilidade nos causou grande surpresa. Por essa razão, seria interessante realizar uma nova tarefa de eliciação de modais, enfocando no ‘ten ku’ em contextos de possibilidade. O ‘dibi di’ foi preferido para indicar possibilidade teleológica, com 47% de uso. Tal modal, embora não tenha tido preferência, também foi empregado em contextos de necessidade teleológica (tanto forte quanto fraca), o que revela ser este um modal dual também no guineense. Por fim, o modal ‘pudi’ foi empregado em uma frequência significativamente menor em todos os contextos, o que revela não ser o preferido na expressão de nenhuma força, nem mesmo de possibilidade teleológica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo deste trabalho, iniciamos apresentando o contexto histórico em que se formou o guineense, a língua mais falada na Guiné-Bissau e que concorre com o português, língua oficial e de ensino, e com as diversas línguas étnicas presentes no país. Em seguida, foi apresentada a situação linguística da Guiné-Bissau e feita uma revisão da literatura sobre questões linguísticas, perpassando a educação e o ensino de língua no país. Na sequência, foi apresentada a composição de uma língua crioula que se origina da combinação de uma língua base (o superstrato, que compõe boa parte de seu léxico) e de uma língua africana (o substrato) a partir de um contato estreito entre os falantes. No caso do guineense, foi mostrado que a língua surgiu em um contexto de escravidão na época da colonização portuguesa na África. Por fim, para compreender melhor os aspectos linguísticos e culturais do país, foi preciso conhecer, de maneira mais aprofundada, o povo guineense, saber quantas línguas falam e as relações que possuem com as línguas que falam, saber como pensam e a forma como enxergam o mundo, conhecer suas metas e os meios necessários para atingi-las. Essas questões foram essenciais para o estudo da modalidade teleológica e, portanto, foram apresentadas ao longo do primeiro capítulo.

No segundo capítulo apresentamos a modalidade e os aspectos que a compõem, dando um foco especial à modalidade teleológica e à força modal. Vimos os elementos que compõem a modalidade, como força modal, tipo de modalidade e as palavras da língua que expressam modalidade. Além disso, vimos as principais propriedades da modalidade teleológica através das línguas, dando um foco especial aos auxiliares modais do PB.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia adotada para esta pesquisa, que se dividiu em duas etapas: (i) a elaboração, coleta e análise de dados linguísticos e socioculturais para auxiliar na construção de contextos que não fugissem à realidade da comunidade dos grupos étnicos; e (ii) a elaboração de um questionário de elicitación de modais teleológicos para o estudo da modalidade teleológica no guineense, que teve como base o questionário de Vander Klok (2023), junto à técnica de *storyboards*. Vimos também que o principal objetivo deste questionário era compreender melhor o emprego dos modais teleológicos no guineense. E, por fim, no quarto capítulo ressaltamos as principais hipóteses e os resultados da nossa pesquisa.

Há muito ainda a ser pesquisado no guineense, não apenas em relação à modalidade teleológica, mas também aos outros tipos de modalidade, uma vez que há poucos trabalhos sobre modalidade no guineense. Os estudos do guineense em específico se detêm em análises fonológicas, morfológicas e sintáticas, como os trabalhos de Kihm (1994), Costa (2014),

Chapouto (2014), Can-Vianna; Mello (2014), Danfá (2021), Cá (2021), Intumbo (2007), Inlaté (2021). Embora sejam trabalhos importantes sobre o guineense, a pesquisa em guineense ainda é pouco expressiva, considerando tudo que precisa ser descrito em relação a essa língua.

Em relação especificamente ao estudo da modalidade teleológica no guineense, este é o primeiro trabalho, o qual apresenta os seguintes resultados: (i) no guineense, o tipo de modalidade é dada no contexto; (ii) ‘ten ku’, ‘dibi di’ e ‘pudi’ são verbos auxiliares que expressam modalidade teleológica no guineense; (iii) no guineense, a necessidade teleológica forte e a necessidade teleológica fraca são expressas preferencialmente por ‘ten ku’, seguido de ‘dibi di’; e a possibilidade teleológica é expressa preferencialmente por ‘dibi di’, seguido por ‘ten ku’. Vale observar ainda que o auxiliar ‘dibi di’ aparece marcando tanto necessidade como possibilidade, comportando-se como ‘dever’ do português, um modal dual, cuja força é determinada por informações do contexto. Por fim, o modal ‘pudi’ foi empregado em uma frequência significativamente menor em todos os contextos, o que revela não ser o preferido na expressão de nenhuma força, nem mesmo de possibilidade teleológica. Os dados obtidos confirmam que o guineense não é um descendente direto do português, uma vez que os auxiliares modais guineenses, por exemplo, não são empregados da mesma maneira que os auxiliares modais no português.

Ao nos depararmos com os dados obtidos, algumas perguntas foram levantadas, como se as questões culturais dos participantes influenciaram nas respostas e o quanto influenciaram. Além disso, nos perguntamos também até que ponto os participantes não estariam tendo dificuldades em distinguir *poder* e *dever* em alguns contextos. Essas questões seriam interessantes de serem investigadas.

Vale ressaltar ainda que algumas questões não foram possíveis de serem explicadas, como o emprego dos modais em contextos de possibilidade teleológica e a relação dos modais entre categorias de tempo e aspecto. Assim, é importante a realização de pesquisas futuras sobre a modalidade teleológica no guineense, propondo a análise dos modais em contextos de possibilidade teleológica, por exemplo. Para isso, seria necessário um enfoque maior nesse tipo de contexto e um maior cuidado em sua elaboração.

Considerando, ainda, que no PB o item morfológico *ia*, que marca aspecto imperfectivo, pode ser uma marca de modalidade (cf. Pessoto e Pires de Oliveira, 2008), um outro aspecto interessante a investigar em pesquisas futuras é se a partícula *ba*, de aspecto imperfectivo no guineense, pode ser uma marca de modalidade, à semelhança do português. Isto é, seria interessante verificar se ‘ten ba ku’, ‘dibi di ba’ e ‘pudi ba’ podem expressar noções modais diferentes das expressas por esses mesmos verbos sem a partícula. Para que isso seja feito, é

necessário que o pesquisador trabalhe essa partícula em contextos com perspectivas temporais diferentes, o que não foi feito neste trabalho.

Esperamos, por fim, que este trabalho contribua para a descrição do guineense, assim como outros estudos realizados em relação a essa língua.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Helmer. **Guiné-Bissau**. Brasília: Thesaurus, 2012.

BACHMAN, A. C. S. **O multilinguismo no contexto escolar da Guiné-Bissau**. Trabalho de Conclusão de Curso- Pedagogia – Universidade de Brasília – Faculdade de Educação, Brasília, 2014.

BAKKER, Peter et al. (Ed.). **Creole studies–phylogenetic approaches**. John Benjamins Publishing Company, 2017.

BENSON, Carolyn Joy - **Teaching Beginning Literacy in The “Mother Tongue”**: A Study Of The Experimental Crioulo/Portuguese Primary Project In Guinea-Bissau. Los Angeles, University of California (Ph.D. Thesis), 1994.

BICARI, Lino (1990) – **“Guiné-Bissau: un mosaico humano”**. Terra Solitária, Revista de Questões Internacionais, Lisboa, n. 24, Set-Out: 3-6.

BICARI, Lino. **A questão do caboverdiano na GuinéBissau**. BNô Pintcha 31-10-81/Arcília Barreto In: Voz di povo. – Ano VI N° 283 (1981). Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog.aspx?q=TI%20a%20questao%20do%20cabo-verdiano%20na%20guine-bissau>> Acessado em 13 de março de 2023.

BICKERTON, Derek. A hipótese do bioprograma de linguagem. **Ciências do comportamento e do cérebro**, v. 7, n. 2, pág. 173-188, 1984.

BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria**. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1989.

CÁ, João Fernando. **Aspectos linguísticos do guineense: reflexões acerca de uma língua**. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2021.

CABRAL, Amílcar. 1990. **A questão da língua**. *Papia* 1, 1.59-61.

CAN-VINNA, Adriana Cristina; MELLO, Maria Aparecida Curupaná da Rocha de. **A Constituição da Gramática Guineense: o sufixo - ndadi**. Universidade de Brasília, 2014.

CARINTON, Ido Mário. **O ritual do povo Brame/Mancanha da Guiné-Bissau: um estudo sobre Fanado de Ka-Tchaça**. 2021. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

CARREIRA, A. Vida Social dos Manjacos. **Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa**, 1947.

CHAPOUTO, Sandra Marisa. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. Universidade de Coimbra- Faculdade de Letras. Lisboa, 2014.

CINQUE, G. (1999). **Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press.

CINQUE, G. **Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures**. New York: Oxford University Press, 2006. v.4.

CODINHOTO, N. G.; RECH, N. F. **Considerações sobre o modal teleológico**. Scripta, v. 24, n. 51, p. 47-70, 23 set. 2020.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. 1996a. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora da UnB.

COUTO, Hildo Honório do. 1996b. **O crioulo e a literatura na Guiné-Bissau**. Atas do I Seminário das literaturas africanas de língua portuguesa, UFRJ, p. 47-51.

COUTO, Hildo Honório do. **Contato interlinguístico: da interação à gramática**. Departamento de Lingüística. Universidade de Brasília, 1999.

COUTO, Hildo Honório e EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **Revista brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, N° 20, 2010 (Brasília).

COUTO, Hildo Honório. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburgo: Helmut Buske Verlag. 1994.

DANFÁ, Abdulai. **Sujeito nulo e sistema pronominal do kriol: uma abordagem comparativa com o kabuverdianu**. Campinas, SP: 2021.

DE SOUZA, Ulisdete Rodrigues. Elementos para a compreensão de Línguas Crioulas e Pidgins: conceitos e hipóteses. AbeÁfrica: **Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v. 2, n. 2, 2019.

DJAU, Rachido. **Situação sociolinguística, cultural e étnica da Guiné-Bissau e suas implicações**. Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia, v. 6, n. 14, p. 111-124, 2015.

DRZAZGOWSKA, Joanna et al. As perífrases verbais no português europeu. **Romanica Cracoviensia**, n. 11, p. 107-115, 2011.

EMBALÓ, Filomena. **O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e fator da identidade Nacional**. Papia 18, 2008, p. 101-107. Disponível em: <
<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/62/56>> Acessado em 13 de março de 2023.

von FINTEL, Kai. **Modality and language**. 2006.

von FINTEL, Kai; IATRIDOU, Sabine. **How to say ought in foreign: The composition of weak necessity modals**. Time and modality, p. 115-141, 2008.

von FINTEL, Kai; IATRIDOU, Sabine. **What to do if you want to go to Harlem**: anankastic conditionals and related matters. Massachusetts Institute of Technology, 2005. (Manuscript). Disponível em: <<http://web.mit.edu/fintel/fintel-iatridou-2005-harlem.pdf>>. Acesso em: 03 de out. de 2023.

FONSECA, D. da. **Os Mancanha**. Bissau (Guiné-Bissau): Ku Si Mon Editora. 1997.

FRANKIE, M. **Teleological necessity and only**. 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/254703235_Teleological_Necessity_and_Only>. Acesso em: 03 de out. 2023.

FREIRE, Maria Goreti Varela. **O Ensino do Português (L2) a partir do Caboverdiano (LM)**. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa. Universidade de Lisboa, Departamento de Letras. Lisboa, 2007.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro; SUBUHANA, Carlos. **O casamento tradicional na Guiné-Bissau: o K'mari na etnia Papel**. Revista África e Africanidades, v. 11, n. 26, 2018.

GOMES, Laurentino. **Escravidão–Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019.

HACQUARD, Valentine. **Modality**. Language, v. 86, n. 3, p. 739-741, 2009.

HALL JR, Robert A. **The life-cycle of pidgin languages**. Lingua, v. 11, p. 151-156, 1962.

HALL, Jr., ROBERT, A. **Pidgin and creole languages**. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1966.

HOLM, John. **An introduction to pidgins and creoles**. Cambridge University Press, 2000. <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/> (Acesso em 19 Out. 2023).

INLATÉ, L. G. **Estudo de marcas de modalidade no guineense**. Florianópolis, 2023. 141 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina.

INLATÉ, Lucas Gonçalves. **Descrição da estrutura interna do constituinte sintagma nominal da língua guineense**. TCC - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Redenção, 2021.

INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. 2007. 139f. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras)–Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

INTUMBO, Incanha. **Situação sociolinguística da Guiné-Bissau**. Cimbra, v. 200, 2012.

KIHM, Alain. Kriyol Syntax. **The Portuguese-based Creole Language of Guinea-Bissau**. 1994.

KRATZER, Angelika et al. **Modality**. Semantics: An international handbook of contemporary research, v. 7, p. 639-650, 1991.

- KRATZER, Angelika; EIKMEYER, Hans-Jürgen; RIESER, Hannes. **The notional category of modality**. Formal semantics: The essential readings, p. 289-323, 1981.
- LANG, Jüergen et. **O Crioulo de Santiago (Cabo Verde):** exotismo de aparência românica. In: Actas do Workshops sobre Crioulos, 1999.
- LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau:** o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973). 2012.
- LEPRI, J. P. **Contribuição para a análise sociológica da GuinéBissau actual.** SORONDA:- Revista de Estudos Guineenses – INEP, Bissau, nº1,1986.
- LOPES, Carlos. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (Guinea-Bissau). **A Transição Histórica Na Guiné-Bissau:** Do Movimento De Libertação Nacional Ao Estado. Bissau Guiné-Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa; 1987.
- MANGO, Aldair Alberto. **Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau:** celebração de um pacto entre duas pessoas ou duas famílias. 2017.
- MENDES, Paulina. **Entre os “saberes Locais” e o “Saber Universal”:** A Modernização das Comunidades Manjaco e a Mandjização do Estado na Guiné-Bissau. Universidade de Coimbra. 2014.
- MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau:** Adivinho/Napene e Régulo/Namantch. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.
- MUFWENE, Salikoko S. **The Ecology of Language Evolution. Cambridge Approaches to Language Contact.** Cambridge University Press, 40 West 20th Street, New York, NY 10011-421, 2001.
- NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino:** caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. 2020.
- NANQUE, Honório Lima. **Comparação entre a cultura do grupo étnico papel e a cultura do grupo étnico balanta da Guiné-Bissau.** Revista Faz Ciência, v. 24, n. 39, p. 137-155, 2022.
- NARO, Anthony J. Um estudo sobre as origens da pidginização. **Linguagem**, p. 314-347, 1978.
- NISSENBAUM, J. **Kissing Pedro Martinez:** (existential) anankastic conditionals and rationale clauses. In: Semantics and Linguistic Theory, 2005. p. 134-151.
- PEREIRA, Dulce. **Crioulos de base lexical portuguesa.** Lisboa: Caminho, 2007.

PESSOTO, Ana Lúcia dos Santos. **Força e evidência: uma análise teórico-experimental da semântica de ‘pode’, ‘deve’ e ‘tem que’**. 2015. 277 f. Tese Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PESSOTO, Ana Lúcia dos Santos; DE OLIVEIRA, Roberta Pires. **O que há de diferente entre ‘pode’ e ‘podia’?**. Anais do CELSUL, 2008.

RECH, Núbia Ferreira; AGOSTINHO, A. L.; INLATÉ, L.; CODINHOTO, Nathália Gravonski. **Nossas raízes/No rais**. 1.ed. São Paulo: Pontes, 2023. v. 1.

RECH, Núbia; CODINHOTO, N. G. **Quando rationale clauses correspondem a uma construção teleológica**. Fórum Linguístico, v. 19, p. 8066-8078, 2022.

REMA, Henrique P. - **História das Missões Católicas da Guiné**. Braga, Editorial Franciscana, 1982.

RESENDE, M. **Os verbos modais epistêmicos no português brasileiro: uma interface sintaxe-semântica**. Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Quarezemin. 2013. 75 f.. TCC (Graduação) - Curso de Letras – Língua Portuguesa Literaturas da Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Multilinguismo nos Palop: perfil sociolinguístico e avaliação linguística em Guiné-Bissau**. Revista de Letras, Fortaleza, v. 2, n. 40, p. 34-47, jul./dez. 2021.

SAEBO, Kjell Johan. **Necessary conditions in a natural language**. In: FERY, Caroline; STERNEFELD, Wolfgang (ed.). *Audiatur vox sapientiae: a festchrift for arnim von stechow*. Akademie Verlag, 2001. p. 427-449. (Preprint). Disponível em: <<http://vivaldi.sfs.nphil.uni-tuebingen.de/~arnim10/Festschrift/Saeboe-8-komplett%20fertig.pdf>>. Acesso em: 03 de out. de 2023.

SAEBO, Kjell Johan. **Anankastic conditionals: if you want to go to Harlem**. University of Oslo, 2017. Chapter 61. Disponível em: <<https://www.hf.uio.no/ilos/english/people/aca/kjelljs/chapter61.pdf>>. Acesso em: 03 de out. 2023.

SANHA, Pe.abulai. **Funeral dos balantas patch no contexto da pastoral funerária cristã, para uma evangelização inculturada e um diálogo convergente**. Monografia (licenciatura) Seminário Maior Dom Settimio Arturo Ferrazeta em Bissau, 2014.

SANTOS, A. V. **Do outro lado do Atlântico: narrativas e relatos de estudantes guineenses com o Português do Brasil em São Francisco do Conde-BA**. TCC (Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. São Francisco do Conde, p. 40, 2020.

SANTOS, Alessandra de Souza. **Multilinguismo em Bonfim/RR: o ensino de língua portuguesa no contexto da diversidade linguística**. 2012. 144 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SANTOS, Natali da Anunciação. **Processos fonológicos do guineense moderno**. 2020. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de

Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **Introducing Second Language Acquisition**. New York: Cambridge Press, 2006.

SCANTAMBURLO, L. **Dicionário do guineense**: Volume II - Dicionário guineense-português. Bissau/Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O Léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português**: ensino bilingue português-crioulo guineense. 2013.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa no Projecto Ensino Bilingue Português-Crioulo Guineense (Paebb)** In : COOPEDU IV — Cooperação e Educação de Qualidade : Livro de Atas [en ligne]. Lisboa : Centro de Estudos Internacionais, 2019 (généré le 29 août 2023). Disponible sur Internet : . ISBN : 9791036560446.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **Educação como direito**. Revista Guineense de Educação e Cultura: estado da educação na Guiné-Bissau, 2011.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos Balanta**. 2015. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

SILÁ, Aua. **O povo Brame ou Mancanha da Guiné-Bissau**: um estudo sobre ritual fúnebre Toca-Choro (Toka Tchur). 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

SILVA, Baltazar Lopes da. (1957). **O Dialecto Crioulo de Cabo Verde**. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

SPINASSE, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. Contingência, v. 1, n. 1, 2006.

TAVARES, Vânia Virgínia Mendes Correia. **A concepção da morte no povo Balanta Patch da Guiné-Bissau**. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

TAVARES, Vânia Virgínia Mendes Correia. **Organização social e o papel das mulheres no grupo Balanta Patch no contexto da Guiné-Bissau**. 2023. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023.

TCHUDA, Jair João. **Masculinidades negras em trânsito: ser homem no grupo étnico brasabalanta da Guiné-Bissau**. 23 p. projeto (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, São Francisco do Conde-BA, 2019.

TFS Working Group. 2011. **Chore girl**. Totem Field Storyboards. Disponível em: <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/> . Acesso em Out. 2023.

TRAULE, Binto. **Fanadu, mutilação genital feminina na Guiné-Bissau entre tradição e tensões**. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

VANDER KLOK, Jozina. 2014. **‘Questionnaire on modality for cross-linguistic use.’** Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/questionnaires.php> (under “Modality”). Acesso em: Out. 2023.

VANDER KLOK, Jozina. **Contextos discursivos direcionados à modalidade no trabalho de campo**: Um questionário modal revisado. Modalidade em Linguagens Subdescritas: Métodos e Insights, v. 357, pág. 95, 2023.

WILSON, Trajano Filho - **Polymorphic Creolehood**: the “Creole” Society of Guinea-Bissau, a dissertation in Anthropology. Pittsburg, University of Pennsylvania, 1998.

WINFORD, D. **Creole Tense–Mood–Aspect Systems**. Annual Review of Linguistics, 4, 193–212. DOI: <http://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011516-034054>, 2018.

7. ANEXOS

7.1 ANEXO A – QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO

Questionário - Dados pessoais e linguísticos

Pesquisa: Estudo da modalidade no guineense

Pesquisadora: Nathália Gravonski Codinhoto

Supervisora: Profa. Dra. Núbia Ferreira Rech

Caro participante,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre o multilinguismo na Guiné-Bissau. Essa pesquisa tem como objetivo conhecer melhor o caráter multilíngue do país. A sua participação é muito importante! Você pode desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento, basta apenas não enviar o questionário.

Agradecemos a sua contribuição.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Idade *

2. Local de nascimento *

3. Grupo étnico *

4. Local de moradia atual (país/cidade): *

5. Há quanto tempo mora no local atual? *

6. Onde morou antes? *

7. Sexo *

() Feminino

() Masculino

() Prefiro não informar

8. Profissão *

9. Nível de escolaridade *

10. Qual o seu principal meio de acesso à informação? *

11. Como é o seu acesso a internet? *

() livre

() restrito

() sem acesso

12. Quantas línguas você fala? *

() 1

() 2

() 3

() 4

13. Quais línguas você fala? *

14. Qual foi a sua primeira língua? *

15. Com que frequência você fala, lê e escreve na sua primeira língua ? Escolha entre as opções abaixo. *

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Raramente
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lê	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escreve	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Qual foi a sua segunda língua? *

17. Com que frequência você fala, lê e escreve na sua segunda língua? Escolha entre as opções abaixo.

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Raramente
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entende	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escreve	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lê	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Você fala uma terceira língua? Se sim, qual? *

19. Se você fala uma terceira língua, assinale com que frequência você fala, lê e escreve na sua terceira língua. Escolha entre as opções abaixo.

Obs.: Se você não fala uma terceira língua, passe direto para a próxima pergunta.

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Raramente
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entende	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escreve	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lê	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Qual ou quais dessas línguas você aprendeu quando era criança? Assinale uma das alternativas abaixo.

() somente a língua do meu grupo étnico

() somente o guineense

() somente o português

() a língua étnica e o guineense

() a língua étnica e o português

() o português e o guineense

21. Onde você aprendeu cada uma dessas línguas? *

	Em casa	Na comunidade	Na escola
Língua do grupo étnico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Guineense	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Português	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22. Qual língua você usa ou vai usar para falar com os seus filhos? *

7.2 ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

Questionário sociocultural

Pesquisa:

Estudo da modalidade no guineense

Pesquisadora:

Nathália Gravonski Codinhoto

Supervisora:

Profª. Dra. Núbia Ferreira Rech

Caro participante,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a cultura guineense. Essa pesquisa tem como objetivo conhecer melhor os costumes, hábitos e práticas dos diferentes grupos étnicos que compõem o mosaico cultural do país, buscando saber mais sobre a diferença entre as cerimônias e rituais (casamento, enterro, circuncisão) existente entre os diversos grupos étnicos. A sua participação é muito importante! Você pode desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento, basta apenas não enviar o questionário.

Agradecemos a sua contribuição.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Qual seu grupo étnico? *

2. No seu grupo étnico, o que um homem precisa fazer para marcar a passagem da fase jovem para a fase adulta? *
3. No seu grupo étnico, o que uma mulher precisa fazer para marcar a passagem da fase jovem para a fase adulta? *
4. No seu grupo étnico, o que é exigido de uma mulher para que ela possa participar de rituais tradicionais?*
5. No seu grupo étnico, o que é exigido de um homem para que ele possa participar de rituais tradicionais? *
6. No seu grupo étnico, o que a noiva precisa fazer para completar a cerimônia de casamento?*
7. No seu grupo étnico, quais as consequências que a mulher enfrenta se não se casar? *
8. No seu grupo étnico, quais as consequências que o homem enfrenta se não passar pelo ritual de circuncisão? *
9. No seu grupo étnico, o que uma pessoa precisa fazer para se candidatar a régulo? *

7.3 ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO DE MODAIS TELEOLÓGICOS (VERSÃO EM GUINEENSE)⁷¹

Questionário 3

Bu sta na kumbidadu pa partisipa di un pesquisa sobri kultura di Guine-Bisau. Es tarbadju tene suma objetivu ntindi kuma ku guiniensis ta komporta na alguns situasons i kuma ku e ta spresa se komportamentu. Pesquisa sta organizadu na forma di quistionariu. E konta alguns situasons na guiniensi, i bu tarbadju i so marka kal opson ku na nkaxa mindjor na lakuna di kada frazi. Na quistionariu, i ka ten identifikason. No na informa di kuma bu partisipason i voluntariu, i

⁷¹ O questionário foi inserido no anexo em forma de texto, contudo, a versão original do questionário, a que foi aplicada aos participantes, contou com áudios e imagens.

tambi i pudu sedu nturumpidu qualquer ora, basta bu ka nvia es quistionariu. Ka bu disguisi di sukuta atentamenti kada situason. Si i pirsis, bu na pudi volta i obi audiu novamenti.

No na gardisiu tchiu pa bu partisipason!

Pesquisadora: Nathália Gravonski Codinhoto (nathy.cok@gmail.com)

Orientadora: Profa. Dra. Núbia Ferreira Rech (nubiarech1971@gmail.com)

1. Mustafa ku lebri

Mustafa na ianda ba na matu. Otca ki odja un lebri prezu na un armadilia, i kuri pa konta si pape. Papa, i ten un lebri prezu na un armadilia! Ke ku no na fasi? I ten so un manera di rosolvi purblema na kil mumentu, anton pape di Mustafa ruspundi di e manera: **“Pa salba lebri, no _____ tiral di armadilia.”**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

2. Kazamentu di Isnaba (parti 1)

I dia di kazamentu di Isnaba. Kumbidadus sta na pera pa sirmonia fasidu pa pudi kunsu kume Kubamba. Midana, amigu di Isnaba, i yera ba reponsavel pa leva binhu di laba mon na sirmonia, ma i diskisil na kasa. Fatu lembra kuma i ten dus opson na kintal: un karu finu ku un taxi, tudu dus i ben rapidu. Anton, Midana pensa: **“ _____ kudji karu finu pa n bai buska binhu di laba mon.”**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

3. Kazamentu di Isnaba (parti 2)

Sirmonia di kazamentu di Isnaba staba divirtidu. Odja i parsi oportunitadi, Fatu bai pertu di noiba pa falal sobri kontinuidadi di sirmonia. Anton, Fatu lembra di opsons ku noiba tene pa kompleta sirmonia di kazamentu: rapa kabesa o korta kabelu un mbokadinhu, ku sedu mindjor opson. Pa konsola noiba, Fatu kontal si spriensia: **“Pa kompleta sirmonia di kazamentu, ami _____ korta kabelu un mbokadinhu.”**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () n pudi
- () n pudi ba
- () n dibi di
- () n dibi di ba
- () n ten ku
- () n ten ba ku

4. Keba misti sedu regulu

Keba i un joven pepel, ku pertensi un familia di sangui real ku misti sedu regulu ora ku i kirsi. Un dia, mame di Keba lebal nunde chefi di tabanka pa sibi ke ku atual regulu fasi pa i torna un regulu. I ten so un manera pa un pepel sedu regulu, anton, chefi di tabanka ruspundi di e manara: **“Pa sedu regulu, _____ pasa pa ritual di fanadu ku kazamentu.”**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () n pudi
- () n pudi ba
- () n dibi di
- () n dibi di ba
- () n ten ku
- () n ten ba ku

5. Dus ermons Sunkar ku Sona

Sunkar ku Sona i ermons, i e gusta di fasi ropas di boneka ku padas di panu di pinti di se dona. Un dia, Sunkar tene ideia di fasi bistidus di boneka pa bindi. Sona odja kuma i sobriba dus tipu di panu: di Baguera, ku sedu perfiridu di si amigas, ku di Polon. Anton, i fala pa si ermon: **“No _____ fasi bistidus ku panu di Baguera pa bindi mas!”**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

6. Mustafa na kurida ku bolas.

Mustafa ku si amigus e sta na partisipa di un eventu di manga di djugus nteresanti ku na fasidu na kumunidadi. Purmeru djugu i sedu kuri ku bolas. Kin ku tciga purmeru, ku bola equilibradu na un di es objetus dispunivel na meza, i na sedu vensidur. Mustafa odja dus opsons na meza: un son dilis i garfu ki utru i kudjer, ku sedu mindjor opson. Anton, i pensa: _____ **usa kudjer pa equilibra bola fasilmenti.**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

7. Brinsan ku ritual tradisional

Brinsan sta ba na laba pratus. Odja ku si mame pertusi, Brinsan puntal ke ki pirsis fasi pa partisipa di un ritual tradisional na si kumunidadi. Si mame ruspundi kuma, na kumunidadi di mansonkas, i tem dus opsons: kaza o pera pa i konsideradu un alguin garandi. Pa konsola si fidju, mame di Brinsan konta si spriensia: “ _____ **pera pa n konsideradu un alguin garandi pa n pudi partisipa di ritual tradisional.**”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N pudi ba
- () N dibi di
- () N dibi di ba
- () N ten ku
- () N ten ba ku

8. Mansata ku Aua na un paseiu na praia

Aua kunvida Mansata pa bai pasia na praia. Otca ku e teiga lá, e fika tristi dimas pa kuantidadi di lichu ku e odja na praia. I ten so un manera di rosolvi purbulema na kil mumentu, anton Aua fala pa Mansata: “No _____ tira es lichu tudu pa no disa praia limpu.”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

9. Mustafa na ritimu di tina

Na fera kultural di kumunidadi, Mustafa aprisenta un instrumentu muzikal di Guine-Bisau: tcomadu tina. Mustafa toka un muzika bonitu. Na fin, tudu djintis ngaba si aprizentason. Un di se kolega puntal: “Kuma ku bu konsigui fasi es tina?”. Mustafa lembra di kuma i ten so un manera di fasi tina, i ruspundil: “_____ korta un kabas pa fasi tina.”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N pudi ba
- () N dibi di
- () N dibi di ba
- () N ten ku
- () N ten ba ku

10. Mustafa na kaminhu pa kaza

Dipus ku i sai di skola, Mustafa disidi riba pa kaza a pe. Mustafa lembra kuma i ten dus kaminhu pa lebal te si kaza: A ku B, tudu dus sedu kurtu. Anton, Mustafa pensa: _____ kudji kaminhu A pa riba pa kaza.

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di

- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

11. Tarbadjus di Fatu

Amigus di Fatu na tchomal pa bai brinka ku elis. Mame lembranta Fatu di kuma i ten pratu susu pa i laba. Odja ku i kaba si tarbadju, Fatu konta si mame. Anton, mame di Fatu fala: “**Bu _____ brinka gosi.**”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

12. Okanti na dia di kebur - parti 1

I epuka di kolheita di arus na Guiné-Bissau, i tudo djintis sta na djuda. Pape di Okanti, pirsibi ausensia di si fidju, i pidi Saidu pa tcoma si ermon pa djuda na kolheita. Saidu konta kal ki opsons ku Okanti tene pa ka i sedu kastigadu: fasi utrus tarbadjus o djuda na kolieta, ki sedu mindjor opson. Anton Okanti pensa: “ _____ **djuda na kolheita pa ka n sedu punidu.**”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

13. Okanti na dia di kebur - parti 2

Okanti tarbadja teiu na kebur di arus. Na ora di diskansu i bai bibi sumu bas di un arvuri. Okanti pati si kolegas yagu ku sumu, tudu dus bibidas i fresku. Nton, un di elis, fala: “**No _____ bibi yagu pa no freska kabesa!**”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

14. Nunde ku Keba sta?

Keba sta ba na brinka di kabra-segu ku si amigus. Tudu djintis resolvi bai pa matu pa kumsa nobu partida. Keba djubi tudu ladu i odja kuma i ten ba manga di kaus pa sugundi, ma tras di un po yera ba mindjor kau pa i sugundi. Dipus di Keba ganha djugu, amigus punta nunde ku Keba sta ba sukundidu, i Keba ruspundi elis: “ _____ **sugundi tras di es po pa ka ningin odjan.**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N pudi ba
- () N dibi di
- () N dibi di ba
- () N ten ku
- () N ten ba ku

15. Brinsan ku tataruga

Brinsan tene un garandi amiga ku ta vivi na mar. E ta kontra ora ku Brinsan bai pasia na praia di djiu di Polon. Na un di si paseius, Brinsan odja si amiga mbaransadu na ridia di piska. Logu, i pertusi pa djudal. Brinsan odja kuma i ten so un manera di djuda si amiga sin machukal. anton i pensa: **N na _____ tira ridia ku kuidadu pa ka n molostra tataruga.**

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamenti lakuna di frazi.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

16. Keba panha sarampu?

Keba sta ba na kaza ku kosera i ku kurpu tudu mpolmadu. Si mame, prekupadu, i leba Keba nunde un kuranderu. Dipus di kuranderu djubi-djubi ki mantcas burmedju na kurpu di Keba, i fala: “**I ____ sedu sarampu.**”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamente lakuna di frazi.

- pudi
- na pudi
- dibi di
- na dibi di
- ten ku
- na ten ku

17. Binta, Usai ku restoranti Kais

Binta ku Usai tarbadja te dipus di orariu. Otca ku e sai di loja, e sta ku garandi fomi. Ermons pensa na manga di restorantis ku sta pertu di la, **i elis tudu e ta sirbi** lachis sabi. Logu, Binta fala si ermon. “**No na _____ bai Kais pa kume un lanchi sabi.**”

Marka opson ku sta bas ku na prenxi adequadamente lakuna di frazi.

- pudi
- na pudi
- dibi di
- na dibi di
- ten ku
- na ten ku

7.4 ANEXO D – QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO DE MODAIS TELEOLÓGICOS (VERSÃO EM PORTUGUÊS)⁷²

Questionário 3

Você está convidado a participar de uma pesquisa sobre a cultura de Guiné-Bissau. Esse trabalho tem como objetivo entender como os guineenses se comportam em algumas situações

⁷² A versão em português do questionário não foi enviada aos participantes.

e como expressa seu comportamento. A pesquisa está organizada na forma de um questionário. É contado algumas situações em guineense, e seu trabalho é só marcar qual opção que melhor se encaixa na lacuna de cada frase. Este questionário é sem identificação. Informamos que sua participação é voluntária, e também pode ser interrompida a qualquer momento, basta não enviar este questionário. Não se esqueça de escutar atentamente cada situação. Se precisar, você pode voltar e ouvir o áudio novamente.

Agradecemos muito sua participação!

Pesquisadora: Nathália Gravonski Codinhoto (nathy.cok@gmail.com)

Orientadora: Profa. Dra. Núbia Ferreira Rech (nubiarech1971@gmail.com)

1. Mustafa e a lebre

Mustafa estava andando pela mata. Quando avistou uma lebre presa em uma armadilha, correu para avisar seu pai. “Papai, tem uma lebre presa em uma armadilha! O que nós vamos fazer?” O pai de Mustafa respondeu o seguinte: “**Para salvar a lebre, nós _____ libertá-la da armadilha.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

2. O casamento de Isnaba (parte 1)

É o dia do casamento de Isnaba. Os convidados estão esperando a cerimônia de comer kubamba começar. Midana, amigo de Isnaba, era o responsável por levar o vinho de lavar as mãos para a cerimônia, mas esqueceu em casa. Fatu, lembrando que no quintal tinha um carro e um tokatoka, ambos bem rápidos, disse para Midana: “**Você _____ escolher o carro para buscar o vinho de lavar as mãos.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di

- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

3. O casamento de Isnaba (parte 2)

A cerimônia de casamento de Isnaba estava muito divertida. Quando surgiu a oportunidade, Fatu se aproximou da noiva para falar sobre a continuidade da cerimônia. Fatu, então, lembrou das opções que a noiva tinha para completar a cerimônia de casamento: raspar o cabelo ou cortá-lo apenas um pouco, que seria a melhor opção. Então a noiva disse: **“Para completar a cerimônia de casamento, eu _____ cortar um pouco do cabelo.”**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () n pudi
- () n pudi ba
- () n dibi di
- () n dibi di ba
- () n ten ku
- () n ten ba ku

4. Keba quer ser régulo

Keba é um jovem pepel que quer muito se tornar régulo quando crescer. Um dia, a mãe de Keba o levou até o ancião da tabanca para saber o que Keba precisava fazer para se tornar um régulo. Sabendo que Keba pertencia a uma família de sangue real, o ancião respondeu: **“Para ser régulo, você _____ passar pelo ritual de circuncisão e se casar.”**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () n pudi
- () n pudi ba
- () n dibi di
- () n dibi di ba
- () n ten ku
- () n ten ba ku

5. As irmãs Sunkar e Sona

Sunkar e Sona são irmãs e adoram fazer roupas de boneca com as sobra de panu di pinti da avó. Um dia, Sunkar teve a ideia de fazer vestidos de boneca para vender. Sona viu que tinha sobrado

dois tipos de pano: Baguêra, o preferido das amigas, e Polôn. Então, disse para a irmã: **“Nós _____ fazer vestidos com pano Baguêra para vender mais!”**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

6. Mustafa em corrida com bolas

Mustafa e seus amigos estão participando de um evento cheio de jogos legais na comunidade. O primeiro jogo é a *corrida com bolas*. Quem chegar primeiro equilibrando a bola em um dos objetos disponíveis na mesa será o vencedor. Mustafá encontrou duas opções na mesa: um garfo e uma colher. Ele, então, pensou: **Eu _____ usar a colher para equilibrar a bola facilmente.**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

7. Brinsan e os rituais tradicionais

Brinsan estava lavando louça. Quando a mãe se aproximou, Brinsan perguntou o que precisava fazer para participar de alguns rituais tradicionais em sua comunidade. A mãe respondeu que, na comunidade mansoanca, havia duas opções: se casar ou esperar ser considerada uma idosa. Brinsan então pensou: **“Eu _____ esperar ser considerada idosa para participar de rituais tradicionais.”**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N pudi ba
- () N dibi di

- () N dibi di ba
- () N ten ku
- () N ten ba ku

8. Mansata e Aua em um passeio na praia

Aua convidou Mansata para dar um passeio na praia. Quando chegaram lá, ficaram muito tristes com a quantidade de lixo que tinha ao longo da praia. Só havia uma maneira de resolver o problema naquele momento, então Aua disse para Mansata: “**Nós _____ recolher todo esse lixo para deixarmos a praia limpa.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

9. Mustafa em ritmo de tina

Na feira cultural da comunidade, Mustafa apresentou um instrumento musical típico da Guiné-Bissau: a tina. Mustafa tocou uma bela música. No final, todos aplaudiram sua performance. Um dos colegas perguntou: “Como se faz uma tina?”, e Mustafa respondeu: “**Você _____ cortar uma cabaça para confeccionar a tina.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N pudi ba
- () N dibi di
- () N dibi di ba
- () N ten ku
- () N ten ba ku

10. Mustafa em rotas para casa

Depois que saiu da escola, Mustafa decidiu voltar para casa a pé. Mustafa lembrou que existem dois caminhos que o levam até sua casa: A e B, ambos são bem curtos. Mustafa então pensou: **Eu _____ escolher o caminho A para voltar para casa.**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

11. Os afazeres de Fatu

‘Os amigos estão chamando Fatu para brincar com eles. A mãe lembrou Fatu que tinha louça suja para lavar. Ao finalizar sua tarefa, Fatu avisou a mãe. A mãe de Fatu então disse: “**Você _____ brincar agora.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

12. Okanti em um dia de colheita - parte 1

É época da colheita de arroz na Guiné-Bissau, e todos estão ajudando. O pai de Okanti, percebendo a ausência do filho, pediu a Saidu que chamasse o irmão para ajudar na colheita. Ao encontrar Okanti, Saidu disse para o irmão: “**Você _____ ajudar na colheita para não ser punido.**”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di
- () N ten ku
- () N na ten ku

13. Okanti em um dia de colheita - parte 2

Okanti trabalhou bastante na colheita de arroz. No intervalo, ele resolveu tomar uarga debaixo da sombra de uma grande árvore. Quando alguns colegas se aproximaram cansados, Okanti disse: **“Vocês _____ beber uarga aqui comigo para se hidratar e descansar!”**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () pudi
- () na pudi
- () dibi di
- () na dibi di
- () ten ku
- () na ten ku

14. Onde está o Keba?

Keba estava brincando de cabra-cega com seus amigos. Todos resolveram ir para a floresta começar uma nova partida. Keba observou ao redor e viu que podia se esconder em muitos locais, mas atrás do arbusto era o melhor esconderijo. Então, ele pensou: **Eu _____ me esconder atrás do arbusto para ninguém me achar.**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N pudi ba
- () N dibi di
- () N dibi di ba
- () N ten ku
- () N ten ba ku

15. Brinsan e a tartaruga

Brinsan tem uma grande amiga marinha. Elas se encontram quando Brinsan vai passear pelas praias da pequena ilha do Poilão. Em um dos passeios, Brinsan avistou sua amiga presa em uma rede de pesca. Então, ela se aproximou para ajudá-la. Antes de retirar a rede, Brinsan pensou: **Eu _____ tirar a rede com cuidado para não ferir a tartaruga.**

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- () N pudi
- () N na pudi
- () N dibi di
- () N na dibi di

- N ten ku
- N na ten ku

16. Keba panha sarampu?

Keba estava em casa com muita coceira e com o corpo cheio de bolhas. Sua mãe, preocupada, levou Keba até um ancião. Depois de analisar as manchas vermelhas no corpo de Keba, o ancião disse: “_____ ser sarampo”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- pudi
- na pudi
- dibi di
- na dibi di
- ten ku
- na ten ku

17. Binta e Ussai e o restaurante Kais

Binta e Ussai trabalharam até tarde. Quando saíram da loja, estavam famintas por um lanche. As irmãs pensaram nos vários restaurantes que havia ali por perto e que serviam lanches deliciosos. Então, Binta disse à irmã: “Nós _____ ir ao Kais para comer um lanche bem gostoso!”

Assinale a alternativa a seguir que preenche adequadamente a lacuna da frase.

- pudi
- na pudi
- dibi di
- na dibi di
- ten ku
- na ten ku